

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DISSERTAÇÃO**

**MULHERES NO ALTAR: LITERATURA E EMPODERAMENTO  
FEMININO CRISTÃO NA OBRA DA PASTORA ANTONIETA ROSA  
VIEIRA (1987-2009)**

**Joana Freitas da Silva Fernandes**

**2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
LINHA DE PESQUISA: RELAÇÕES DE PODER, LINGUAGENS E HISTÓRIA  
INTELLECTUAL**

**MULHERES NO ALTAR: LITERATURA E EMPODERAMENTO FEMININO  
CRISTÃO NA OBRA DA PASTORA ANTONIETA ROSA VIEIRA (1987-2009)**

**JOANA FREITAS DA SILVA FERNANDES**

*Sob a Orientação do Professor*  
Yllan de Mattos Oliveira

*e Coorientação do Professor*  
Clinio de Oliveira Amaral

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, no Curso de Pós-graduação em História, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

Seropédica, RJ  
Março de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F363m FERNANDES, JOANA FREITAS DA SILVA, 1985-  
Mulheres no Altar: literatura e empoderamento  
feminino cristão na obra da pastora Antonieta Rosa  
Vieira (1987-2009) / JOANA FREITAS DA SILVA  
FERNANDES. - RIO DE JANEIRO, 2023.  
156 f.

Orientador: Yllan de Mattos Oliveira .  
Coorientador: Clinio de Oliveira Amaral.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em  
História - Curso de MESTRADO, área de concentração em  
Relações de Poder e Cultura., 2023.

1. Pastoras . 2. Evangélicos. 3. Pentecostais . 4.  
Empoderamento . 5. Mulheres . I. Oliveira , Yllan de  
Mattos , 1981-, orient. II. Amaral, Clinio de  
Oliveira , 1978-, coorient. III Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em  
História - Curso de MESTRADO, área de concentração em  
Relações de Poder e Cultura.. IV. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 389 / 2023 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.023153/2023-52

Seropédica-RJ, 17 de abril de 2023.

JOANA FREITAS DA SILVA FERNANDES

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 14 de abril de 2023

Dra. ELIZETE DA SILVA, UEFS Examinadora Externa à Instituição

Dr. ALAIN PASCAL KALY, UFRRJ Examinador Externo ao Programa

Dr. CLINIO DE OLIVEIRA AMARAL, UFRRJ Coorientador e presidente

*(Assinado digitalmente em 18/04/2023 07:27 )*  
ALAIN PASCAL KALY  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptHRI (12.28.01.00.00.00.86)  
Matrícula: 1766614

*(Assinado digitalmente em 17/04/2023 13:21 )*  
CLINIO DE OLIVEIRA AMARAL  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptHRI (12.28.01.00.00.00.86)  
Matrícula: 1715783

*(Assinado digitalmente em 17/04/2023 16:42 )*  
ELIZETE DA SILVA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 110.062.005-25

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **389**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **17/04/2023** e o código de verificação: **bd68d44ad4**

*Dedico este trabalho, postumamente, à minha tia, Pastora Dalva Vieira. Uma mulher formidável, que, com sua vida, mostrou não haver limites para a missão de alguém cuja grande motivação é o amor e a caridade. Sua trajetória representou a mulher que aqui tentei olhar de forma mais profunda. Obrigada por seu exemplo, mesmo que não esteja hoje entre nós, seu legado permanece vivo.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Deus, por sempre me conduzir, fortalecer e amparar nas minhas dificuldades.

Ao meu marido, Magno Fernandes, por acreditar em mim mais do que eu mesma e ser meu grande parceiro na jornada da vida. Tenho convicção de que, sem seu apoio, sua paciência e seu desprendimento, este trabalho não teria sido concluído.

Aos meus pais, Marli e Paulo, por sempre me amarem, apoiarem e por dividirem comigo suas histórias, gerando em mim o desejo pelo conhecimento do outro. Vocês foram fundamentais na constituição dessa historiadora.

À minha irmã Débora, pelo incentivo, inspiração e encorajamento.

À minha irmã Simone, por me ajudar e estar ao meu lado desde sempre.

Aos meus filhos, Lara e Pedro. Vocês são sopros de vida e alegria em meio às lutas cotidianas, razões sempre suficientes para sorrir e ter esperança.

Aos meus sogros, Jorge e Valdete, por me receberem com tanto carinho em sua família e por me ajudar sempre sem restrições ou reservas.

Aos professores que me guiaram nessa trajetória, em especial, aos que me orientaram, Yllan de Mattos Oliveira, pelo auxílio no desenvolvimento desta pesquisa, e Clinio de Oliveira Amaral, por ter sido fundamental para o desfecho deste trabalho.

A todos que de alguma forma apoiaram essa minha ousadia, meu muito obrigada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

FERNANDES, Joana Freitas da Silva. *Mulheres no altar: literatura e empoderamento feminino cristão na obra da pastora Antonieta Rosa Vieira (1987-2009)*. 156f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

A presente dissertação analisa o surgimento e a legitimação do ministério pastoral feminino nas igrejas pentecostais brasileiras no fim do século XX. A análise foi realizada por meio do discurso literário presente na obra da pastora Antonieta Rosa Vieira, importante autora evangélica pentecostal do período, consagrada pastora em 2010 na Assembleia de Deus da Penha. O foco da observação está nos livros que a autora escreveu para o público feminino entre 1987 e 2009. A análise se inicia em *A mulher e as pequeninas coisas* (1987), primeiro livro publicado pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), direcionado exclusivamente ao público feminino. Segue-se com *A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra* (1990), segunda obra da autora compondo a série *Mulher e Bíblia* (CPAD). Depois, direciona-se o olhar para duas publicações realizadas entre o final do século XX e o início do XXI: *O trabalho da mulher na igreja* (1997), publicado pela editora Jeová Nissi, e *A mulher cristã e os desafios da liderança* (2009), publicado novamente pela CPAD. O objetivo foi mostrar, por meio dos discursos e das memórias da autora, as mudanças operadas em relação à subjetividade e participação da mulher no séquito evangélico pentecostal durante o período em análise, contrapondo pontos de permanência e ruptura em relação à ordem patriarcal vigente.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulheres evangélicas; pentecostalismo; empoderamento; pastoras; Antonieta Rosa Vieira.

## ABSTRACT

FERNANDES, Joana Freitas da Silva. *Women at the altar: literature and Christian feminine empowerment in the work of pastor Antonieta Rosa Vieira (1987-2009)*. 156f. Dissertation (Master's Degree in History) – Institute of Human and Social Sciences, Graduate Program in History, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

This dissertation analyzes the emergence and legitimation of female pastoral ministry in Brazilian Pentecostal churches at the end of the 20th century. The analysis was carried out through the literary discourse present in the work of priestess Antonieta Rosa Vieira, an important pentecostal evangelical author of the period, consecrated pastor in 2010 in the Assembly of God of Penha. The focus of observation will be on the books that the author wrote for the female audience between 1987 and 2009. The analysis begins with *A mulher e as pequeninas coisas* (1987), the first book published by Publishing House of the Assemblies of God – Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) – aimed exclusively at a female audience. It follows with *A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra* (1990), the author's second work composing the collection *Mulher e Bíblia* (CPAD). Then we direct our gaze to two publications published between the end of the 20th century and the beginning of the 21st century: *O trabalho da mulher na igreja* (1997), published by Jeová Nissi, and *A mulher cristã e os desafios da liderança* (2009), published again by CPAD. The objective is to show through the author's speeches and memories, the changes operated in relation to the subjectivity and participation of women in the Pentecostal evangelical entourage during the period under analysis, opposing points of permanence and rupture in relation to the current patriarchal order.

**KEYWORDS:** evangelical women; pentecostalism; empowerment; women pastors; Antonieta Rosa Vieira.



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Gênero e tempo de pertencimento na igreja.....	62
Tabela 2 – Opinião sobre a participação das mulheres na hierarquia da Igreja .....	67

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Participação em alguma atividade na igreja.....	63
Gráfico 2 – Ênfases na participação eclesial segundo gênero .....	64
Gráfico 3 – Casamentos entre evangélicos e não evangélicos por gênero .....	65
Gráfico 4 – Ênfases carismáticas segundo gênero .....	73

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO I – A APLICAÇÃO DO CONCEITO DE EMPODERAMENTO NA TRAJETÓRIA DA MULHER PENTECOSTAL (1987-2009) .....	15
1.1 O espaço da mulher nas igrejas pentecostais .....	17
1.2 Pensando empoderamento a partir das múltiplas ideias de poder.....	23
1.3 O discurso como poder .....	27
CAPÍTULO II – PASTORA ANTONIETA ROSA VIEIRA: UMA ANÁLISE BIOGRÁFICA E LITERÁRIA .....	35
2.1 A mulher e as pequeninas coisas: os tesouros espirituais do cotidiano .....	39
2.2 A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra.....	44
2.3 O trabalho da mulher na igreja .....	48
2.4 A mulher cristã e os desafios da liderança.....	52
CAPÍTULO III – A LEGITIMAÇÃO DO PASTORADO FEMININO NAS IGREJAS PENTECOSTAIS (1987-2009): PERSPECTIVAS, CAMINHOS E DISCURSOS .....	61
3.1 O perfil sociológico da mulher pentecostal .....	61
3.2 Modificações nas relações de gênero dentro do pentecostalismo: a mulher na casa de Deus .....	66
3.3 Dualidades, rupturas e acomodações: a mulher na casa dos homens .....	69
3.4 Mafra e os gêneros eclesiais .....	71
3.5 O carisma da mulher pentecostal .....	73
CAPÍTULO IV – OBEDECER A DEUS OU AOS HOMENS? MEMÓRIAS DE ANTONIETA ROSA VIEIRA.....	77
CONCLUSÃO .....	89
FONTES .....	93
BIBLIOGRAFIA .....	95
ANEXOS .....	101
ANEXO A – ENTREVISTA COM A PASTORA ANTONIETA ROSA VIEIRA	101
ANEXO B – ILUSTRAÇÕES NA OBRA DE ANTONIETA ROSA VIEIRA .....	151



## INTRODUÇÃO

As mudanças de paradigma em relação ao feminino nas sociedades modernas, em especial a partir da década de 1970, contribuíram para que as mulheres brasileiras assumissem novos espaços sociais. Na arena religiosa, não foi diferente, diversas mulheres passaram a desempenhar novos papéis em função da instituição à qual pertenciam, consolidando ainda mais sua importância histórica para manutenção e crescimento dessas instituições.

Segundo pesquisas, que serão apresentadas nos próximos capítulos desta dissertação, a presença feminina é predominante em todas as confissões religiosas conhecidas e professadas no Brasil. No meio evangélico de vertente pentecostal, a diferença entre homens e mulheres mostra-se ainda mais discrepante: elas representam hoje 58% dos fiéis dessas igrejas (DATAFOLHA, 2020 apud BALLOUSIER, 2020). Esse percentual expressivo já vinha sendo verificado pelo IBGE desde a segunda metade do século XX apresentando poucas oscilações.

Os números dão um panorama assertivo da importância feminina para o movimento pentecostal brasileiro e nos ajudam a explicar o processo de transição no qual elas deixaram as funções secundárias, de base, e passaram a exercer também a liderança em alguns núcleos dentro dessas estruturas, historicamente conservadoras e patriarcais.

Enquanto em parte das igrejas evangélicas consideradas tradicionais a ascensão feminina ao serviço pastoral ainda é rechaçada, caso das igrejas Batistas e Presbiterianas por exemplo, uma grande parcela de igrejas evangélicas pentecostais aceita mulheres no cargo de pastoras desempenhando funções de liderança nas congregações. Verificou-se também a fundação de diversas denominações pentecostais autônomas por mulheres, que, na maior parte das vezes, lançaram-se ao ministério individual por não terem encontrado os espaços desejados dentro de suas congregações de origem.

Esse fenômeno efetuou-se em uma dinâmica extrínseca iniciada no fim do século XX em igrejas de menor porte e institucionalização, alcançando já no início do século XXI as maiores e mais influentes instituições dentro dessa vertente cristã. Um exemplo do que foi afirmado é que a Assembleia de Deus do Brasil, maior denominação pentecostal brasileira, ordenou sua primeira pastora em 2005 durante sua convenção nacional.

É de fundamental importância salientar que o caminho percorrido na maior parte das vezes por esse perfil de liderança feminino não foi o de ruptura e sim de reforço à ordem patriarcal preexistente. Ao menos nos discursos, aqui fazendo um recorte nos discursos literários proferidos durante o período em análise, a mulher parece corroborar para manutenção

do modelo relacional de gênero consolidado ao longo do tempo tanto na família quanto na igreja, criando uma contradição entre o que é dito e o que é de fato materializado. Esse é um ponto central deste trabalho: compreender, por meio desses discursos, os mecanismos de legitimação de tais lideranças em uma relação ambivalente entre avanços e permanências.

Durante esse processo, alguns estudos tentaram explicar o advento da liderança evangélica feminina em igrejas pentecostais. A maior parte deles aconteceu no campo da sociologia e da antropologia por autoras como Clara Mafra, Maria das Dores Machado, Fabíola Rohdem, entre outras, que trouxeram algumas perspectivas válidas sobre as relações de gênero e poder dentro da esfera pentecostal no Brasil. Tais perspectivas serão aprofundadas no decorrer deste trabalho. Por enquanto, é necessário ressaltar que as ambivalências encontradas ao olhar para esse perfil de mulher costumam inviabilizar uma visão ampliada desse sujeito histórico, principalmente sob a ótica feminista, conforme detalharei a seguir.

Ao buscar delinear o perfil da mulher pentecostal aqui retratado, lidamos com uma barreira epistemológica formada principalmente pela influência das teorias feministas no campo das ciências humanas e sociais: a barreira conceitual estabelecida na conjunção entre as ideias de ação e resistência. Ao unificar essas ideias, as teorias feministas invisibilizam a agência de mulheres que não se constituam em resistência à ordem patriarcal.

Em outras palavras, dentro dessa ótica, a agência feminina apenas é válida quando objetiva a desestruturação de uma ordem considerada conservadora e opressora. Nessa perspectiva secular e liberal, a figura pentecostal aqui demarcada estaria sob uma roupagem de opressão, ignorância e manipulação sem qualquer espaço para ação individual.

Essa lógica feminista foi objeto de análise da antropóloga paquistanesa Saba Mahmood (2006). Ao direcionar suas observações às mulheres islâmicas, a autora passou a defender uma separação entre a noção de agência e resistência como um passo necessário para pensar as formas de vontade e de política que não se adequassem às normas seculares e liberais feministas. Para Mahmood (2006), as teorias feministas, por seu caráter liberal e secular, não conseguiriam reconhecer a ação desenvolvida por mulheres dentro de estruturas religiosas, uma vez que o pertencimento a essa conjuntura, invariavelmente, tornaria esses sujeitos passivos, oprimidos e manipuláveis invisibilizando qualquer ação autônoma.

Dessa forma, as mulheres pentecostais aqui analisadas seriam, no olhar feminista secular liberal, desprovidas de qualquer esforço de vontade desarticulado de sua condição subalterna. Essa é a ideia da qual tentarei me afastar ao longo desta análise.

Direcionando o foco para compreensão da percepção de que as mulheres pentecostais têm sobre si, sobre seu lugar na igreja e sobre as relações de poder das quais são parte, além de sua perspectiva em relação ao sacerdócio e à prática da liderança no seio da igreja, busca-se também apreender até que ponto elas se veem enquanto indivíduos e sujeitos produtores de significados. Somente dessa forma será viável a reflexão sobre sua condição e atuação na igreja, demarcando nos discursos suas intencionalidades.

Com intuito de construir a abordagem necessária à percepção das questões elencadas, será analisado o aumento da participação feminina nas posições de liderança dentro do segmento cristão pentecostal durante o período de 1987-2009 por meio dos discursos literários produzidos nesse recorte temporal. O foco será nos livros da missionária, autora e pastora Antonieta Rosa Vieira, importante autora pentecostal do período que exemplifica, por sua trajetória, o perfil feminino aqui observado. Trata-se de uma mulher negra que gradativamente ascendeu a posições de liderança na Igreja Assembleia de Deus da Penha, bairro periférico localizado no município do Rio de Janeiro, tendo fundado várias congregações durante a última década do século XX, ao passo que pioneiramente publicava livros voltados ao público feminino pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus do Brasil (CPAD), principal editora evangélica pentecostal brasileira em que ela atuou em diversos cargos, inclusive de direção.

Em 1987, a autora publicou seu primeiro livro direcionado com exclusividade ao público feminino *A mulher e as pequeninas coisas*. Diante do sucesso da vendagem do livro e de sua boa aceitação no universo pentecostal, uma nova obra foi lançada em 1990 intitulada *A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra*. Seguiu-se então mais duas obras que aqui serão analisadas: *O trabalho da mulher na igreja* (1997) e *A mulher cristã e os desafios da liderança* (2009). A leitura dessas obras realiza-se em conjunto com a autobiografia da autora, lançada em 2019 e com os apontamentos feitos durante a entrevista<sup>1</sup> com ela em 2021. Pretende-se, dessa forma, traçar um paralelo entre os discursos proferidos em sua literatura e os discursos experienciados em sua trajetória.

O primeiro capítulo discute a adequação do termo “empoderamento” ao objeto da pesquisa, uma vez que, como já pontuado, a mulher evangélica pentecostal, mesmo alcançando novos patamares de influência dentro de suas igrejas, ainda preserva, no discurso e na vida familiar, as estruturas patriarcais, o que torna esse termo inapropriado dentro das perspectivas feministas mais correntes. Procura-se então aqui deslocar o termo “empoderamento” das

---

<sup>1</sup> A entrevista realizada por Joana Fernandes com a pastora Antonieta Rosa Vieira, de onde foram retirados os trechos citados, encontra-se na íntegra no Anexo A desta dissertação.

abordagens feministas mais tradicionais pautadas na ideia de poder/dominação, para uma aplicação mais restrita e apropriada ao processo estudado, pautada na ideia de poder/capacidade/possibilidade.

No segundo capítulo, traça-se um paralelo entre a vida e a obra da pastora Antonieta Rosa Vieira, com objetivo de descrever o perfil da mulher pentecostal desse período a partir da dualidade presente entre suas ações e seus discursos. Busca-se, então, o contraponto entre os discursos vividos e falados, apontando elementos emancipadores e conservadores de seu papel nas igrejas.

No terceiro capítulo, realiza-se um balanço do aumento da presença da mulher em postos de liderança nas igrejas pentecostais durante o período. Por meio da leitura de artigos sociológicos produzidos durante o processo, obtém-se uma visão panorâmica das transformações ocorridas dentro das igrejas desse *ethos*. Por outro lado, junta-se a essas leituras a observação das modificações na fala e no tom das literaturas produzidas para essa mulher. Com foco na obra da pastora Antonieta, estrutura-se um trajeto discursivo emancipador, começando de seu primeiro livro *A mulher e as pequeninas coisas*, editado em 1987, passando por *A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra* (1990), *O trabalho da mulher na igreja* (1997) e, finalizando, *A mulher cristã e os desafios da liderança* (2009).

No quarto capítulo, aborda-se o contexto de uma entrevista realizada em 2021 pela autora desta dissertação com a pastora Antonieta, buscando, com isso, retratar sua condição de fala e memória além das impressões intencionais e ocasionais apreendidas durante esse diálogo.

Por último, encerramos esta dissertação apresentando algumas conclusões e considerações sobre a análise desenvolvida. Ademais, incluímos dois anexos: a transcrição da entrevista realizada com Antonieta Rosa Vieira em 2021 e as ilustrações presentes em duas obras suas – *A mulher e as pequeninas coisas: os tesouros espirituais do cotidiano* (1987) e *A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra* (1990).

## **CAPÍTULO I – A APLICAÇÃO DO CONCEITO DE EMPODERAMENTO NA TRAJETÓRIA DA MULHER PENTECOSTAL (1987-2009)**

A multiplicidade de cristianismos chegou ao Brasil, de fato, durante o século XIX. As nuances dessa chegada, de seu estabelecimento, seu impacto, sua fragmentação, da participação e trajetória feminina em sua formação, assim como a adequação do conceito de empoderamento a essa trajetória, serão os temas de análise deste capítulo.

O protestantismo foi iniciado no Brasil já no século XVI com as tentativas colonizadoras dos franceses e holandeses. Com o fracasso dessas empreitadas, a fé protestante foi sublimada pela católica por mais alguns séculos. A presença protestante foi novamente verificada no Brasil durante o início do século XIX com a chegada de alemães luteranos e anglicanos. Sucedendo-se a chegada das denominações Presbiteriana, Batista, Metodista e Pentecostalista, trazidas por missionários europeus e norte-americanos.

O movimento pentecostal baseia suas convicções de fé, no resgate dos acontecimentos de Pentecostes, narrado no livro bíblico de Atos dos apóstolos. De acordo com essa narrativa, o Espírito Santo, prometido por Jesus antes de sua ascensão aos céus, teria sido dado aos crentes em um dia conhecido na tradição judaica como *Pentecostes*. Esse “derramar do Espírito” teria sido evidenciado por meio de manifestações sobrenaturais como o falar em línguas estranhas, visões espirituais e curas divinas. Para essa linha de fé, os verdadeiros crentes recebem dons divinos evidenciados em manifestações espirituais.

Essa vertente religiosa originou-se na cidade de Chicago (Estados Unidos da América) durante a primeira década do século XX. Os pentecostais veem como marca de sua confissão de fé as práticas originárias do Espírito Santo. Sua liturgia é marcada pela valorização de improvisos, normalmente motivados por um direcionamento recebido espiritualmente.

No Brasil, a linha protestante ou, como habituou-se a chamar, evangélica pentecostal (MAFRA, 2001), passou por diversos cismas internos, fragmentando-se em diversas denominações, formando um campo heterogêneo. Como ponto de partida do pentecostalismo brasileiro, temos a formação da Igreja Cristã do Brasil (1910) e Assembleia de Deus do Brasil em (1911). Para o sociólogo Paul Freston (1993), a formação dessas denominações daria início à primeira “onda” pentecostal brasileira, seguida pela segunda entre 1950 e 1960 e, por fim, à terceira a partir de 1970.



Outro autor a classificar a trajetória pentecostal no Brasil em três momentos distintos foi o sociólogo Ricardo Mariano (1999), porém, diferentemente de Freston, que ao fazer a divisão levou em consideração predominantemente o caráter teológico, Mariano colocou seu enfoque no caráter histórico de formação das denominações integrantes do movimento. Sendo assim, o pentecostalismo brasileiro poderia ser seccionado em: clássico, deutepentecostalismo e neopentecostalismo.

Dessa forma, o pentecostalismo clássico apresentado pelo autor teria como ponto central, em sua teologia, o dom de línguas e o radicalismo ascético em sua oposição ao mundo exterior. Esse pentecostalismo foi caracterizado nas primeiras décadas do século XX, sendo representado, sobretudo, pela Igreja Cristã do Brasil (São Paulo – 1910) e pela Assembleia de Deus do Brasil (Belém do Pará – 1911), denominações aqui já citadas.

O segundo momento pentecostal, chamado pelo autor de deutepentecostalismo, seria representado pelas denominações que surgiram ao final da década de 1950, das quais podemos destacar: Igreja do Evangelho Quadrangular (São Paulo – 1953), Brasil para Cristo (São Paulo – 1955), Deus é Amor (São Paulo – 1962) e Casa da Bênção (Belo Horizonte – 1964). Ao fazer a divisão dessas duas primeiras fases pentecostais, Mariano levou em consideração aspectos históricos e institucionais, não fazendo distinções teológicas entre elas. Porém, podemos destacar que, em relação à primeira, essa nova vertente agrega aos ritos pentecostais a busca pela manifestação de curas divinas.

Em meados da década de 1970, iniciou-se o que seria a terceira vertente pentecostal: a formação das primeiras denominações neopentecostais deu-se a partir da dissidência de alguns membros da Igreja Nova Vida, fundada no Brasil por missionários canadenses em 1960. Tais dissidentes formaram as principais denominações dessa linha, dentre as quais se destacam: Igreja Universal do Reino de Deus (Rio de Janeiro – 1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (Rio de Janeiro – 1980), Igreja Evangélica Cristo Vive (Rio de Janeiro – 1986). Além delas, podemos citar também a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiás – 1976), Comunidade da Graça (São Paulo – 1979), Renascer em Cristo (São Paulo – 1986).

Segundo Mariano (1999), essas igrejas, em suas pregações, incorporaram aos dogmas pentecostais o enfoque em uma guerra espiritual travada entre o crente e o diabo, além da introdução de uma teologia centrada na prosperidade como evidência da bênção divina. Outro fator relevante dessa tendência foi uma “liberalização dos estereótipos usos e costumes de santidade” (MARIANO, 1999, p. 36).

Desde então, o pentecostalismo tem crescido vertiginosamente no Brasil, representando hoje a maior parcela dos cristãos protestantes brasileiros (CENSO, 2010). Em 1980, os pentecostais representavam cerca de 49% da população evangélica brasileira, saltando nas duas décadas seguintes para 67% em 1991, chegando a 68% no ano 2000, ultrapassando as igrejas protestantes históricas.

Esse crescimento deve-se, sobretudo, ao fato dessa linha heterodoxa de fé centrar seu proselitismo às demandas das camadas mais populares, alcançando a parte empobrecida da sociedade. Além desse fator, a abolição da mediação dos santos (presente na tradição católica) torna a relação com a divindade algo mais pessoal, dando ao fiel a possibilidade de ter dentro de si a presença do Espírito Santo, contribuindo para a multiplicação de membros nas diversas denominações dessa vertente (ROLIM, 1987).

### 1.1 O espaço da mulher nas igrejas pentecostais

As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma *coisa*, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja. Porventura, saiu dentre vós a palavra de Deus? Ou veio ela somente para vós? (BÍBLIA, I Coríntios, 14, 34-36, Almeida Revista e Corrigida).

O pequeno trecho acima foi retirado, conforme a tradição, de uma carta escrita no ano 56 da era cristã pelo apóstolo<sup>2</sup> Paulo para a igreja fundada por ele em Corinto (Grécia). Apesar de sua antiguidade, o discurso proferido nesse pequeno fragmento de texto foi amplamente utilizado em diversos momentos históricos como mecanismo de legitimação da dominação hegemônica masculina no âmbito das igrejas cristãs evangélicas.

Em grande parte dessas igrejas, o ministério<sup>3</sup> feminino constituiu-se em algo duramente rechaçado, cabendo a essas mulheres apenas as funções secundárias dentro dos espaços ritualísticos – cultos, celebrações, manifestações espirituais – e institucionais – organização administrativa das denominações evangélicas (MAFRA, 2001).

---

<sup>2</sup> Título primeiramente dado aos doze discípulos de Jesus, sendo posteriormente estendido àqueles que se dedicaram à propagação de sua mensagem pelo mundo. Paulo recebeu esse título por seu pioneirismo em expandir o alcance do cristianismo a diversos povos não judeus.

<sup>3</sup> Ministério é igual a “serviço”. Nas igrejas evangélicas pentecostais, muitas vezes implica estar em uma função de destaque.

Nas igrejas evangélicas brasileiras, assim como na sociedade, os papéis de gênero<sup>4</sup> sempre estiveram bem demarcados. A mulher evangélica, sobretudo pentecostal, habituou-se a funções secundárias como: lecionar para crianças nas escolas dominicais, dirigir reuniões de oração e organizar as iniciativas de ação social, Ao passo que os postos de maior autoridade permaneciam em mãos masculinas. Enquanto a elas cabia a responsabilidade de “sustentar” em oração sua família e igreja, a eles cabia a condução do rebanho<sup>5</sup> de Cristo (MACHADO, 2005).

Essa estrutura impedia a ordenação pastoral (elevação ao posto de dirigente nas congregações evangélicas) de mulheres nas igrejas pentecostais, onde a liderança feminina era tratada como caso de rebeldia e falta de submissão à “palavra de Deus”. Em muitas denominações dessa vertente, não era permitido sequer o acesso de mulheres aos locais de fala e destaque (altares) durante as reuniões, a fim de defender a pureza e a santidade desse espaço. O altar como local sagrado só deveria ser pisado por homens escolhidos por Deus para conduzir a igreja.

A partir do final da década de 80 do século XX, verificou-se o início da flexibilização dessa estrutura. Mesmo que timidamente, as mulheres passaram a circular por novos espaços dentro das igrejas pentecostais. Em um primeiro momento, sua presença nos altares começou a ser percebida com maior naturalidade, elas subiam para pequenos recados, direção de momentos de oração ou para entoar cânticos espirituais durante os cultos e as celebrações.

No início dos anos 1990, já era aceitável, em boa parte dessas igrejas, que mulheres fossem responsáveis pelos sermões, sobretudo em cultos direcionados ao público feminino, que, deve-se ressaltar, era consideravelmente maior dentro dessas igrejas, correspondendo a cerca de 69% da membresia (IBGE, 1991 apud MAFRA, 1996).

Sobre esse avanço, tomaremos por base os estudos da socióloga Maria das Dores Machado, que, tecendo uma análise sobre as relações de gênero no meio pentecostal entre 1990 e 2005, nos apresenta alguns elementos significativos. Machado (2005) inicia sua observação fazendo um panorama do crescimento dos grupos evangélicos a partir do fim da década de 1980, crescimento esse ocorrido, segundo a autora, devido à multiplicação e propagação do pentecostalismo.

De início, é bom informar que a curva ascendente dessa categoria religiosa está diretamente relacionada com a difusão e a diversificação do pentecostalismo. Afinal, representando 49% dos evangélicos identificados em

---

<sup>4</sup> Toma-se aqui por gênero a ideia binária e historicamente construída que determina a maneira como os indivíduos serão identificados, assim como deverão se portar socialmente.

<sup>5</sup> Forma figurativa usada pelos evangélicos para se referir à membresia de uma igreja.

1980, os pentecostais deixaram para trás os chamados protestantes históricos nas duas décadas seguintes, com sua taxa subindo para 67% em 1991 e 68% em 2000. (MACHADO, 2005, p. 387).

Outro dado relevante explicitado em seu texto é o que se refere à grande participação feminina nesses grupos religiosos. Machado (2005) salienta que, entre todas as confissões religiosas, a linha evangélica é a que continha o segundo maior percentual de participação feminina, chegando a 56% no Censo 2000. Esses índices poderiam ser ainda maiores nas principais denominações pentecostais do período:

Além disso, é preciso lembrar que os evangélicos encontram-se entre os grupos religiosos que apresentam as maiores taxas de fiéis do sexo feminino em suas fileiras. Para ser mais precisa, a proporção das mulheres 56% – é superior em 5 pontos percentuais à representação feminina na população brasileira – 51% –, e só perde para os espíritas, onde as mulheres representam 59,7% dos recenseados. Deve-se lembrar ainda que, em várias denominações pentecostais – Igreja Universal do Reino de Deus, Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, etc. –, a desproporção entre os homens e as mulheres mostra-se maior do que aquela encontrada no conjunto dos evangélicos, o que acaba por dar um rosto feminino ao pentecostalismo. (MACHADO, 2005, p. 387-388).

Quando entramos na seara das motivações que ocasionavam as adesões ao pentecostalismo, encontramos uma significativa diferença entre os gêneros. Enquanto as conversões masculinas seriam motivadas sobretudo por problemas de ordem pessoal como desemprego e problemas de saúde, as conversões femininas se davam, sobretudo, por problemas familiares. Nesse aspecto, Machado chama atenção para diferença entre os perfis femininos e masculinos dentro desse *ethos*. Ela afirma:

As histórias de conversão masculinas revelam situações de desemprego, dificuldades financeiras e problemas pessoais na área da saúde nas justificativas para a adesão religiosa ao pentecostalismo; já as mulheres quase sempre associam suas escolhas religiosas com as desavenças familiares e as necessidades – materiais e espirituais – do grupo doméstico. Em outras palavras, enquanto os homens procuram a comunidade religiosa em situações que põem em ameaça a identidade masculina predominante na sociedade, as mulheres se colocam como guardiãs das almas de todos que integram a família, buscando os grupos confessionais sempre que um dos seus familiares se mostre em dificuldades. Nesse sentido, as qualidades alocadas ao gênero masculino no sistema hegemônico de representações parecem distanciar os homens das prescrições religiosas de uma forma geral e, em especial, do *ethos* pentecostal, enquanto os atributos femininos favorecem as experiências das mulheres com o sagrado e os vínculos com as comunidades religiosas. (MACHADO, 2005, p. 389).

Esse fluxo serviu para o fortalecimento da identidade feminina; como os estudos novecentistas do pentecostalismo nos mostram, o movimento pentecostal possuía um rosto feminino. Uma redefinição da identidade e subjetividade feminina caminhava lado a lado com a expansão pentecostal.

[...] o pentecostalismo estimula o processo de autonomização das mulheres diante dos seus maridos e filhos. A conquista de uma autoridade moral e o fortalecimento da auto-estima ampliam as possibilidades de as mulheres desenvolverem atividades extradomésticas e as redes de sociabilidade, favorecendo, conseqüentemente, a individuação feminina. Sinteticamente, o engajamento nesses grupos possibilita às mulheres também uma maior participação na esfera pública, com algumas pentecostais evangelizando em praças públicas, realizando trabalhos voluntários em presídios, hospitais e entidades filantrópicas, participando de programas religiosos televisivos e radiofônico. (MACHADO, 2005, p. 389).

Com o fortalecimento da autonomia dessas mulheres, não demorou para que as primeiras pastoras começassem a ser notadas; no início, em pequenas congregações cristãs pentecostais desvinculadas das denominações maiores e mais organizadas, como a Assembleia de Deus, por exemplo. Mulheres que se sentiam escolhidas por Deus para a sagrada missão do sacerdócio fundavam novas denominações pentecostais e conquistavam seguidores. Eram, em sua maioria, legitimadas pelo carisma pentecostal ao demonstrarem manifestações espirituais contundentes, como curas milagrosas, previsões futurísticas, visões espirituais reveladoras, entre outras.

Ao longo da década de 1990, a literatura evangélica pentecostal refletiu as modificações que vinham ocorrendo dentro desse segmento. A CPAD, maior editora desse gênero literário no Brasil, publicou seu primeiro livro direcionado ao público feminino em 1987.

A obra escrita pela então missionária Antonieta Rosa Vieira intitula-se *A mulher e as pequeninas coisas*. Nela, a autora encorajava que as mulheres vissem com louvor os “pequenos” papéis que eram a elas atribuídos dentro das igrejas e da família. Essa mesma autora escreveu diversos livros desde então, mudando consideravelmente a perspectiva com a qual a mulher deveria se ver dentro da esfera evangélica, sobretudo pentecostal.

Com o sucesso de vendagem do primeiro livro, não demorou para que a produção literária feminina se multiplicasse nesse mercado. O segundo livro de Rosa<sup>6</sup> não demorou a ser

---

<sup>6</sup> A autora utilizou o sobrenome “Vieira” durante o período em que esteve casada com José Vieira. Após o falecimento dele, voltou a utilizar apenas “Rosa” em suas publicações. Em virtude disso, optamos pelo uso de “Rosa” quando houver menção a ela no texto e na entrevista de 2021, e de “Vieira” nas referências em citações de suas obras publicadas até 2019.

lançado. Em 1990, *A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra* marcaria a continuidade da série *Mulher e Bíblia*, idealizada pela autora. Na dedicatória dessa obra, a autora revela a consciência da questão de gênero na sociedade: “Às filhas de Eva dedico este livro, com o intuito de ajudá-las a descobrir seus valores, na maioria das vezes adormecidos ou sufocados por um viver em meio a uma sociedade que as discrimina, despreza, explora e as faz sofrer” (VIEIRA, 1990, p. 9).

A terceira obra da missionária dedicada ao público feminino foi lançada em 1997 pela editora de sua propriedade: Jeová Nissi. O livro *O trabalho da mulher na igreja* discorria sobre a importância da mulher para o crescimento das congregações cristãs.

Em 2007, Rosa escreveu novamente pela CPAD uma obra intitulada *A mulher cristã e os desafios da liderança*, uma mudança de tom reveladora das transformações ocorridas dentro das igrejas pentecostais. Se antes caberia à mulher pequenos papéis, agora era preciso que ela soubesse lidar com os desafios da liderança atribuída.

De fato, a literatura não poderia ser mais reveladora. A própria Antonieta deixou seu papel secundário dentro da Assembleia de Deus da Penha (RJ) para fundar e dirigir diversas congregações durante o período analisado. Em 2010, após escrever mais de 40 livros, viajar pelo mundo como conferencista e fundar mais de oito congregações, ela finalmente recebeu a ordenação de pastora na Assembleia de Deus Vitória em Cristo<sup>7</sup> (VIEIRA, 2019).

Assim como Antonieta, centenas, talvez milhares de mulheres, passaram pelo mesmo processo de transição: a ordenação de pastoras tornou-se um caminho cada vez mais naturalizado no meio evangélico, sobretudo pentecostal. Uma análise dos discursos proferidos, principalmente literários, mostram a ressignificação dos papéis ocupados por essas mulheres. Se antes a elas era dado o dever de se submeter aos homens como autoridades terrenas, agora ela devia, acima de tudo, submeter-se à missão dada por Deus de auxiliar na condução dos fiéis.

Alguns trabalhos marcam essa mudança do paradigma feminino no pentecostalismo brasileiro. Neles, observa-se a gradual multiplicação de igrejas autônomas dirigidas por mulheres autoproclamadas pastoras no final do século XX. É o caso de “Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus” (2019). Nesse artigo, a cientista de religião Graziela Rodrigues da Silva Chantal discorre sobre a trajetória de um grupo de mulheres pentecostais que romperam com as lideranças masculinas e fundaram suas próprias igrejas. No discurso dessas mulheres,

---

<sup>7</sup> Nome recebido pela Assembleia de Deus da Penha em 2010, após o pastor Silas Malafaia assumir a sua presidência.

encontra-se a insatisfação com as limitações encontradas nas antigas igrejas ao exercício de seus ministérios. Essas mulheres se viam impelidas a obedecer ao “chamado” de Deus, rompendo com essas estruturas limitantes.

Sobre a reconfiguração da visão que a mulher tinha de si mesma, a socióloga Janine Targino da Silva analisou a reelaboração da identidade feminina no meio pentecostal. Em “Lideranças pentecostais femininas: um estudo sobre a fundação de igrejas evangélicas por mulheres em Nova Iguaçu – RJ”, Silva (2010) analisa a maneira como a identidade feminina foi sendo reelaborada no meio pentecostal em função do surgimento de igrejas pentecostais autônomas fundadas por mulheres na Baixada Fluminense. Para a autora, ao romperem com os modelos de dominação impostos pela estrutura patriarcal na qual se inseriam, essas mulheres tornaram-se geradoras de capitais simbólicos dentro de suas comunidades.

Sobre isso, em um esforço recente, o teólogo e historiador Luís Fernando de Carvalho Sousa (2018) explorou as possibilidades de empoderamento da mulher a partir da experiência pentecostal. Em sua perspectiva, o papel bíblico original da mulher vem sendo restaurado por meio dessa experiência, que, em certos aspectos, torna-se libertadora:

Certamente há muitos avanços no que tange aos caminhos do pentecostalismo brasileiro, sobretudo na questão das mulheres. Entretanto, não se pode negar que as conquistas femininas em relação aos espaços ocupados dentro dos ambientes eclesiais – e a partir da experiência o desvirtuamento no que diz respeito à função das mulheres ocorreu após o período do cristianismo primitivo. Isso foi assaz danoso para elas, pois passaram centenas de anos à sombra dos homens, mas a retomada de estudos, juntamente com a proposta das críticas feministas têm enriquecido os debates sobre o tema. Nota-se que a tradição dos evangelhos e posteriormente a tradição paulina deram importância ao trabalho das mulheres atentando para seu devido valor – algo que foi sufocado ao longo da história da igreja cristã. (SOUSA, 2018, p. 16).

Como visto, para o autor, o papel original da mulher dentro das comunidades cristãs sempre foi de destaque e valor. Porém, as estruturas patriarcais dominantes da sociedade distorceram essa participação bíblica feminina, relegando às mulheres certa subalternidade. Ele conclui, em seus estudos, que o pentecostalismo, ao dar mais liberdade para as mulheres, facilitou seu retorno ao papel de destaque original.

Dentro do sistema patriarcal e androcêntrico o poder que as mulheres exercem fica restrito ou à resignificação ou ao não reconhecimento formal. Contudo, salienta-se que no meio pentecostal há o indicativo de que o *empoderamento* faz com que a mulher utilize essa estrutura a seu favor, com intuito de

promover-se como sujeito histórico e dignificar-se como ser humano. (SOUSA, 2018, p. 15, grifo do autor).

Para Sousa (2018), no pentecostalismo, a espiritualidade feminina é usada de forma positiva, fazendo com que as mulheres tenham poder e sintam-se dignificadas mesmo que as estruturas patriarcais ainda coexistam.

Dessa maneira, conclui-se que embora a estrutura pentecostal seja rígida e patriarcal, a mulher consegue através dos mecanismos de poder (simbólico) valorar-se, dando poder às mesmas, ainda que elas não estejam na cúpula das estruturas de poder. (SOUSA, 2018, p. 15).

Chegamos aqui com um desafio em mãos: ao analisar os fatos relatados, podemos nos ver convencidos de que a mulher evangélica pentecostal desse período passou por um processo de “empoderamento”. Não seria absurdo afirmar que, ao se deslocar de uma posição opressora para espaços de maior liberdade de ação individual, essa mulher tornou-se mais “poderosa”, mais “potente”. Porém, historicamente, esse conceito não parece ter aplicação prática, pois a mulher que se torna pastora também é a mulher que nega qualquer ligação com os discursos feministas.

Em uma perspectiva feminista, o conceito de *empoderamento* normalmente está ligado à ideia revolucionária de ruptura com as estruturas de dominação patriarcal (o que não se verifica aqui). Mesmo que esses novos espaços tenham sido criados, o patriarcalismo não desapareceu das relações de gênero dentro das igrejas ou da sociedade como um todo.

Nas próximas linhas do presente trabalho, pretendo discorrer sobre a adequação do conceito de *empoderamento* na trajetória desse perfil feminino. Poderíamos, de maneira aceitável conceitualmente, afirmar que houve um empoderamento da mulher pentecostal no período estudado? Essa resposta parte da análise do termo, em sua origem e suas aplicações históricas e sociais.

## **1.2 Pensando empoderamento a partir das múltiplas ideias de poder**

Em todas as áreas de conhecimento, a utilização de conceitos é um fator indispensável à organização de seus pressupostos básicos. Eles servem como “pontos de apoio sistemáticos para um tipo de conhecimento a ser produzido, no interior de um campo específico de reflexões” (BARROS, 2016, p. 27). Dentre os vários processos de formação de conceitos nas ciências



sociais, temos o *neologismo*, que consiste na invenção de uma nova palavra a partir da observação de um fenômeno que não pode ser explicado utilizando o aparato linguístico preexistente. Esse é o caso do termo *empoderamento*, do qual falaremos a seguir.

O conceito de *empoderamento* tem sido amplamente utilizado atualmente. Porém, seu significado é multifacetado dentro das Ciências Sociais que se habituaram ao seu emprego. Fato é que não há um consenso quanto ao seu significado mais amplo, assim como seu alcance ainda carece de experimentações teóricas para ser mensurado.

A palavra *empoderar* deriva do neologismo inglês *empower*, palavra cunhada a partir de uma adaptação do substantivo *power*, que em inglês significa basicamente habilidade ou permissão para que alguém realize alguma coisa. Nesse contexto, *empower* seria o equivalente a dar poder ou habilidade a algo ou a alguém. De acordo com Merriam-Webster Dictionary, essa expressão teria sido usada pela primeira vez em 1651, por meio de uma adaptação própria do idioma inglês, chamada de *verbing*, que consiste em transformar um substantivo em verbo (BERTH, 2019, p. 18).

De acordo com o dicionário Britânico da Universidade de Cambridge, a palavra *empowerment* teria sido cunhada pelo sociólogo norte-americano Julian Rappaport em 1977, com o objetivo de apreçoar a importância da instrumentalização de grupos oprimidos para que eles buscassem sua autonomia. Rappaport aplicou o termo no sentido de expressar o processo de liberdade pelo qual os sujeitos passariam a controlar os acontecimentos à sua volta, libertando-se de estruturas opressoras (BERTH, 2019).

No Brasil, a palavra *empoderamento* está diretamente ligada à sua utilização nos escritos de Paulo Freire (1986), que pinçou a expressão no mesmo sentido de Rappaport. Porém, enquanto Rappaport acreditava na instrumentalização para emancipação de grupos oprimidos, Freire acreditava que, através da conscientização, os próprios grupos oprimidos se instrumentalizariam, desprezando qualquer viés paternalista dado ao processo.

Ambos os autores pensavam em empoderamento como um processo pelo qual um grupo, esvaziado de poder, voltaria a tê-lo. A perspectiva radical dada a essa terminologia coaduna com as principais correntes feministas, principalmente àquelas ligadas ao feminismo negro. No livro *Empoderamento*, a socióloga e ativista feminista negra Joice Berth (2019) apresenta o conceito de empoderamento como fenômeno político, coletivo e autônomo pelo qual um grupo, antes subjugado, impõem-se como protagonista da própria história.

Ao fazer sua análise, Berth (2019), assim como Rappaport e Freire, parte da concepção de que o “poder” pelo qual essas categorias deveriam lutar, consiste no domínio estático e centralizado de um grupo sobre outro.

O prefixo “auto” cabe aqui como indicativo de que os processos de empoderamento, embora possam receber estímulos externos diversos da academia, das artes, da política, da psicologia, das vivências cotidianas etc., é uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista. (BERTH, 2019, p. 17).

Dentro dessa perspectiva, seria inviável e até mesmo absurdo conceituar como empoderamento o processo pelo qual as mulheres evangélicas pentecostais, aqui apresentadas, passaram a ocupar maiores espaços dentro de suas igrejas. Para que houvesse de fato esse empoderamento seria preciso que as estruturas patriarcais não coexistissem com a presença dessas mulheres nas posições de destaque nas diversas denominações pentecostais.

É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstroem e desconstroem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. Em outras palavras, se o empoderamento, no seu sentido mais genuíno, visa a estrada para a contraposição fortalecida ao sistema dominante, a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser. (BERTH, 2019, p. 25).

É preciso que se diga que, em uma análise mais ampla, o conceito de “poder” goza de dualidades que possibilitam uma ampliação significativa de sua aplicação, assim como das terminologias dela decorrentes. Como veremos adiante, a aplicação do conceito de empoderamento e seu significado estão diretamente ligados à maneira como o poder é enxergado pelo cientista que se aventura em sua utilização (inclusive nas teorias feministas).

Para falar das ambivalências e possibilidades de aplicação do conceito de poder em abordagens históricas e sociais, tomaremos por base a análise delineada por Sarah Mosedale (2005, p. 249). Ao observar como o conceito de poder estava então sendo aplicado por análises de desenvolvimento humano nas questões atinentes à mulher, Mosedale traz um panorama da forma como esse conceito vem sendo modificado a partir da segunda metade do século XX. Para a autora, o conceito de poder possui múltiplas possibilidades interpretativas. Podendo ser observado em pelo menos quatro dimensões distintas, são elas:

- a) *poder sobre* – como no caso de A tem poder sobre B, referindo-se à dominação, subordinação, dominação/resistência;
- b) *poder de dentro* – que se refere à autoestima, autoconfiança;
- c) *poder para* – em relação à capacidade para fazer algo; trata-se do poder que alarga os horizontes do que pode ser conquistado por uma pessoa, sem necessariamente estreitar, invadir, os limites de outra pessoas (exemplo: aprender a ler);
- d) *poder com* – o poder solidário, que se compartilha numa ação coletiva.

No primeiro caso, *poder sobre*, temos o ponto de partida para a maioria das análises sociais do poder. Pensadores de diversas correntes teóricas parecem tecer suas observações quase que exclusivamente por meio dessa vertente ligada a dominação, controle e subjugação.

O poder nessa dimensão representaria um conflito subjacente entre duas pessoas ou mais. Pensar em poder apenas sob essa ótica nos levaria a dois caminhos limitadores que aqui desejo me afastar: o poder como algo a ser possuído e não exercido; e empoderamento como resultado e não como processo. É exatamente pela superação dessa visão que encontraremos o caminho para pensar a trajetória da mulher pentecostal a partir do final da década de 1980 como um processo empoderador.

A segunda perspectiva, *poder de dentro*, apresentada pela autora está ligada aos aspectos subjetivos do poder, para ela essa dinâmica de poder faz com que a dominação masculina ocorra como um aspecto natural em uma sociedade patriarcal. Uma vez que as normas e limitações sociais impunham às mulheres restrições excludentes, torna-se desnecessário que o jogo de dominação seja infringido de forma mais contundente.

Muitas vezes, é claro, não é necessário que indivíduos poderosos impeçam as mulheres de fazendo coisas que eles querem fazer porque as normas e costumes sociais já alcançam isso... Aqui as relações de poder são entendidas não apenas como inevitáveis, mas necessárias para promover uma gama de bens sociais. (MOSEDALE, 2005, p. 250, tradução nossa).

Até aqui, as duas dimensões de poder apresentadas transmitem uma ideia de conflito, no qual o benefício de um é o malefício do outro. As próximas dimensões apresentadas tratam outras formas de poder válidas, nas quais o ganho de uma pessoa não é necessariamente a perda de outra. Estas formas estão ligadas a um poder interior, ligado à autonomia, *poder para*, e à solidariedade, *poder com*.

Começando pelo *poder com*, a autora afirma se referir à ação coletiva, que reconhece que um objetivo mais pode ser alcançado por um grupo agindo junto do que por indivíduos sozinhos. Muitas intervenções com o objetivo de emponderá-las observam a importância de criar oportunidades para que passem mais tempo com outras mulheres refletindo sobre sua situação, reconhecendo os pontos fortes que eles possuem e planejando estratégias para alcançar uma mudança positiva. Dentro das igrejas evangélicas pentecostais, a partir da década de 1980, as organizações e associações femininas prosperaram, como a Associação de Mulheres Esposas de Pastor.

Chegamos, agora, ao modelo conceitual de poder que melhor expressa o processo que desejamos analisar: o *poder para*. Segundo Mosedale (2005), esse é o poder que aumenta os limites do que é alcançável para uma pessoa sem necessariamente estreitar os limites do que é alcançável para outra parte.

Aqui, a autora nos abre um caminho de perspectivas e possibilidades para pensar a semântica do poder, muito além do *poder sobre*. Nesta análise, partiremos da premissa de que o *poder para* constitui-se no motor do processo empoderador apresentado. É importante que se diga que “empoderamento” aqui será o conceito que dará conta do processo e não do resultado.

Conforme já exposto, a mulher pentecostal não rompeu com as estruturas patriarcais, nem se tornou autônoma em suas ações. É verdade que essas mulheres conquistaram novos espaços, mas isso se deu dentro das estruturas em que estavam inseridas. Tomando como base as teorias sociais do teórico francês Pierre Bourdieu, poderíamos dizer que dentro do jogo proposto em seu campo de ação, ela saiu de um espaço de menor influência para um espaço de maior exercício de poder.

Esse “poder” está expresso na própria capacidade para construir e propagar seus discursos, tanto nos espaços de cultos durante as liturgias quanto nos espaços literários. O discurso, nesse contexto, não se dá como elemento secundário, mas como central no processo.

### **1.3 O discurso como poder**

Durante o mês de dezembro de 1970 no Collège de France, Michel Foucault tratou sobre como os discursos constituem e são constituídos socialmente. Em *A ordem do discurso*, o autor pauta sua narrativa na busca de respostas para as seguintes questões: O que é o discurso? Como o discurso é organizado na sociedade? Onde está o perigo do discurso e de sua propagação?

Sobre a primeira questão, Foucault apresenta o discurso de duas formas. Primeiramente, apresenta uma definição para o objeto em si, definindo-o como ato de falar, manter, articular e transmitir ideias em qualquer campo, seja na oratória, na escrita, nos gestos etc. Em um segundo momento, ele nos traz uma visão mais ampliada sobre o que, de fato, os discursos representam socialmente; nessa perspectiva, o discurso se apresenta como uma espécie de poder do qual se quer apoderar na dinâmica social: “Isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, e pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Como exposto, o discurso para Foucault tem força criadora, produtiva; o discurso possibilita que as ideologias se materializem. Ele pode tornar-se perigoso na medida em que serve a interesses, consolida estratificações sociais, pode ser usado para marginalizar, discriminar. Sendo assim, nessa perspectiva o discurso significa poder.

Como uma espécie de poder em disputa, o discurso é selecionado e organizado nas sociedades de forma a representar alguns interesses, isso nos remete à segunda questão apresentada por Foucault, levando à reflexão de como esse discurso, ou melhor dizendo, esses discursos são ordenados nos diversos meios sociais.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 9).

Dessa forma, a análise foucaultiana se propõe a pensar nos procedimentos que constroem e legitimam esse campo de tensão social, dividindo esses mecanismos em externos e internos. Externamente, o discurso é modelado por meio de mecanismos que visam controlar o que se pode dizer, quando se pode dizer e como se pode dizer. Ele se configura dentro dos parâmetros conceituados pelo autor como: *interdição*, *separação ou rejeição*, e a *vontade de saber*.

A *interdição* do discurso ocorre a partir da proibição de algumas falas e, por meio desse mecanismo, são estabelecidos os temas proibidos tratados como *tabus* em seu contexto cultural. Dentre outras maneiras, a interdição pode se dar a partir da questão circunstancial: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância” (FOUCAULT, 1999, p. 9). Ou seja, existem contextos que adequam ou interditam alguns discursos.

Uma outra forma de interdição dá-se pela restrição do direito de fala; nessa dinâmica, alguns sujeitos possuem o direito de falar e outros não: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa” (FOUCAULT, 1999, p. 9). No universo cristão, esse direito é restringido, geralmente, aos sacerdotes e oficiais designados e legitimados pela própria instituição. Enquanto nas igrejas católicas, esse direito é dado aos padres, nas evangélicas históricas é ofertado aos pastores.

Uma análise do ritual de culto dentro das igrejas pentecostais nos mostra que, deferentemente das históricas, esse direito de fala costuma ser bem mais amplo. Estabelecendo-se a partir do “mover do Espírito Santo”, qualquer um de seus membros pode ser ouvido durante o culto caso esteja servindo como mensageiro de Deus na terra. Em um olhar mais detalhado, observamos que esse espaço discursivo, de certa forma, sempre foi ofertado às mulheres que, normalmente, lideravam movimentos de oração e protagonizavam manifestações espirituais desde as primeiras organizações dessa linha cristã.

Como já sinalizamos anteriormente, a abordagem mais informal e espontânea adotada por essas instituições em seus rituais de culto, de certa forma, pode ter contribuído para a crescente participação de mulheres. O que faltava a elas para que pudessem, de fato, interferir na ordem discursiva de suas congregações era o direito privilegiado de fala, o que passaremos a tratar a seguir.

Seguindo o raciocínio apresentado em *A ordem do discurso* e ainda na tentativa de expor sua articulação com a ideia de “empoderamento” da mulher pentecostal, passamos, então, a refletir sobre a segunda forma de interdição intitulada *separação ou rejeição*. Ela consiste em determinar quem pode falar, ou melhor dizendo, quem tem, em uma determinada conjuntura social, o direito privilegiado da fala. Por meio dessa delimitação, se estabelecem autoridades tanto discursivas como sociais.

Dentro das igrejas católicas, o privilégio de fala é quase exclusivo dos sacerdotes; enquanto nas igrejas evangélicas, ele não se restringe apenas a essa figura de autoridade. Nessas denominações, o privilégio é estendido a qualquer crente que, com consentimento da liderança da congregação, venha a ocupar o altar durante os ritos da igreja com a incumbência de compartilhar reflexões bíblicas, seja por meio de estudos ou pregações. No universo pentecostal, no qual o altar é visto como local eleito e sagrado, esse direito discursivo oferece ao palestrante a força de falar em nome do próprio Deus.

Para os pentecostais, teologicamente, o altar presente nos locais de culto, simbolizaria o monte sagrado onde Moisés teve seu encontro com o sagrado dentro da literatura judaico-

cristã. Nele, o divino teria se manifestado dando a Moisés a autoridade messiânica de libertar o povo de Israel da escravidão no Egito. Essa missão não apenas dava a ele uma grande responsabilidade como também lhe atribuía grande autoridade:

E, completados quarenta anos, apareceu-lhe o anjo do Senhor no deserto do monte Sinai, numa chama de fogo no meio de uma sarça. Então Moisés, quando viu isto, se maravilhou da visão; e, aproximando-se para observar, foi-lhe dirigida a voz do Senhor dizendo: Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés, todo trêmulo, não ousava olhar. E disse-lhe o Senhor: Tira as alparcas dos teus pés, porque o lugar em que estás é terra santa. Tenho visto atentamente a aflição do meu povo que está no Egito, e ouvi os seus gemidos, e desci a livrá-los. Agora, pois, vem, e enviar-te-ei ao Egito. A este Moisés, ao qual haviam negado, dizendo: Quem te constituiu príncipe e juiz? a este enviou Deus como príncipe e libertador, pela mão do anjo que lhe aparecera na sarça. (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 7, 30-35, Almeida Corrigida Fiel)

Como exposto no trecho acima, o altar dentro dessa tipologia seria um local restrito e de grande separação do comum “Tira as alparcas dos teus pés, porque o lugar em que estás é terra santa” (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 7, 31, Almeida Corrigida Fiel). Além desse fator, o altar também seria um local de comunicação direta com o divino, um ponto de redenção e legitimação da autoridade terrena “Agora, pois, vem, e enviar-te-ei ao Egito. A este Moisés, ao qual haviam negado, dizendo: Quem te constituiu príncipe e juiz? a este enviou Deus como príncipe e libertador, pela mão do anjo que lhe aparecera na sarça” (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 7, 35). Sendo assim, o privilégio de fala no meio evangélico e pentecostal sempre esteve mais ligado ao local (altar) do que ao sujeito do discurso.

Não é de se estranhar que o altar, como local sacro e divinizado, durante décadas não esteve disponível às mulheres nas principais instituições católicas e evangélicas brasileiras. Esse paradigma começou a ser quebrado, gradativamente, com a chegada de algumas igrejas pentecostais advindas da América do Norte; podemos citar como exemplo a Igreja do Evangelho Quadrangular (São Paulo – 1953), que contribuiu de maneira significativa para essa ruptura.

Sobre isso, em seu artigo intitulado “Um chamado sobrenatural: narrativas de pastoras da Igreja do Evangelho Quadrangular”, a historiadora Polyana Jessica do Carmo de Souza (2020) entrevistou algumas pastoras da citada denominação. Ao descrever a trajetória de Paula Silveira, descrita pela autora como “uma mulher alta, negra, bastante espontânea e engraçada. Natural de Vitória da Conquista” é destacado um fragmento revelador em sua fala:

Mostrar às mulheres que elas precisava se envolver na obra para ajudar os pastores, porque então a gente ficava sem querer se envolver, mesmo porque era todo mundo uma outra religião que mulher não se envolvia em altar (se referindo ao catolicismo), mulher não se envolvia pra tá cuidando de nada só mesmo a reza e acabou, é que nós viemos tudo do catolicismo, em mulher não subia no altar. Então quando chegou a essa igreja aqui em que mostrou, e mesmo porque as outras igrejas evangélicas que tinha as mulheres, as mulheres também não frequentava altares, então foi quando a nossa chegou, a Quadrangular chegou mostrando diferença que as mulheres poderiam subir no altar e poderiam do mesmo jeito dos homens [...] (SILVEIRA *in* SOUZA, 2020, p. 202).

Mesmo que ainda predominassem nessas instituições as estruturas e os discursos de cunho patriarcalista, seus rituais mais fluidos e menos formalizados criaram espaços inclusivos que possibilitaram, em algumas situações, que as mulheres de sua membresia exercesse o privilégio de fala.

A última forma de interdição listada por Foucault, a *vontade de saber*, consiste no desejo histórico por uma verdade incontestável criada a partir dos discursos em seus ritos e suas formalidades. Essa ideia de verdade teria transitado da formalidade dos discursos e seus efeitos práticos observados nas sociedades gregas antigas para seu conteúdo, seu enunciado, como aponta Foucault:

Ora, eis que um século mais tarde, a verdade a mais elevada já não residia mais no que era o discurso, ou no que ele fazia, mas residia no que ele dizia: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado, para sua forma, seu objeto, sua relação e sua referência. (FOUCAULT, 1999, p. 15).

Dessa forma, os discursos são organizados na sociedade de forma a demonstrar o que é verdadeiro ou falso. É a partir dessa ideia binária que as falas são validadas, testadas e conceituadas. No contexto das igrejas cristãs, essas verdades foram construídas por meio da leitura e das interpretações dos textos bíblicos. Algumas interpretações foram amplamente defendidas institucionalmente, tornando-se uma ideia de verdade que serviria como parâmetro para os discursos que se sucederiam. Passando por essas interpretações, estão as questões atinentes à proibição do ministério pastoral feminino.

A submissão bíblica da mulher coloca-se dentro das perspectivas teológicas pentecostais dominantes como uma verdade solidificada. Porém, sabe-se que a verdade discursiva, por mais que pretenda ser imutável e absoluta, é constantemente revista e alterada no tempo e na circunstância social. Nesse caso, podemos dizer que o avanço da mulher nas diversas instituições evangélicas pentecostais, assim como o avanço da causa feminista na sociedade



como um todo, fez emergir uma leitura de valorização da mulher nos textos sacros, tratada no campo sociológico como uma “teologia feminista”:

Porque a teologia feminista é mais que discursos, é troca dos olhares, dos sussurros, dos cheiros, dos gostos. É uma fala que se ergue do corpo agarrado na defesa da vida e que experimenta a presença de Deus e reinventa a palavra dita sobre o sagrado, e... faz teologia. Uma teologia que é coragem de pronunciar a crítica ao sistema patriarcal e é também a atitude de recolher as cenas da realidade e lhes dar dignidade histórica. [...] Essa teologia afirma a dignidade da vida para todos. Se ocupa das questões da existência e da compreensão do sentido da vida. E também envolve-se com a desconstrução e construção do discurso sobre Deus. Assim, a teologia se organiza como uma das falas do corpo e, como tal, assume sua dimensão e proporção, complexo e infinito. Esta fala do corpo, não sobre e nem para o corpo, requer a contextualização, a referência à sua situação de classe, de gênero, e de raça. Isto posto, a ruptura com as verdades absolutas, perenes, imutáveis passa a ser princípio e metodologia de trabalho. Teologia em seu método abriga a possibilidade de articulação das pessoas e de seus desejos, anseios, sonhos, vazios na busca do mistério e do encontro com o que os transcende. [...] A proposta hermenêutica feminista assume o desafio de deixar de procurar o específico da mulher, a contribuição da mulher ou do feminino, e busca o grupo social mulher em suas diferentes expressões de relações sociais. (SAMPAIO, 1993, p. 5).

Nessa citação retirada de um artigo escrito já no início da década de 1990, a então teóloga e doutora em ciências da religião Tânia Mara Sampaio, aborda essa nova configuração discursiva, na qual a mulher deixa sua posição subalterna e se torna o verdadeiro pilar da fé cristã. Os textos que, de alguma forma, conferem a ela uma posição institucional inferior passaram a ser contextualizados dentro da sociedade que os produziu e das dinâmicas sociais que os motivaram. Alguns discursos bíblicos foram sendo enquadrados dentro de uma perspectiva meramente narrativa e não prescritiva como na teologia mais tradicional.

A partir da abordagem de Foucault sobre discurso e poder, podemos afirmar que na década de 1990, as mulheres pentecostais não romperam com as estruturas discursivas dominantes, mas flutuando nos espaços privilegiados de fala, ampliaram a significação das narrativas que sustentavam essas estruturas, formando, dessa maneira, um discurso mais inclusivo e legitimador para sua nova posição institucional.

Em suma, podemos dizer que, dentro da perspectiva pentecostal, o altar, também chamado de púlpito, era um lugar exclusivo aos oficiais da igreja. No bojo desse *ethos*, este espaço seria um local onde Deus usaria pessoas escolhidas para falar aos homens. Portanto, o que fosse proferido do altar teria o peso divino para os pentecostais. Nesse local, o homem se tornaria “boca de Deus na terra”.

Como já visto, no decorrer da década de 1990, a restrição imposta às mulheres nesse espaço “místico” foi gradativamente esmorecendo, tornando cada vez mais comum a presença feminina nele. É inevitável pensar que essa nova configuração ofertou às mulheres a possibilidade privilegiada de discurso dentro de suas denominações. Ao exercer o poder para falar durante as reuniões em um local de tão forte influência, essa mulher abriu caminhos de autonomia e ressignificação dentro dos parâmetros impostos.

Indo ao encontro dessa visão e nos desprendendo das concepções estáticas e centralizadas de poder, queremos demonstrar que, à medida que o feminino ocupou novos espaços discursivos nos cultos e na literatura pentecostal, ele também empoderou-se da capacidade de criar e ressignificar seus caminhos e posicionamentos dentro das igrejas brasileiras.

No bojo dessa síntese, poderíamos dizer que a mulher evangélica pentecostal, ingressou em um processo de empoderamento quando passou a ter posse do direito ou capacidade de/para discursar e da legitimidade para ser ouvida. As pastoras, escritoras, missionárias, dirigentes de congregação, chefes de departamentos, dentre outras que emergem nesse período, são, antes de tudo, produtos e produtoras de um novo discurso sobre sua própria condição dentro das igrejas pentecostais. O discurso, dentro das conjunturas sociais, possui elementos constitutivos e legitimadores de direitos, de poderes.

Para pensar o empoderamento da mulher pentecostal na passagem entre os séculos XX e XXI, precisamos, em um primeiro momento, conceber o poder mediante a semântica que expressa capacidade e não domínio. Isso nos leva a ver o empoderamento como uma gradual capacitação e alargamento de possibilidades, por meio das múltiplas formas de manifestação da autonomia, entre elas, o discurso.



## CAPÍTULO II – PASTORA ANTONIETA ROSA VIEIRA: UMA ANÁLISE BIOGRÁFICA E LITERÁRIA

*Às filhas de Eva dedico este livro, com intuito de ajudá-las a descobrir seus valores, na maioria das vezes adormecidos ou sufocados por um viver em meio a uma sociedade que as discrimina, despreza, explora e as faz sofrer.*

Antonieta Rosa Vieira, 1990

A epígrafe que abre este capítulo expressa a visão consciente de uma mulher que aspira pela valorização de sua participação no seio da igreja evangélica. Uma mulher que reconhece sua posição nessa conjuntura social e que busca por espaços de atuação que extrapolem tais estruturas sem, contudo, rompê-las. Vivendo na constante dualidade entre avanços e permanências, mudanças e manutenções, essa mulher encontra caminhos de importância e afirmação no meio evangélico pentecostal, sobretudo na década de 1990, como veremos a seguir.

A autora em questão é a pastora e escritora Antonieta Rosa Vieira, formada em jornalismo, contabilidade e teologia. Durante as últimas três décadas, escreveu dezenas de livros para seus pares cristãos, tornando-se a primeira mulher pentecostal a compor a Academia Evangélica de Letras do Brasil (AELB). Atualmente vinculada à Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC) no bairro da Penha, Rio de Janeiro, Antonieta dedica-se ao ensino e a preleções tanto no âmbito nacional quanto internacional. Sua história e trajetória nos oferece um panorama da figura feminina que desejamos conhecer aqui.

Antonieta Rosa Vieira nasceu em 17 de fevereiro de 1941, na fazenda Cotiara situada em Barra Mansa, parte sul do estado do Rio de Janeiro. Seus pais Antônio Rosa e Edith Silva aderiram à fé cristã evangélica logo após seu nascimento, mediante um suposto evento milagroso: sua mãe acometida pela febre Tifos durante sua gestação, após falecer, teria sido ressuscitada mediante a oração do evangelista<sup>8</sup> Antônio Machado, membro de uma igreja evangélica local.

Seus avós, católicos, não aceitaram a adesão da família à nova confissão religiosa, iniciando a contenda que marcariam de forma definitiva sua trajetória. Ainda muito pequena, a escritora recorda o conflito religioso presenciado por ela na fazenda onde vivia.

---

<sup>8</sup> Cargo ministerial dado ao responsável pelas estratégias de evangelização da igreja.

Antes havia calma na fazenda. Tudo funcionava normalmente, porém sabemos que luz e trevas não se combinam. Com a chegada do evangelho de Jesus Cristo por meio da minha mãe e meu pai, aconteceu o choque espiritual com o catolicismo. Então o meu avô Aristides começou a amaldiçoar os crentes e a falar mal de evangélicos; ele não queria que os meus pais voltassem à fazenda. Minha avó que usava a prática de benzer as pessoas também concordava com ele e amaldiçoava os crentes. (VIEIRA, 2019, p. 38).

Tais conflitos foram determinantes na mudança da família para a capital do estado do Rio de Janeiro em 1946, passando a morar no bairro Cavalcante, zona norte da capital fluminense, onde permaneceram até 1952, quando mudaram-se para o bairro da Penha, fixando residência próxima à Assembleia de Deus da Penha, igreja a qual Antonieta se vinculou desde então. Nessa igreja sua família permaneceu, seu pai se tornou um dos pastores auxiliares e sua mãe uma liderança de oração.

Crescendo em uma casa de fé pentecostal, a autora, desde muito cedo, aprendeu a valorizar manifestações espirituais e a buscar nelas a confirmação de sua confissão de religiosa, como relata em um trecho de sua autobiografia:

Começou devagarzinho uma família cristã buscando a Deus e o seu poder. Reunimo-nos em casa para orar e ler a Santa palavra de Deus e intercedendo uns pelos outros. O pastor Rosa (pai de Antonieta) estava ensinando a sua família a buscar o poder do Espírito Santo para fortalecer a cada um com o seu intervir. (VIEIRA, 2019, p. 53).

Não tardou para que a pequena Antonieta passasse a destacar-se com visões espirituais e experiências premonitórias, tratadas pela comunidade evangélica como “revelações do Espírito Santo”. Rosa relata que ainda na infância muitas pessoas iam à sua casa a fim de receber mensagens divinas reveladas por meio dela. Sua casa estava sempre cheia de fiéis em busca da oração e do auxílio da jovem profetisa.

Nessa fase da minha vida infantojuvenil, quase todos os dias da semana chegavam visitantes na minha casa [...] As irmãs ficavam juntas conversando, em contrição e oração. De repente, não sei a explicação, eu também começava a conversar com elas e Deus revelava a mim o que estava acontecendo na vida daqueles irmãos, dava-me mensagens para transmitir a cada uma. (VIEIRA, 2019, p. 48-49).

Como visto, sua vivência religiosa sempre esteve atrelada aos valores que marcam a tradição pentecostal, as habilidades apresentadas por ela nesse campo lograram-lhe certo prestígio dentro da comunidade cristã que frequentava. A respeito disso, temos os relatos sobre

seu envolvimento precoce com o círculo de oração da Assembleia de Deus da Penha e sua escolha como professora e diretora da escola bíblica infantojuvenil da igreja, na época com apenas 15 anos de idade. O trabalho com o público infantojuvenil não demorou a dar frutos, Antonieta foi levada à Rádio *Relógio*, onde apresentaria por vários anos o programa “Vinde Meninos” destinado à evangelização de crianças.

Se, na igreja, suas qualidades espirituais e de ensino a colocaram em uma posição de destaque, em sua família, não era diferente. A jovem pregadora contava com o apoio e com as orientações de seu pai.

Meu pai conversava comigo como se eu fosse um pastor. Ele fazia cobranças duras na área ministerial. Ele me ensinava a Palavra de Deus e falava das doutrinas espirituais e dos costumes da igreja. Quando meu pai ia fazer uma visita na qual alguém estava endemoninhado, ele me levava junto. Acho que ele me via como um filho que ele queria ter no ministério pastoral e, como o Senhor me usava na Palavra e nos dons espirituais, ele exigia bastante de mim. Cobrava a pontualidade nos compromissos, na oração, na leitura da Palavra e outras responsabilidades com a Igreja. Ele aprovava o meu ministério. (VIEIRA, 2019, p. 58).

É importante salientar que a aprovação dada pelo pai ao seu ministério não implicava em um apoio emancipatório. Se, por um lado, ele incentivava o desenvolvimento de seus dons e talentos no âmbito religioso, por outro, deixava claro seu dever de submissão a figuras masculinas de autoridade, como revela a fala da autora no momento da entrevista em que narra uma conversa com aquele que seria seu futuro marido:

Aí, então eu disse para eles “Olha, tem alguma coisa que eu aprendi que faz parte da minha ética. Primeiro, meu pai me ensinou que toda mulher que quiser crescer no evangelho tem que crescer debaixo de três cajados”, eu falei para eles. “O cajado do pai que deu a semente para gerar, o cajado do marido a quem ele entregou a filha em casamento, e o terceiro cajado, o cajado espiritual, do líder que vai entregá-la para o sumo pastor das ovelhas, tem que aprender a crescer debaixo desses três cajados”. (ROSA, Entrevista, 2021).

Essa dualidade entre o papel feminino desempenhado por ela em uma sociedade patriarcal e a ascensão de sua liderança no meio cristão está presente no discurso e em diversos momentos da vida de Antonieta. Perguntada, durante a entrevista concedida em 2021, sobre o exercício do pastoreio feminino, a autora pontuou, de forma contundente, a estratégia que consideraria a mais correta na relação entre essas mulheres e o meio masculino em que circulam, deixando claro que a submissão que defende está mais ligada a uma forma de domínio do que uma imposição subjugadora:

Ela pode pastorear sozinha, desde que ela tenha maturidade. E essa maturidade eu divido como, primeiro, conhecimento; segundo, consciência da posição que ela tá sendo usada; terceiro, não se aproveitar para fazer o que os machistas fazem, eles humilham as mulheres e tem mulheres que se aproveitam para humilhar os homens... Não humilha não, exalta eles, e você ganha mais força sobre eles. [...] Eu sei porque eu acompanhava meu pai como pastor, eu aprendi que a submissão exercida com inteligência dá mais autoridade do que a autoridade sem ser prudente. (ROSA, Entrevista, 2021).

A ressignificação dos discursos sobre submissão é um elemento essencial na compreensão desse perfil feminino, como visto no trecho acima e como tornaremos a ver na análise das obras da escritora na segunda seção deste capítulo.

Passaremos agora a um panorama de sua trajetória profissional. Ao falar sobre o caminho profissional percorrido pela autora, observa-se a conexão com sua espiritualidade e perspectiva em relação a sua posição e missão religiosa. Sobre sua chegada à CPAD em 1961, após convite do pastor Augusto Costa, Rosa manifesta a ideia de estar desempenhando um chamado missionário: “O trabalho na CPAD se tornou a minha chamada na obra de Deus. Não significava apenas a minha carreira profissional. Eu tinha a casa como uma chamada missionária” (ROSA, Entrevista, 2021).

Assim como na família e na igreja a crença no chamado espiritual imperativo, guiava suas ações em um contexto dominado por homens. Compondo um quadro funcional com apenas mais duas mulheres, Rosa destacou-se tornando-se a primeira mulher a ser mantida na instituição após o casamento, permanecendo nela até o nascimento de seu primeiro filho, ocasião que resultou em seu desligamento da editora 11 anos depois de seu ingresso, encerrando assim sua primeira passagem por lá.

Durante seu período de afastamento da CPAD, ela fez passagens por outras editoras que contribuíram grandemente no seu conhecimento sobre mercado literário cristão: Betânia, CLC e Emprevan. Além disso, dedicou-se à família recém-construída ao lado de seu marido, José Vieira, um jovem comerciante português novo convertido,<sup>9</sup> que se tornou seu grande companheiro e apoiador. Em certo momento de sua biografia, Antonieta conta a respeito da resistência enfrentada dentro da igreja por não se casar com um jovem com vocação pastoral:

As pessoas diziam para mim que eu deveria casar com um jovem que tivesse vocação pastoral ou missionária. A minha resposta era “A menos que Deus não queira eu tenho que me casar com um homem de verdade, porque eu sou uma mulher de verdade em relação à vida conjugal. A respeito da parte ministerial é Deus que direciona todas as coisas”. Deus trouxe do mundo um

---

<sup>9</sup> Forma como os evangélicos se referem às pessoas que aderiram à sua fé num período recente.

marido para mim. Eu já era dirigente de igreja. Você imagina como isso aconteceu? [...] Ele foi um esposo companheiro, amigo, compreensivo que, ao seu modo, completou o meu ministério. Ele nunca me impediu de realizar a obra de Deus. (VIEIRA, 2019, p.141-142).

O retorno para a CPAD se deu durante o início da década de 1980. Antonieta seria então designada a gerenciar uma nova filial no estado de São Paulo. Com o sucesso de sua empreitada, regressou ao Rio de Janeiro para tornar-se a primeira mulher a compor a direção dessa casa publicadora. Sua posição estratégica dentro de uma grande editora evangélica não apenas propiciou conhecimentos indispensáveis em sua jornada como pregadora e pastora, como também favoreceu o florescimento de sua trajetória literária.

## **2.1 A mulher e as pequeninas coisas: os tesouros espirituais do cotidiano**

Com um vasto histórico profissional no mercado editorial evangélico, não tardou para que a então Missionária Antonieta se aventurasse no universo literário cristão. Em 1987, ela lançaria aquele que seria o primeiro livro produzido pela CPAD voltado exclusivamente ao público feminino, uma compilação de estudos e reflexões da autora sob o título *A mulher e as pequeninas coisas: os tesouros espirituais do cotidiano*.

Esse livro que inauguraria a série *Mulher e Bíblia* teve grande aceitação e vendagem. Perguntada sobre isso durante a entrevista, ela aponta o pioneirismo da obra, salientando a ausência desse tipo de publicação para as mulheres pentecostais: “O que tinha de escrito de mulher era sobre poesias e peças de representações teatrais na igreja e era mais batista” (ROSA, Entrevista, 2021). A popularidade da obra se traduz em suas sucessivas reedições, o exemplar analisado neste trabalho é a 15ª impressão, publicada no ano de 2012.

O livro é dividido em quatro partes, desdobradas por 16 capítulos. Durante a leitura, nos deparamos em diversos momentos com a oscilação, entre um discurso emancipatório e um discurso conservador. A resignificação dos discursos “opressores” associados à ideia estratégica tratada por ela durante a entrevista concedida para esse estudo como “submissão exercida com inteligência” está presente já nesse trabalho autoral. Se, por um lado, essa mulher busca por espaços de maior atuação na hierarquia de suas igrejas, por outro, tenta de todas as formas se afastar dos discursos feministas:



O inovativo que trazemos se refere ao fato de apesar das pastoras pentecostais não terem articulado um movimento feminista que lhes colocassem na posição de liderança dentro das denominações religiosas que congregam e não possuírem um discurso teológico feminista mostram-se como portadoras de habilidades e estratégias que lhes colocam em lugar de destaque na relação masculino e feminino. (MIRANDA, 2009, p. 38).

Nesse sentido, na dedicatória do livro, Rosa mostra-se em conformidade com as estruturas patriarcalistas predominantes, declarando se tratar de uma obra direcionada às “mulheres sábias, valorosas, heroínas, cuja missão maior de mãe é preparar hoje o homem de amanhã” (VIEIRA, 1987, p. 7). Ela completa seu discurso salientando que essas mulheres iriam preparar “o homem de amanhã, e encaminhar os passos dos futuros cidadãos que governarão o país, e os futuros obreiros que tomarão parte na expansão do reino de Deus” (VIEIRA, 1987, p. 7). A valorização de um perfil feminino conformado a papéis secundários e ligado à esfera privada flutua por alguns pontos do livro, porém, recebe, mesmo que de maneira sutil, uma roupagem emancipadora como tentaremos demonstrar a seguir.

Partindo da premissa de que a mulher se equipararia biblicamente às “coisas pequenas”, na primeira parte dessa obra “A consonância harmoniosa das coisas pequenas”, busca-se explorar essa afirmativa sob dois aspectos diferentes. O primeiro que desejo apresentar é o viés da conformidade com a pequena dimensão de atuação relegada a elas, na analogia da igreja como um *corpo*, todas as partes (membros), até mesmo as menores, seriam imprescindíveis ao seu perfeito funcionamento: “Queridas irmãs, nós também somos membros desse corpo maravilhoso que é a Igreja, e como tal, temos a nossa participação. Mesmo que o seu trabalho seja simples, considerado pequeno, ele é importante e valioso no corpo de Cristo” (VIEIRA, 1987, p. 23).

Ao completar a ideia proposta, é revelada a visão possuída sobre a condição de desvalorização do feminino dentro das igrejas: “Muitas vezes a mulher é vista na igreja como um membro sem valor, mas a palavra de Deus nos mostra o valor de cada membro do corpo. Os mais frágeis, e que são considerados menos importantes, são necessários” (VIEIRA, 1987, p. 23).

Essa parte do discurso chama a atenção por trazer em seu bojo a associação entre as opressões sofridas e os conflitos de gênero no âmbito religioso, um elemento que rompe com uma concepção sociológica comum no que diz respeito à mentalidade desse personagem. Para a socióloga Maria das Dores Machado (2005), em geral, o reconhecimento, feito por lideranças femininas pentecostais, das opressões espirituais, sociais e familiares eram (durante as décadas de 1980 e 1990) dissociadas dos conflitos de gênero.

Nesse sentido, essas mulheres reconheceriam o peso opressor das estruturas sociais sem, contudo, relegá-lo às disparidades históricas entre gêneros. Mesmo que, em outros momentos de seus trabalhos literários, Antonieta apresente essa dissociação, no último trecho citado deixa transparecer a identificação da ligação entre opressão, conflito de gênero e igreja.

Passando ao segundo viés presente na alegoria realizada entre a mulher e as pequeninas coisas, trata-se da valorização das pequenas coisas como sustentação para harmonia de todo o universo. Para tal, o universo é apresentado como uma “revelação do poder e da divindade de Deus”, um conjunto de pequenas coisas na formação da grandiosa obra divina. Essas “pequenas coisas”, por sua característica suscetível, torna-se maleável ao uso do criador, sendo utilizada na manutenção da ordem harmônica da criação. Logo aqui, nessa parte do discurso, a mulher torna-se elemento central na intervenção divina, um instrumento adequado aos propósitos celestiais. Como base para essa afirmativa, Vieira (1987, p. 51-52) faz uso da seguinte citação bíblica: “e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (BÍBLIA, I Coríntios, 1, 28-29, Almeida Revista e Atualizada).

Nesse sentido, a mulher seria um elemento de inversão na lógica social, sendo escolhida por Deus, justamente por seus atributos não louváveis. A condição subalterna relegada a ela pelas estruturas sociais torna-se o diferencial determinante que a faz ser colocada divinamente em uma posição de importância. Essa ideia volta a ser explorada e aprofundada na terceira parte do livro.

Após uma segunda parte breve, em que a autora reafirma os papéis predefinidos entre os gêneros na família “O lar é o reino do pai, o mundo da mãe e o céu da cria” (VIEIRA, 1987, p. 39), a terceira parte da obra retoma as reflexões anteriormente colocadas, a subversão da ordem “natural” das coisas por meio dos atributos femininos. Mais uma vez, lançando mão do texto bíblico de I Coríntios 1, porém em uma nova tradução e acrescentando a leitura do versículo 27, Antonieta reforça a força espiritual que acredita existir nos atributos considerados socialmente como fraquezas femininas:

Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são (BÍBLIA, 1 Coríntios, 1, 27-28, Almeida Corrigida Fiel).

Na premissa dessa analogia, está o fato de a mulher ser considerada louca, fraca, vil, desprezível e desimportante (que não são). Características essas que a colocariam em uma

posição de desvantagem perante a sociedade, porém, esses aspectos passam a ser considerados forças e qualidades na ressignificação proposta pela autora, como veremos a seguir.

Ao equiparar a figura feminina com as “coisas loucas deste mundo”, Rosa estabelece o diferencial do que considera loucura para os homens e loucura para Deus. Segundo a autora, o texto bíblico afirma que muitos pensamentos e propósitos divinos seriam considerados pelos homens como “loucura” devido à incapacidade de compreensão. Em outras palavras, a loucura de Deus seria mais sábia que a sabedoria dos homens.

Nesse sentido, a utilização da mulher nos propósitos celestiais seria uma loucura divina permeada de sabedoria e perfeição. Sua visão é corroborada na exposição por alguns exemplos bíblicos trazidos por ela, são eles: a utilização de Raabe,<sup>10</sup> mulher desprezada, para esconder e proteger os espias de Israel; a mulher pecadora aceita e abençoada por Jesus após ungir seus pés.

Mais uma vez, a perspectiva humana é comparada à divina, dessa vez para analisar a diferença na concepção de fraqueza. Para ela, ao usar o pequeno e fraco Davi,<sup>11</sup> a frágil serva de Naamã<sup>12</sup> em seus propósitos, Deus mostrou aos homens que sua “fraqueza” seria mais forte que a força deles. Então, mesmo que, na perspectiva humana, a mulher seja exemplo de fragilidade, na divina, ela pode ser dotada de grande força.

A mesma aplicação lógica é utilizada na inversão valorativa dos outros maus atributos elencados no texto: vil, desprezível e “que não são”. Um compilado de exemplos bíblicos é enumerado, mesmo que não presente uma ligação direta e objetiva com o argumento a sustentar. Passagens presentes na literatura cristã são invocadas a fim de demonstrar as diferenças nas concepções divinas e humanas. Ela pontua a grande confusão dos homens diante da manifestação da vontade divina, utilizando histórias como: de Gideão e os trezentos guerreiros,<sup>13</sup> Davi e os cinco seixos do Ribeiro,<sup>14</sup> Sansão e a raposinha.<sup>15</sup>

A última parte do livro traz no título um chamado a todas as mulheres “Deus quer usar você e seus talentos”. Nela é feito o esforço para demonstrar às leitoras o quanto elas podem ser úteis no “reino de Deus”. No primeiro capítulo, vemos as diversas formas de chamado

---

<sup>10</sup> História bíblica relatada no livro de Josué, capítulo 2.

<sup>11</sup> História bíblica relatada nos livros de I e II Samuel.

<sup>12</sup> História bíblica relatada no livro de II Reis, capítulo 5.

<sup>13</sup> História bíblica relatada no livro de Juízes, capítulo 7.

<sup>14</sup> História bíblica relatada no livro de I Samuel, capítulo 17.

<sup>15</sup> História bíblica relatada no livro de Juízes, capítulo 15.

recebido por elas sendo ofertadas à possibilidade de servir a igreja com os seguintes ministérios:

- Oração: algumas deveriam servir por meio da intercessão pelos necessitados;
- Louvor: algumas seriam incumbidas de adorar a Deus com seus cânticos;
- Ação Social: convocadas para suprir a necessidade dos mais pobres;
- Evangelização: ganhar almas para o “reino de Deus”;
- Visitação: visitar hospitais, presídios, orfanatos e outros lugares;
- Testemunho: dar bom testemunho mediante o bom exercício de suas profissões;
- Mãe: conduzir os filhos no “caminho do Senhor”;
- Esposas: para aquelas que receberam o “privilégio” de se casarem com obreiros, o “primeiro chamado” deveria ser auxiliá-los nessa tarefa.

Como visto, a liderança de uma igreja ou o ministério pastoral não fazem parte aqui do rol de serviços para os quais as mulheres poderiam ser convocadas por Deus. Isso, de certa forma, contrasta com a realidade vivida pela autora, que, na ocasião da publicação da obra, já se encontrava à frente de uma congregação de sua igreja,<sup>16</sup> exercendo cargo de liderança sob a patente de missionária. Perguntada durante a entrevista sobre essa aparente contradição, ela esclareceu já ser na época favorável ao pastoreado feminino, porém, teria preferido omitir essa possibilidade ministerial por adequação aos ideais da editora “não coloquei porque a Assembleia de Deus não aceitava... E eu estava na Casa Publicadora...” (ROSA, Entrevista, 2021).

Esse posicionamento evidencia o que já tratamos anteriormente. Se, por um lado, a mulher busca novos espaços mediante a ressignificação de discursos, por outro, ela se mantém, mesmo que aparentemente, aliada à ordem social preestabelecida. Nesse constante jogo entre rupturas e permanências, as possibilidades de ação vão gradativamente se expandindo em uma dinâmica empoderadora.

No demais, o livro é permeado por ilustrações<sup>17</sup> articuladas com frases de autoridade que buscam complementar os ensinamentos passados no texto. Em sua maioria, as imagens retratam mulheres brancas e bem trajadas, desempenhando papéis sociais na família e na sociedade. Em uma delas, uma mulher está ao piano ensinando crianças a cantar, e a imagem

---

<sup>16</sup> Assembleia de Deus: Ministério Portas das Ovelhas – igreja situada na Vila da Penha, fundada e dirigida por Antonieta durante a década de 1990.

<sup>17</sup> Contidas no Anexo B, no fim deste trabalho.

é complementada com a frase “Tudo na vida é música, se a pessoa tocar as notas corretamente e dentro do compasso” (VIEIRA, 1987, p. 28). Em outra, temos vários recortes em que mulheres realizam tarefas diárias, seguida da frase “Faça pequenas coisas agora e as maiores coisas lhe serão confiadas” (VIEIRA, 1987, p. 36).

Após discorrer o valor do trabalho feminino no reino de Deus, é apresentada uma imagem em que duas mulheres brancas, vestidas de forma elegante, encontram-se diante de uma família negra e simples, que parece grata e feliz com sua visita; a ilustração é complementada com a seguinte afirmação “Visitar os necessitados é uma das mais sublimes missões da mulher cristã” (VIEIRA, 1987, p. 68). Mesmo que não possamos aprofundar nesse momento, é importante pontuar que o perfil da mulher pentecostal é marcadamente negro e pertencente à classe baixa da sociedade (ISER, 1996 apud MAFRA, 1996). A imagem, que reflete um ideal feminino, demonstra o afastamento entre o discurso falado e o vivido no contexto apresentado.

## **2.2 A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra**

O início da década de 1990 marca o lançamento do segundo livro da autora, segundo da série *Mulher e Bíblia* da CPAD. Nele encontramos reflexões sobre como a mulher deveria ver a si mesma, como ela deveria ser vista pelas pessoas e como ela deveria ver o mundo a sua volta. Em meio a reflexões aparentemente soltas, está o desejo de encorajar a leitora a tomar parte nos trabalhos da igreja.

Assim como o primeiro livro, a obra é repleta de ilustrações que, somadas a frases de conhecimento, buscam instruir e fortalecer seu conteúdo. Por exemplo, diante da imagem de uma mulher lendo a Bíblia, encontramos a máxima “Quando nos espelhamos na palavra de Deus, temos a imagem perfeita do criador a ser refletida em nós” (VIEIRA, 1990, p. 49), uma mulher a se admirar no espelho “A mulher virtuosa e bela é semelhante a um espelho mui polido, que o menor bafo pode embaçar” (VIEIRA, 1990, p. 17).

Seguimos agora com algumas considerações sobre o teor da obra. A dedicatória marca o reconhecimento das opressões sofridas pela mulher sem, contudo, atribuí-las diretamente à igreja ou às desigualdades de gênero historicamente construídas. “Às filhas de Eva dedico este livro, com intuito de ajudá-las a descobrir seus valores, na maioria das vezes adormecidos ou

sufocados por um viver em meio a uma sociedade que as discrimina, despreza, explora e as faz sofrer” (VIEIRA, 1990, p. 9).

Em sequência, o texto revela a intencionalidade que permeia o discurso aqui construído: “Há um Deus interessado em cuidar de cada uma delas, convidando-as a assumir sua verdadeira vocação, seja no lar, na igreja ou na vida profissional” (VIEIRA, 1990, p. 9).

Durante a análise dessa obra veremos que está presente a preocupação em reafirmar a vocação feminina na esfera privada, lar, enquanto promove-se a legitimidade de sua atuação na esfera pública, igreja e sociedade. Em outras palavras, a mulher ideal exerceria com destreza seu papel doméstico, mãe e esposa sem, contudo, negligenciar sua potencialidade nos serviços da igreja ou da sociedade (vida profissional).

Como visto até o momento, o livro apresenta reflexões sobre a visão do feminino a respeito de si, a respeito de como a sociedade o vê e como ele deveria enxergar a conjuntura social que o envolve. Essas questões estão distribuídas nas quatro partes que o compõe.

Na primeira parte “A mulher e o espelho”, após algumas ponderações a respeito da origem dos espelhos, a leitora é convidada a olhar para o espelho da “palavra de Deus” a fim de aferir a verdadeira beleza que é “espiritual”. Os atributos dessa beleza são apresentados em seguida mostrando as qualidades que a mulher deve buscar ao olhar para dentro de si. Para a autora, essa beleza deve ser: interna, visível (expressada por atos de bondade) e ativa (manifestada por meio de serviços para Deus). Ou seja, o ideal de feminilidade cristã comportaria, dentre outros, o aspecto de engajamento nas atividades da igreja.

Traçando um paralelo entre beleza espiritual e beleza física, salienta-se que a beleza física ou “lasciva” como fruto da vaidade seria terrena, carnal e diabólica. Por isso, teria a capacidade de destruir os valores da alma e do espírito. Como argumento de autoridade, o grande conflito entre Sansão (campeão da fé) e Dalila (campeã da beleza)<sup>18</sup> é explorado. Nele se visualizaria a força destruidora desse aspecto do belo na supressão dos valores desejáveis à vida cristã. Além disso, uma ressalva é pontuada: a mulher sábia necessitaria cuidar de sua aparência externa, porém seu foco precisaria estar no desenvolvimento da beleza interior (VIEIRA, 1990, p. 42).

A segunda parte do livro inaugura uma nova analogia pretendida pela autora, entre a mulher e as “janelas”. Esse esforço é realizado a fim de transpor o olhar feminino da visão de si, para a visão que se espera do outro somada à perspectiva das conjunturas externas. Ao abrir ou se apresentar diante de janelas, a mulher veria e seria vista de determinadas formas,

---

<sup>18</sup> História bíblica relatada no Livro de Juízes, capítulo 16.

podendo culminar em bênçãos ou maldições. Dentre as janelas apresentadas nos textos, elencaremos a seguir algumas que se destacam.

A primeira “janela” explorada é a “janela da vaidade”, que teria sido aberta pela rainha Jezabel,<sup>19</sup> conduzida à morte graças ao seu ímpeto em mostrar-se ao povo exibindo sua beleza aparente e praticando atos e palavras indignas para sua posição. Ao buscar esse tipo de reconhecimento, a ímpia e insensata rainha teria recebido como fiel juízo uma sentença de morte. Nesse sentido, o afastamento desse tipo de conduta e intenção faz-se necessário, pois as “forças espirituais” não poderiam atuar paralelamente com as forças terrenas e carnisais.

A segunda “janela”, classificada na obra como “janela da censura”, expressaria o erro de muitas mulheres em sua forma de olhar para o exterior, sobretudo para seu marido. Essa janela teria sido aberta por Mical,<sup>20</sup> primeira esposa do rei Davi; ao olhar pela janela, seu marido dançando e celebrando a Deus, ela o censurou e o humilhou, movida por inveja, ciúme e orgulho. Como consequência dessa atitude “mesquinha”, Mical teria sido privada do grande privilégio dado às mulheres: a maternidade. Mais uma vez, aqui é reafirmado o ideal feminino de esposa e mãe. Assim, a mulher que imprime um julgador está passível de não ser contemplada com o “prêmio maior” por todas desejado: a construção de uma família dentro desses moldes.

Esse padrão desejável é reiterado na parte final da obra, quando a autora reflete sobre o que chamará “janela da casa”, permeando seu discurso com ponderações a respeito dos papéis de gênero dentro da esfera familiar. Essa exposição traduz ideais de conservação à estrutura patriarcal preestabelecida: a mulher deveria se preocupar se está sendo uma boa mãe, uma boa esposa, ajuizada, sábia no lidar com as questões do lar. Além disso, a preocupação deveria se estender à prática da caridade, ao estudo das escrituras sagradas e ao empenho na oração. Em contrapartida, o homem segundo o coração de Deus para sua família deveria governar sua casa, sendo o líder, responsável pelas finanças e pela educação dos filhos, além de incumbido a realizar uma condução espiritual da família.

É importante frisar que, ao tecer o papel masculino dentro do lar, ela embute em seu exercício discursivo as responsabilidades e os deveres do masculino impostas segundo instruções bíblicas. Se, por um lado, a ele era dado a autoridade familiar, por outro, isso exigiria dele uma postura de fidelidade, sobriedade, honestidade e hospitalidade. Segundo a socióloga Clara Mafra, os autores que analisaram as concepções de papéis de gênero dentro

---

<sup>19</sup> Rainha descrita na Bíblia como uma mulher cruel, manipuladora. Símbolo de vaidade, teria se dedicado a perseguir os profetas fiéis como forma de garantir o culto ao deus Baal. Sua história está narrada no livro de I Reis.

<sup>20</sup> História bíblica relatada no livro de II Samuel, capítulo 6.

movimento pentecostal durante o início da década de 1990 pontuam os benefícios pretendidos pelo feminino mediante a defesa desses argumentos:

Estes autores argumentam que estes movimentos tendem a trazer vantagens às mulheres na medida que fornecem instrumentos para a autoafirmação feminina e ao exigir a maior participação do homem na família e na igreja – mesmo que reponham a hierarquia –, levando-se em conta o contexto mais geral, hierárquico e patriarcal. (MAFRA, 1996, p. 1).

Como visto nos discursos construídos por e para as mulheres no âmbito evangélico pentecostal, apresenta-se a dualidade entre conservação e emancipação. A mulher busca ampliação de seus espaços à medida que reafirma as hierarquias patriarcais.

Ademais, partindo para a finalização da obra, passa-se ao estabelecimento de uma simetria entre o valor e a utilidade das janelas com o valor e a utilidade do feminino dentro do *ethos* cristão. Assim, como as janelas não possuem aparente destaque em uma construção, mesmo sendo de vital importância, a mulher na igreja é essencial, independentemente do reconhecimento de seu valor. Confirmando a perspectiva adotada, a autora declara: “Hoje, o que precisamos não são de janelas artísticas, mas de vidas trabalhadas pelo Espírito Santo, provadas e aprovadas por Ele, separadas inteiramente para o uso de Deus” (VIEIRA, 1990, p. 88).

Em outras palavras, as leitoras seriam as janelas enfeitadas pelo Espírito Santo para a propagação das “boas novas do evangelho”. O que se segue é uma convocação para que as mulheres atendam ao chamado celestial. Segundo a autora, Deus estaria necessitando de mulheres em sua obra, para orarem, batalharem espiritualmente, receberem mensagens divinas endereçadas aos discípulos, saciarem a sede e a fome física e espiritual dos menos favorecidos, e creiam em sua proteção e seu cuidado (VIEIRA, 1990, p. 98).

Durante a entrevista concedida para este trabalho, Antonieta afirma a importância feminina na expansão da igreja Assembleia de Deus durante aquela década (de 1990). Suas declarações no livro iriam ao encontro das demandas da igreja na concretização do ambicioso projeto missionário por eles chamado “Década da Colheita”. A mulher seria colocada como elemento central por sua capacidade evangélica e facilidade de acesso às pessoas (ROSA, Entrevista, 2021). A relação entre esse desejo expansionista da Assembleia de Deus e a ascensão feminina será mais bem trabalhada no próximo capítulo deste estudo.



Após uma sequência de citações bíblicas encontradas em Cantares<sup>21</sup>, o livro é finalizado com a convocação das leitoras para os serviços na igreja: “Servas do Senhor, atentai ao chamado do amado!” (VIEIRA, 1990, p. 110).

### 2.3 O trabalho da mulher na igreja

Poucos anos separam o lançamento de *A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra* (1990) da publicação da primeira edição de *O trabalho da mulher na igreja* (1997). Ainda assim, podemos perceber uma marcante diferença no discurso construído pela autora sobre a participação da mulher na igreja e na sociedade.

Se, na obra publicada em 1990, a dedicação era feita para uma mulher discriminada, explorada e desprezada (VIEIRA, 1990, p. 9), na publicada em 1997, volta-se para uma mulher “dinâmica” e “indispensável no projeto do reino de Deus” (VIEIRA, 1999, p. 5). É possível que a mudança de tom observada ilustre profundas mudanças ocorridas nas igrejas pentecostais quanto à participação feminina em seus cultos e suas organizações. Porém, é importante ponderar que outro fator relevante a essa mudança é a publicação ter sido feita pela editora Jeová Nissi de propriedade da autora – o fato de ser a responsável direta pela publicação aumenta significativamente sua liberdade discursiva.

Quanto ao teor do livro, já na apresentação, percebemos a nova linguagem empregada para se referir à mulher cristã, de forma objetiva, reafirma-se a importância dela no desenvolvimento e na manutenção das instituições evangélicas. O termo *liderança* associado ao papel feminino aparece pela primeira vez na literatura até aqui analisada: “O novo testamento, em vários textos, refere-se às mulheres trabalhando e servindo lado a lado com os homens, inclusive algumas, até se destacando em funções de liderança” (VIEIRA, 1999, p. 9).

O deslocamento da mulher de uma posição subalterna, auxiliar do homem, para uma posição equiparada “lado a lado” é o cerne do discurso sustentado por toda obra. Os objetivos da publicação, elencados em seu início, incluem distinguir os condicionamentos culturais que favorecem a discriminação contra o trabalho da mulher na igreja e demonstrar que as

---

<sup>21</sup> Livro bíblico considerado poético, que está contido no Antigo Testamento. Nele encontram-se diversos poemas trocados entre um esposo e uma esposa. Hoje, esses poemas são utilizados para simbolizar o amor presente no casamento entre Cristo (o esposo) e a igreja (esposa).

mulheres, historicamente, prestaram relevantes serviços ao “reino de Deus” (VIEIRA, 1999, p. 11).

No decorrer de nove capítulos, a autora tenta defender três pontos basilares: o primeiro é a defesa da redenção feminina por meio da mensagem dos evangelhos; o segundo é seu peso e sua importância na história bíblica e sua atuação na igreja primitiva; e o terceiro é seu valor como elemento indispensável na expansão e manutenção dessas instituições.

O primeiro capítulo, “A mulher e o verbo que se fez carne”, começa com uma reflexão sobre o pecado original e suas implicações na forma como a figura feminina passou a ser representada. A autora argumenta que, se, por um lado, foi através de uma mulher (Eva) que o pecado entrou no mundo, por outro, de acordo com a promessa redentora, seria ela, sem a participação masculina, que geraria o filho de Deus trazendo redenção a todos, inclusive a si mesma.

Se por uma mulher entrou o pecado no mundo, também pelo ventre de uma “mulher”, foi gerado o filho de Deus, que “*tira o pecado do mundo*”. É a “*descendência da Mulher*”, que veio para vencer por nós; a maldição da queda, a qual foi revertida pela redenção, trazida por Jesus Cristo. (VIEIRA, 1999, p. 14, grifos da autora).

O trecho em questão é embasado na literatura bíblica presente nos escritos direcionados à igreja primitiva em Gálatas, no início da era cristã. No terceiro capítulo, a autora pontua que, através do cristianismo, a mulher teria sido resgatada em sua importância e autoestima. A ideia de que o próprio Deus redimiu a mulher legitimaria a ascensão de seu trabalho na igreja primitiva, temática amplamente explorada por ela em sua argumentação como veremos agora.

A partir do quarto capítulo da obra, busca-se demonstrar, com textos bíblicos, a efetiva participação feminina na formação e consolidação da igreja primitiva. Segundo a autora, as mulheres estavam profundamente envolvidas nesse processo: elas estariam presentes na festa de Pentecostes, recebendo, juntamente com os homens, o Espírito Santo. Além disso, seriam elas a cuidar do trabalho social das primeiras igrejas, constituindo-se grandes auxiliadoras no ministério apostólico.

Dando um passo à frente, Antonieta, em sua explanação, levanta, com base nas cartas escritas pelo apóstolo Paulo, a possibilidade de algumas dessas mulheres terem ocupado posições de liderança nessas igrejas:

Todavia, o texto de Paulo vai mais além, quando lista uma série de outras mulheres cooperadoras do seu ministério apostólico. Inicialmente aparece o casal Priscila e Áquila, em cuja casa também se reunia uma igreja (Fp. 4.3,5). Segundo alguns eruditos, o fato da esposa ter sido citada primeiro, não é mera regra protocolar, pois a literatura de então, não admitia esse tipo de gesto [...] Pressupõe-se, portanto, que Priscila exercia a função de liderança. (VIEIRA, 1999, p. 40).

Ela ainda menciona a citação do apóstolo da participação de Maria, Trifena, Trifosa e Pérside no serviço de Deus, apontando seu reconhecimento pelo “trabalho que elas prestavam”. Por fim, a reflexão é concluída com uma pergunta e uma ressalva:

Se foi assim desde o princípio, por que negar-lhes hoje, o direito de serem usadas pelo Senhor, no papel que lhes couber dentro do reino de Deus? Não se trata aqui, de substituir o homem em sua função dentro de sua estrutura social, familiar e religiosa, mas permitir que a mulher preste a sua efetiva contribuição, como indivíduo na obra de Deus. (VIEIRA, 1999, p. 36).

Para a autora, o trabalho na mulher na trajetória da igreja não apenas se fez presente como também teve grande relevância e importância em sua formação. Esse argumento estrutura a segunda parte da obra se estendendo ao longo dos capítulos restantes. Ao retomar a temática sobre a participação da mulher na história do cristianismo, listam-se as diversas funções por ela desempenhadas: “Cada mulher é capacitada por Deus, para realizar na Igreja de Cristo, fazendo uso dos dons naturais, acrescidos dos espirituais” (VIEIRA, 1999, p. 58).

Dessa forma, a mulher teria contribuído para o bem-estar de Cristo ao servi-lo e ungi-lo, também teria servido a igreja auxiliando no ministério dos apóstolos, atuando como obreiras e profetisas.

A reflexão sobre o trabalho da mulher realizada ao longo do livro está permeada de ideias desafiadoras para a ordem hierárquica vigente nas igrejas pentecostais, sobretudo as Assembleias de Deus. Porém, deve-se ressaltar que, em meio às falas emancipadoras, encontramos marcas conservadoras ainda presentes. Nesse aspecto, precisamos demarcar dois pontos centrais: a constante tentativa de afastamento dos discursos feministas e a reafirmação da submissão da mulher na família.

Em relação ao primeiro ponto, seu posicionamento é demarcado por meio da ênfase dada ao papel redentor do cristianismo no que tange à histórica subjugação feminina. Para ela, as opressões de gênero não estariam respaldadas pelo texto bíblico; pelo contrário, esses textos colocariam a mulher em posição de destaque. Dessa forma, o papel secundário relegado a elas nas igrejas seria fruto de uma má interpretação bíblica diretamente influenciada por

estruturas sociais deturpadoras do verdadeiro propósito cristão. Em outras palavras, não seria a igreja evangélica o agente opressor, mas sim um elemento oprimido por essas forças contrárias à vontade divina.

Nesse sentido, a mulher cristã não careceria de qualquer influência social em seu processo libertador, uma vez que o resgate do ideal divino sobre ela bastaria em seu processo influenciador. Se a sociedade a oprime, a igreja a resgata dessa “influência”, liberta. A desconsideração dos aspectos sociais no processo emancipador inclui os ideais feministas presentes à época. Seria o genuíno evangelho, e não “movimentos e rebelião” feministas, que libertaria a mulher, como afirmado pela advogada evangélica Jacira. M. Costa Granja na abertura do prefácio:

Mais uma vez a professora Antonieta Rosa Vieira é usada por Deus para presentear a todos os amantes da verdade, com uma obra de valor, esclarecimento e despertar; era o livro que estava faltando na literatura evangélica, para mostrar as mulheres de Deus, que foi o Senhor Jesus, e não movimentos, rebeliões, ou até mesmo leis e decretos lei, quem as exaltou, honrou, valorizou, enobreceu e libertou. (GRANJA *in* VIEIRA, 1999, p. 7).

O segundo ponto conservador presente nos discursos da obra está delineado no tom preservador ao tratar das relações de gênero dentro da família: “Quanto às mulheres, estas não devem descuidar seus compromissos de esposa [...] a prioridade da mulher deve ser o seu marido [...] A mulher cristã deve, como exemplo de fé, prestar obediência ao marido” (VIEIRA, 1999, p. 71).

Seguindo em sua explanação, ela assume um tom conciliador: “A mulher e o marido, ambos precisam ter sabedoria e consideração um para com o outro, a fim de que sejam felizes e tenham paz” (VIEIRA, 1999, p. 72).

Encerrando o livro, lança-se o olhar para a missão da mulher na virada do século XX. Sua missão maior seria deixar, na história, o registro de seu trabalho, como referência aos crentes futuros, influenciando e impactando as dinâmicas sociais posteriores:

Devemos ter em mente que: “É a mulher que maneja a caixa de tintas da moral”. A determinação do valor de grande número de coisas, cabe a ela, tanto no lar, como na igreja e sem dúvida alguma, em todos os ramos de nossa complexa sociedade. (VIEIRA, 1999, p. 81, grifos da autora).

Para ela, essa missão deveria se estender ao lar (local de grande influência e impacto nas próximas gerações), à sociedade (por meio dos espaços profissionais ampliados) e à igreja

(orando, testemunhando, visitando, louvando, ensinando, aconselhando). Sintetizando seu pensamento, ela conclui:

A missão de cada mulher cristã, hoje, é cumprir o seu ministério no lar, na sociedade e na Igreja de Cristo, reconhecendo que há atividades peculiares aos homens e as mulheres que devem ser respeitadas, sem haver nenhum constrangimento, ou mesmo, algum confronto, por invasão de espaço, ou desrespeito às autoridades constituídas. (VIEIRA, 1999, p. 81).

A citação acima resume, de forma assertiva, a intencionalidade do discurso aqui colocado. Se, por um lado, a mulher deveria buscar novos espaços (o resgate do espaço originariamente dado a ela pelas escrituras sagradas), por outro, não deveria invadir o espaço masculino. A ideia emancipadora dessa busca contrasta com a restrição de certos espaços a determinados gêneros.

#### **2.4 A mulher cristã e os desafios da liderança**

Enquanto, nos dois primeiros livros aqui tratados, observa-se a busca por uma identidade e participação feminina, e no terceiro, a legitimação de seu trabalho e de sua liderança dentro das igrejas, o quarto livro (primeira edição lançada em 2007) apresenta a posição e a liderança dessas mulheres como já consolidadas. Durante boa parte do livro, as questões levantadas versam sobre a forma como esse papel será desempenhado, não se tratando mais de responder se ela pode ou não liderar, e sim de como exercerá essa liderança.

Como já feito em relação às obras anteriores, analisamos, na dedicatória da obra, a visão da leitora para a qual seu teor estava dirigido.

A todas as mulheres cristãs que no mundo inteiro realizam a obra de Deus, apesar dos desafios impostos pela sociedade por meio de preconceitos de natureza racial, social, religioso e sexual... A todas as líderes laboriosas, responsáveis, tenazes, que buscam o aperfeiçoamento, pois estão conscientes de tudo que diz respeito a sua liderança e controlam seu desempenho de modo a alcançar a excelência, sabendo que seus recursos e poder provêm de Deus. (VIEIRA, 2010, p. 3).

No prefácio assinado pelo casal Pr. Silas e Elizete Malafaia (líderes da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo), temos demarcado todo o discurso construído sobre o papel da mulher, sobretudo na literatura especializada. Eles ressaltam a possibilidade da

liderança feminina, desde que seja dentro dos parâmetros bíblicos, como é defendido pela autora no livro *O trabalho da mulher na igreja*.

Outro ponto de destaque é o reconhecimento da liderança exercida pela própria Antonieta, chamada por eles no prefácio de “grande líder na obra de Deus” (2010, p. 9). Vale citar que, mesmo resistente ao ministério feminino durante a década de 1980 e início de 1990, foi por decisão do pastor Silas Malafaia, em 2010, a consagração da escritora ao ministério pastoral (VIEIRA, 2019).

Sobre a liderança feminina no cristianismo, ponderam-se os desafios impostos pelo que a autora chama “barreiras impostas pelas tradições” (VIEIRA, 2010, p. 13) e os desafios interiores enfrentados pelas pretensas líderes, desafios esses que passariam pela disposição e aceitação da própria liderança e pelo apoio a outras líderes.

A abertura do primeiro capítulo da obra conceitua a visão de liderança que estará presente em seu teor. Com base no Dicionário Aurélio, a definição escolhida para liderança seria “Capacidade de liderar, baseada no prestígio pessoal e aceitação pelos liderados” (VIEIRA, 2010, p. 17). Nesse sentido, a mulher cristã se tornaria líder ao realizar ou comandar uma tarefa de ordem social, política ou religiosa. Essa liderança surgiria de quatro formas distintas: com ela abrindo seu próprio caminho; sendo escolhida pelo povo; sendo indicada por alguém hierarquicamente superior; sendo escolhida e chamada diretamente por Deus.

Uma das maneiras pelas quais uma líder cristã se estabeleceria seria por meio de sua força e determinação em liderar. Ela abriria seu próprio caminho “agindo em tempo oportuno, sendo trabalhadora, firme em seu caráter, sábia, eficiente e espiritual” (VIEIRA, 2010, p. 19), uma liderança considerada positiva desde que se mantivesse humildade e disposta a ouvir conselhos.

Outra forma de comando elencada seria a que se dá mediante uma escolha popular aplicada ao exercício de uma liderança política, legitimada pela convergência de objetivos entre os eleitores e a elegida. Tecida uma rápida análise dessas duas possibilidades, passemos para as duas que se destacam no contexto apresentado.

A primeira é a liderança por meio de uma indicação. Apesar de legítima, essa forma de estabelecimento de comenda imporia à mulher alguns desafios emergentes, como o de ser aceita não apenas como “chefe”, mas como líder em um determinado grupo. Essa aceitação poderia ser obtida por meio de árduo trabalho e exercício de fé. Como sustentáculo desse

modelo, ela destaca o trabalho de Febe, obreira recomendada pelo apóstolo Paulo à igreja em Cenecria durante e expansão do cristianismo primitivo.<sup>22</sup>

Por fim, chegamos ao estabelecimento de lideranças femininas por meio de uma escolha, um chamado divino, um chamado imperioso e capacitante recebido por algumas mulheres que foram impulsionadas e habilitadas pelo próprio Deus a liderar.

A seção se encerra com um balanço do exercício ministerial das mulheres durante aquele período:

Na igreja, a líder surge conforme as oportunidades e abertura concedidas ao ministério das mulheres. Atualmente, as lideranças da igreja têm percebido nas mulheres a capacidade de liderar e realizar. Diante dessas possibilidades, muitas se levantam com mais disposição e coragem para assumir importantes funções na casa de Deus. (VIEIRA, 2010, p.20).

Mais uma vez aqui, atestamos o novo posicionamento dado à mulher cristã nas igrejas pentecostais. Se antes a elas era relegada a ocupação de papéis secundários na hierarquia e liturgia dessas instituições, agora a possibilidade do exercício de importantes funções era viável.

Quanto aos atributos esperados dessa liderança, para a autora, uma boa líder deveria ser livre de amarguras e insatisfações, apta a conciliar com destreza suas funções na família (mãe, esposa cuidadora do lar), e na igreja, as mulheres líderes são polivalentes dedicando-se igualmente às tarefas espirituais, domésticas profissionais e, por fim, justas, não se colocando acima dos demais.

Na consolidação da liderança feminina, formam-se os perfis e estilos, analisados ao fim do primeiro capítulo. O estilo autocrático e liberal, opostos entre si deveriam ser evitados enquanto a liderança ideal seria compartilhada e participativa, onde a líder possuiria uma excelente autoimagem, trabalhando com as diferenças de cada um, levando seus liderados ao crescimento.

Apesar de o livro partir do princípio de que a liderança feminina já seria uma realidade, dois capítulos são dedicados à reafirmação da legitimidade dessa posição: “A liderança feminina: por que não?” e “A Bíblia fala pelas mulheres”. Enquanto o primeiro traça um panorama sobre os atributos de uma liderança feminina e sua importância nas diversas esferas sociais, o segundo busca demonstrar a igualdade entre homens e mulheres na abordagem bíblica.

---

<sup>22</sup> Carta escrita por Paulo aos Romanos, capítulo 16.

Ao iniciar o capítulo “A liderança feminina: por que não?”, Rosa inicia um balanço comparativo entre o perfil feminino e o perfil masculino acentuando as qualidades que dariam a cada um certa vantagem como líder. Para ela, os homens tenderiam a ser mais racionais, menos emotivos, enquanto as mulheres se sobressairiam por sua alta capacidade de observação aos detalhes. Desse modo, homens e mulheres teriam capacidade de liderar dentro de suas especificidades: “A habilidade de liderar não está limitada ao sexo masculino, embora haja uma forte restrição em relação à mulher em razão das tradições” (VIEIRA, 2010, p. 145).

Ela ainda ressalta a presença feminina em postos de governo tanto na sociedade atual como nas narrativas bíblicas (retomando aqui alguns elementos argumentativos de seu livro anterior) e na história da igreja e da sociedade como um todo. Passando a análise sobre a ampliação da participação feminina nos altos postos em países cristãos, a autora argumenta que, no mundo cristão, as mulheres teriam, naquele momento, oportunidade para estudar, trabalhar e cuidar da própria saúde. Por meio da superação do preconceito contra a mulher desde o Éden, o feminino, dentro dessa tradição, estaria em um processo de conquista da valorização devida.

Assim, a valorização da liderança nos países de tradição cristã é uma conquista diária, fruto da conscientização da mulher, particularmente da mulher cristã, a que o Senhor Jesus já libertou de todos os jugos colocados sobre os seus ombros. (VIEIRA, 2010, p. 49).

Após realizar alguns apontamentos sobre a liderança feminina presente na trajetória cristã, principalmente na igreja primitiva, utilizando os recursos argumentativos presentes em seu livro anterior, apresenta-se um balanço sobre a liderança feminina no contexto da escrita do livro:

Muitas mulheres têm se destacado como líderes educacionais, maestrinas, musicistas, evangelistas, missionárias, pastoras, diaconisas, assistentes sociais, enfermeiras e médicas. Elas exercem todos os tipos de atividades, colocando suas habilidades a serviço do Reino de Deus na Terra. (VIEIRA, 2010, p. 53).

No trecho acima, destaca-se o posicionamento feminino em escalas hierárquicas superiores dentro das instituições cristãs, o que não ocorre nos discursos anteriores. Se, no livro *O trabalho da mulher na igreja*, defende-se que a mulher trabalhe amplamente na igreja sem, contudo, atribuir-lhe diretamente função pastoral, aqui ela recebe, entre suas



possibilidades de atuação, o pastorado feminino. No contexto pentecostal, observa-se a transição ocorrida no contexto da escrita de Rosa, enquanto, no início da década de 1990, cabiam ao feminino pequenos papéis e trabalhos, agora ela poderia legitimamente ocupar cargos de maior relevância na igreja.

Essa transição, na trajetória da autora, ocorre em três fases distintas: autorização para o desempenho de tarefas periféricas (mais participação nos rituais), desempenho de funções ritualísticas de destaque e melhores posicionamentos na hierarquia institucional e, por fim, a consolidação em patentes hierárquicas maiores com o recebimento do título de pastora (somente em 2010). Na maior parte do tempo, ela esteve diretamente envolvida na direção e fundação de igrejas, sobretudo durante a década de 1990, porém, sob a patente de missionária e não pastora: “[...] eu dirigi igreja, eu comprei terreno, eu construí igreja, eu faço casamento, apresento criança, cerimônia fúnebre, tudo que for preciso, mas não era consagrada a pastora” (VIEIRA, 2019, p. 18).

Esse quadro apenas foi modificado em 2010, quando o pastor Silas Malafaia, separando-se da convenção das Assembleias de Deus do Brasil para formar a Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), a consagrou pastora.

Por fim, a autora salienta que os textos bíblicos advogam a favor desse novo posicionamento feminino ao apresentar os dois gêneros de forma similar, gozando dos mesmos direitos e deveres no reino de Deus.

Quando Deus olha o homem e a mulher, criados à sua imagem, como filhos, vê a ambos de maneira exatamente igual [...] Sob essa ótica, a mulher deve estar conscientizada de que, tal como o homem, é filha de Deus, desfrutando de iguais privilégios, direitos, da mesma graça, salvação e do mesmo amor. Ela tem igual acesso à sua presença e responsabilidade cristã. Recebeu o mesmo batismo, o mesmo espírito de vida e também a vida eterna. (VIEIRA, 2010, p. 59-60).

Completando o raciocínio, ela aponta uma ressalva ao apogeu feminino nessas instituições:

É certo que ainda existe muita discriminação e oposição ao trabalho feminino na igreja. Mas a bíblia [...] registra inúmeros casos onde a participação da mulher foi confirmada por Deus, trazendo assim uma trava para língua e ação dos muitos opositores ao ministério feminino no reino de Deus. (VIEIRA, 2010, p. 60).

Durante a entrevista concedida, Rosa relata alguns dos episódios onde vivenciou essa resistência ao ministério feminino. Conforme sua narrativa, certa vez, ela teria sido destrutada por um pastor quando convidada a pregar em sua igreja pelo grupo feminino local. O pastor, alegando desconhecimento do convite, enfatizou que não permitiria que uma mulher pregasse em sua igreja, convidando um pastor da cidade vizinha para o fazer; este, ao chegar na igreja e vê-la sentada durante o culto, a reconheceu como sua professora de seminário, convidando-a a tomar seu lugar na preleção.

Como já visto, a mulher que busca por novos espaços e novas posições dentro das instituições cristãs pentecostais esforça-se para afastar-se discursivamente dos ideais feministas. Se, por um lado, ela agrega em suas práticas e interpretações bíblicas ideias emancipadoras, por outro, reafirma a valorizações e manutenção das estruturas patriarcais. Essa dualidade sintetiza-se em dois momentos dessa publicação que trataremos a seguir: “O Feminismo no Brasil” e “A Posição Adequada à Mulher Cristã”.

A tentativa de afastamento entre suas práticas e seus discursos daquelas impetradas pelo feminismo emergente permeia a composição de todos os trabalhos aqui analisados, porém, o enfrentamento da questão concretiza-se em dois capítulos dedicados ao tema na publicação de 2010. Em “O Feminismo no Brasil”, Rosa nos fornece alguns pontos centrais na leitura que realiza sobre o movimento feminista, seu impacto e o que considera suas distorções.

Evocando uma matéria publicada no Jornal do Brasil em 1982, “O feminismo militante – excesso de entidades, carência de filiadas”, ela situa o feminismo como um movimento nascido no Brasil em 1975, após uma reunião realizada na Associação Brasileira de Imprensa. Seu objetivo inicial seria lutar pela liberdade da mulher e pelos direitos dela, objetivos esses legítimos segundo a autora. Contudo, embora ela reconheça aqui a validade das questões essenciais à causa feminista, ressalva que tais propostas teriam sido deturbadadas pelo que chama de “carga negativa de ressentimento e ódios contra o homem” (VIEIRA, 2010, p. 177). Nesse sentido, o movimento, para ela, tornara-se tão preconceituoso como o machismo.

Esse viés preconceituoso seria evidenciado pela estratégia equivocada de combate ao machismo. Ao definir tais estratégias como militância, luta, engajamento e outras expressões de cunho militar, esses movimentos colocariam seu foco de ação na subjugação revanchista dos homens ao invés da valorização da mulher. Para Rosa, tais estratégias não apenas reforçariam o preconceito embutido na questão como causariam ainda mais danos às mulheres

colocadas em posição de competidoras em áreas que não necessitariam competir. Ela sintetiza essa parte ao traçar o que seria, em sua visão, o posicionamento correto da mulher cristã:

[...] as possibilidades de trabalho para as mulheres são ilimitadas em Deus, não havendo necessidade de erguemos uma bandeira feminista [...] a mulher equilibrada evita opor-se ao homem, porque tal postura gera concorrências, que se revelam antinaturais, antissociais, antipáticas, antibíblicas e certamente descabidas. (VIEIRA, 2010, p. 181).

Em sua conclusão, ela resume o que consideraria a melhor estratégia para ampliação do alcance à participação da mulher: “O que interessa a mulher cristã não é abrir luta contra o homem, mas com inteligência, conquistar o seu espaço, sendo vigilante e garantindo sua permanência nas diversas áreas profissionais já conquistadas” (VIEIRA, 2010, p. 181).

Sobre seu parecer ao movimento *feminismo*, ela demonstra preocupação quanto à questão da legalização do aborto por ele defendido, fazendo com que o combate às pautas feministas se torne uma questão de defesa da preservação da família e dos valores cristãos. Tais ideais trariam valores justos, porém contaminados pelo seu distanciamento dos padrões divinos.

Esses movimentos têm contribuído fortemente para a degradação da moral e da ética cristã ao impor suas convicções imorais e pecaminosas [...] Eles inicialmente, eram fundamentados em argumentos justos, porém, por falta de direção de Deus, e conseqüente falta de visão, tentam impor como regra atitudes que deveriam ser encaradas como desvio social e combatidas com sabedoria. (VIEIRA, 2010, p. 178).

Compilando os discursos aqui construídos, observamos a aproximação entre os propósitos feministas e a trajetória da mulher evangélica pentecostal durante o período analisado, porém essa aproximação não se estende à forma e à estratégia de emancipação da mulher. Enquanto, em sua perspectiva, o feminismo pregaria uma “guerra” contra os opressores da mulher, o perfil feminino pentecostal aqui analisado acreditaria na superação por meio de uma aliança entre homens e mulheres a fim de resgatar os verdadeiros valores bíblicos, posicionando corretamente a mulher na igreja e na sociedade.

Nessa perspectiva, seria mais vantajoso e proveitoso circular dentro dessas estruturas sem o propósito de desfazê-las. A mulher, ao reconhecer o valor do masculino, estabeleceria a dinâmica favorável à sua própria emancipação. O feminismo, ao propor a ruptura de tal

estrutura, agiria de forma imprudente e preconceituosa, agravando ainda mais a condição feminina no bojo social.

Concluindo, a narrativa por ela construída leva-nos a crer que a alternância do discurso, ora emancipador, ora conservador, presente em seus escritos, faz parte de uma escolha estratégica de viabilização da emersão das mulheres sem a abrupta quebra da conjuntura institucional fundada no patriarcado – um jogo de ilusão, onde a mulher opera nas sombras e lacunas produzidas pelas configurações excludentes nas igrejas pentecostais. Poderíamos resumir essa síntese com uma frase da própria autora: “Se o homem é o cabeça, a mulher é o pescoço” (ROSA, Entrevista, 2021).



## **CAPÍTULO III – A LEGITIMAÇÃO DO PASTORADO FEMININO NAS IGREJAS PENTECOSTAIS (1987-2009): PERSPECTIVAS, CAMINHOS E DISCURSOS**

Nos capítulos anteriores, buscamos explorar as construções narrativas realizadas por e para a mulher evangélica pentecostal, conceituando-as como legitimadoras de um empoderamento feminino no contexto apresentado. Estruturamos, assim, um trajeto discursivo emancipador, começando do primeiro livro de Antonieta Rosa *A mulher e as pequeninas coisas*, editado em 1987, passando por *A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra* (1990), *O trabalho da mulher na igreja* (1997) e finalizando com *A mulher cristã e os desafios da liderança* (2009) – um aparato literário que se mistura à trajetória da própria autora, representante do arquétipo de mulher aqui analisado.

Neste capítulo, será realizado um balanço do aumento da presença da mulher em postos de liderança nas igrejas pentecostais durante o período. Por meio da leitura de artigos sociológicos produzidos durante esse processo, buscaremos obter uma visão panorâmica das transformações ocorridas dentro das igrejas desse *ethos*.

Desde já, adiantamos que a ascensão feminina em novos postos na hierarquia congregacional durante a década de 1990 foi amplamente verificada e analisada pela socióloga Maria das Dores Campos Machado e pela antropóloga Clara Mafra, ambas embasadas pelos números aferido no Censo Demográfico de 1992 e pelas pesquisas focais realizadas no Rio de Janeiro pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) de 1996. Nesse sentido, utilizaremos a exposição desses mesmos dados assim como a leitura por elas realizada, buscando explorar os bastidores e as motivações dos discursos literários aqui construídos.

### **3.1 O perfil sociológico da mulher pentecostal**

O Censo Demográfico realizado em 1992 deu luz a alguns aspectos do pentecostalismo brasileiro, sobretudo quanto à distribuição e ao perfil de gênero dentro de suas vertentes. Os números aferidos na pesquisa revelaram que o rosto pentecostal no Brasil era feminino, contando com mais de dois terços de mulheres na composição dessas igrejas.

Ainda de acordo com essas pesquisas, a adesão pentecostal estava presente de forma concentrada nas regiões periféricas, ganhando adeptos principalmente nas camadas mais populares e com menor acesso à formação escolar. Com base nesse parecer, poderíamos dizer que as mulheres evangélicas pentecostais seriam, em sua maioria, desprivilegiadas economicamente e pouco escolarizadas.

Segundo dados coletados pelo ISER em 1996 (apud MAFRA, 1996), as mulheres teriam, em geral, um vínculo mais duradouro com a igreja, representando 68% da membresia pertencente desde o nascimento e 71% dentre os que possuíam mais de 10 anos de pertencimento. Isso confirma o papel central delas no crescimento e no desenvolvimento das igrejas pentecostais brasileiras – um protagonismo pouco visualizado através de uma ótica puramente institucional, porém amplamente observado no campo social e antropológico como veremos adiante.

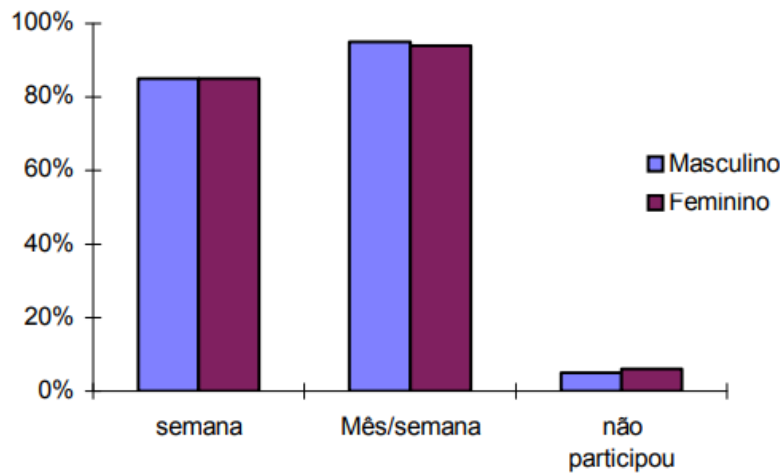
**Tabela 1 – Gênero e tempo de pertencimento na igreja**

	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Total</b>
Criado em Igreja Evangélica	128	272	400
	<b>32%</b>	<b>68%</b>	<b>30%</b>
Convertido 10 anos ou mais	105	251	356
	<b>29%</b>	<b>71%</b>	<b>27%</b>
Convertido há menos de 10 anos	178	389	567
	<b>31%</b>	<b>69%</b>	<b>43%</b>
Total	411	912	1323
	<b>31%</b>	<b>69%</b>	<b>100%</b>

Fonte: ISER, 1996 apud MAFRA, 1996, p. 7.

Como era de se esperar, os postos de liderança em geral eram ocupados por homens, contudo, as mulheres mostravam-se tão participativas quanto eles na organização e execução das atividades da igreja. Quando se tratava da frequência geral, mulheres e homens participavam assiduamente das atividades de suas congregações, alcançando, igualmente, os níveis altíssimos de 85% de presença semanal em alguma atividade, e 94% no mês.

**Gráfico 1 – Participação em alguma atividade na igreja**

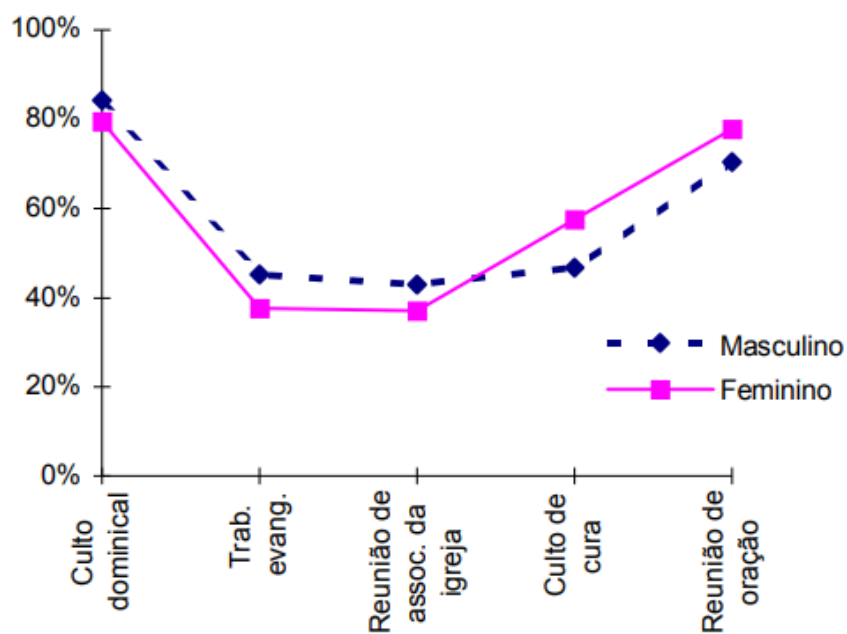


Fonte: MAFRA, 1996, p. 12.

As preferências no exercício de atividades nessas congregações eram diferenciadas pelo gênero: os homens participavam mais do culto dominical (64%), enquanto as mulheres representavam 61%, frequentavam mais às reuniões de associação (27%) contra 22% das mulheres e realizavam mais trabalho evangelístico (26%) que as mulheres (23%). Encarregavam-se, portanto, preferencialmente das atividades ligadas com a rotina institucional e relacionadas com o exterior. As mulheres participavam mais do culto de libertação (41% contra 32% dos homens) e da reunião de oração (60% versus 56% dos homens), frequentando mais assiduamente as atividades ligadas ao exercício do místico, seja para falar com e em nome de Deus, seja para a expulsão de espíritos ruins.



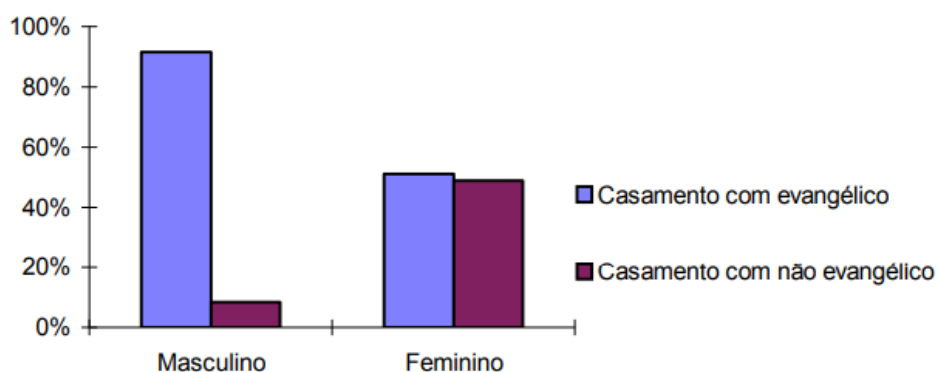
Gráfico 2 – Ênfases na participação eclesial segundo gênero



Fonte: MAFRA, 1996, p. 13.

Outro aspecto a ser destacado é o fato de apenas 51% dessas mulheres estarem casadas com cônjuges que professavam a mesma fé, em contraposição a 87% dos homens. Isso se devia tanto a maior facilidade do homem em impor sua fé na esfera familiar como ao fato de o pentecostalismo atrair mulheres que, em sua maioria, buscavam soluções para problemas familiares.

**Gráfico 3 – Casamentos entre evangélicos e não evangélicos por gênero**



Fonte: MAFRA, 1996, p. 11.

Como podemos concluir, o pentecostalismo atraiu em sua maioria mulheres com pouca instrução, vindas das camadas menos abastadas da sociedade, que encontravam na igreja um espaço de sociabilidade e motivação no cumprimento de sua missão como sustentáculo espiritual de suas famílias. Trabalhando com um grupo focal composto por mulheres pentecostais em 1998, a socióloga Maria das Dores Campos Machado observou:

[...] muitas histórias de maus tratos, pressão psicológica, alcoolismo, infidelidade dos parceiros foram relatados pelas fiéis. Diante das esparsas opções de lazer, da total carência de assistência social, psicológica ou médica, mulheres com quadros depressivos e enfrentando sérios problemas familiares encontram nos cultos pentecostais e nos gabinetes pastorais a possibilidade de falar de seus problemas, aprender estratégias de enfrentamento das dificuldades econômicas e afetivas, além, é claro, de usufruir do caráter terapêutico do ato de dançar, cantar, bater palmas, gritar e pular. (MACHADO, 2001 *in* VALLA, 2001, p. 81).

Ao seguir a análise, ela traça um perfil desse grupo feminino quanto às relações familiares e sua identificação com a igreja:

[...] quando examinamos os atributos da mulher moderna juntamente com os problemas identificados na família, percebemos uma autoidentificação da mulher como sustentáculo – moral e espiritual e em alguns casos até financeiro – do grupo doméstico. (MACHADO, 2001 *in* VALLA, 2001, p. 85).

Esse rápido balanço do perfil social atribuído à mulher evangélica, sobretudo pentecostal, esclarece alguns elementos discursivos utilizados por Rosa nas obras aqui analisadas. A dedicação de seu trabalho para uma mulher cujo valor foi “adormecido” por um viver em meio à exploração, discriminação e sofrimento, assim como a insistência no encorajamento para que ela assuma o controle de sua trajetória de fé, constituem-se um chamado que comunica diretamente a demanda socioafetiva de seu público, gerando o campo necessário à construção de novos ideais discursivos. A valorização da participação feminina na igreja e o reconhecimento de suas dores e seus conflitos abriam caminho para a ampliação das possibilidades de atuação nas hierarquias congregacionais.

### **3.2 Modificações nas relações de gênero dentro do pentecostalismo: a mulher na casa de Deus**

As observações sociológicas e antropológicas desse perfil feminino apontam para o início das mudanças estruturais na hierarquia das instituições pentecostais. A ascensão de mulheres em posições de destaque nos cultos (altares), começava a refletir em novas colocações dentro das organizações institucionais. Crescia entre os crentes a aprovação a respeito da presença feminina em posições de destaque nas igrejas, incluindo o exercício do pastorado.

**Tabela 2 – Opinião sobre a participação das mulheres na hierarquia da Igreja**

	Assembleia	Batista	Universal	Históricas	Renovadas	Outras Pentecostais	Total	
	N=411	N=245	N=218	N=123	N=98	N=237	N=1332	%
<b>Tesoureira</b>								
Certo	93%	97%	97%	94%	95%	94%	1221	95%
Errado	7%	3%	3%	6%	5%	6%	69	5%
<b>Evangelista</b>								
Certo	85%	97%	97%	95%	90%	94%	1184	92%
Errado	15%	3%	3%	5%	10%	6%	105	8%
<b>Diaconisa</b>								
Certo	61%	90%	80%	92%	78%	78%	940	77%
Errado	39%	10%	20%	8%	22%	22%	286	23%
<b>Pastora</b>								
Certo	46%	69%	83%	73%	60%	66%	809	63%
Errado	54%	31%	17%	27%	40%	34%	468	37%
<b>Presbítera</b>								
Certo	48%	74%	80%	79%	58%	67%	784	57%
Errado	52%	26%	20%	21%	42%	33%	431	43%
<b>Bispo</b>								
Certo	42%	67%	68%	72%	52%	57%	711	57%
Errado	58%	33%	32%	28%	48%	43%	535	43%

Fonte: ISER, 1996 apud FERNANDES, 1998, p. 116.

Nas igrejas pentecostais, a aceitação ao pastorado da mulher dividia os fiéis da Assembleia de Deus (46%), encontrando maior aderência nas outras denominações dessa vertente (66%). Mesmo que não tenhamos dados estatísticos anteriores de forma a comprovar o aumento dessa aceitação, sabe-se que o cenário era visto como inovador pelos estudiosos da religião, tanto da antropologia quanto da sociologia. Visto que, na década anterior (de 1980), uma das características marcantes desse *ethos* era a rigidez na repressão à maior participação feminina na hierarquia da igreja (MACHADO, 2001).

Em “Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais”, Maria das Dores Campos Machado (2005) analisou as novas configurações nas relações de gênero dentro do meio evangélico, em especial pentecostal. Para ela, a experiência que as mulheres tinham com o pentecostalismo favoreceria o desenvolvimento de sua autonomia, ao passo que a experiência masculina inibiria os aspectos socialmente relegados ao homem, iniciando um processo que chamará de “domesticação”.

Para entender melhor essa diferença, é indispensável que conheçamos as razões pelas quais homens e mulheres eram atraídos para a fé pentecostal. A adesão pentecostal entre os homens se dava sobretudo por questões que colocavam em pauta sua identidade social, como o desemprego, doenças e problemas econômicos, enquanto as mulheres se aproximavam da fé ao buscar ajuda divina para solução de problemas dos familiares, colocando-se como “guardiã do lar”. É nesse sentido que Machado (2005) atribui à vida congregacional o enfraquecimento da identidade masculina em contraposição ao fortalecimento da autoestima e autonomia feminina.

Para a socióloga, o pentecostalismo, ao legar à mulher uma certa autoridade moral, possibilitava a ampliação das possibilidades de atuação feminina na esfera pública, ao passo que fortalecia as responsabilidades masculinas nas esferas privadas por meio da promoção de uma moral sexual rígida e incentivo à docilidade e tolerância nas relações familiares. Essa dicotomia na relação dos gêneros com o sagrado criava a dinâmica necessária às modificações estruturais que se seguiriam.

Ainda segundo a observação da autora, havia a percepção de que, gradativamente, estava ocorrendo uma revisão do constrangimento à participação feminina em pontos de destaques dentro das congregações. Segundo a socióloga, o sacerdócio feminino tornava-se possível, não necessariamente por reivindicações feministas, mas sim, entre outros fatores que trataremos a seguir, pela eficiente acomodação dessa nova posição às tradicionais imposições hierárquicas de gênero. Na obra de Rosa, podemos ver as nuances dessa acomodação, quando ela trata a emergência da mulher no mercado de trabalho:

A luta pelo reconhecimento dos valores da mulher na sociedade moderna é uma questão atual, e eu não posso deixar de aprovar um de seus aspectos, aquele que tem por fim abrir novas portas onde a mulher possa ser útil. Isto está de acordo com tudo quanto há de melhor da raça humana. Sem dúvida, o lar é a esfera ideal para a mulher, mas nem todas podem ter um lar. Deve-se, portanto, permitir que a mulher ganhe o seu pão, **seguindo sempre, com humildade as recomendações bíblicas, e não sendo contenciosa.** (VIEIRA, 1987, p. 12, grifo nosso).

Como visto, para ela, diante da impossibilidade do ideal feminino restrito ao lar (espaço privado), torna-se aceitável sua maior participação no mercado de trabalho (esfera pública). Transpondo esse raciocínio para a realidade das igrejas durante o período, poderíamos supor que as necessidades organizacionais e expansionistas dessas congregações, em vista ao baixo contingente masculino, poderia justificar o alargamento das possibilidades de participação feminina em seu rito e sua estrutura. Ainda sobre os fatores emancipadores que possibilitaram

o surgimento e a consolidação das novas configurações de gênero nos postos de liderança nas congregações, Machado (2005, p. 391) destaca:

1. O acirramento da competição religiosa: com a multiplicação de novas denominações, as igrejas precisaram se adequar às demandas sociais a fim de tornarem-se mais atrativas aos fiéis.
2. O número reduzido de homens aptos ao sacerdócio: como apontado em pesquisas realizadas na época e, posteriormente, o número de mulheres se manteve significativamente maior que o de homens na composição de membros, isso somado às aspirações expansionistas das principais igrejas pentecostais, criou a demanda necessária para a colocação de mulheres em pontos estratégicos dessas organizações.

Durante a entrevista realizada com Rosa (2021), ela afirmou que o movimento expansionista, denominado pelas Assembleias de Deus de “Década da Colheita”, teria sido um fator que impactou diretamente na flexibilização e no afrouxamento das concepções doutrinárias e dogmáticas da igreja, incluindo as que versavam sobre a participação da mulher. Movidos pela necessidade de expandir suas congregações durante a década de 1990, a Assembleia teria repensado as posturas que dificultavam a adesão e a consolidação dos novos membros.

As análises antropológicas e sociológicas do período concordavam quanto ao crescimento da participação feminina assim como aos possíveis fatores apontados acima. Outra questão levantada por esses estudos era o aparente dualismo entre a defesa de uma posição igualitária entre os gêneros na igreja em contraste à reafirmação das hierarquias de gênero no âmbito doméstico. A razão para essa aparente ambiguidade tornou-se o ponto controverso nas análises sobre o tema.

### **3.3 Dualidades, rupturas e acomodações: a mulher na casa dos homens**

De acordo com os dados da pesquisa realizada pelo ISER (1996, apud MAFRA, 1996), os evangélicos recorriam tanto a concepções tradicionalmente hierárquicas quanto igualitárias na relação de gênero, variando conforme o assunto em pauta.

Quando a questão é dos papéis de gênero frente à família, os evangélicos valorizam a hierarquia, assim 60% concordavam com a frase “Ao marido cabe a última palavra na decisão

familiar”, enquanto 40 % discordam dessa afirmação. Outra característica de uma concepção familiar hierárquica tradicional é a pressuposição da assimetria na divisão das tarefas. Este foi um ponto crítico na opinião da maioria dos evangélicos que se dividiram (55% a favor X 45% contra) diante da afirmação: “A educação dos filhos é, principalmente, tarefa da mãe”. A expansão da noção igualitária nesse ponto expressou-se com os 79% de discordância quanto à frase “A mulher deve cuidar da casa e dos filhos e o marido não tem obrigação de ajudar”, contra 21% de concordância.

Ao observar o que se aferiu entre os evangélicos pentecostais, percebe-se a dualidade entre o papel esperado da mulher na igreja e na esfera doméstica. Se, por um lado, seu campo de participação nas congregações era alargado, por outro, as restrições impostas a ela no âmbito familiar estavam sendo continuamente reforçadas.

Para Machado (2005), essa configuração dual devia-se à acomodação necessária no encaixe das novas conjunturas e demandas sociais às antigas prescrições de gênero. Poderíamos, então, supor que, estrategicamente, a participação feminina na esfera pública estava sendo alterada sob o ideal da manutenção do status quo masculino dentro da esfera privada – um jogo de interesses não velados exposto em alguns momentos na produção literária exposta no capítulo anterior. Ao ocupar novos espaços na casa de Deus, a mulher usaria as novas possibilidades discursivas para preservar a ordem hierárquica na casa dos homens.

Indo ao encontro desse argumento, Machado (2005) chama a atenção para a predominância do pastorado do casal, quando grande parte das novas pastoras pentecostais eram colocadas nessa condição por seus maridos, também pastores, o que delimitava sua participação na liderança da congregação ao fortalecimento das famílias dentro de moldes predefinidos. A partir disso, podemos compreender um traço marcante nas obras de Rosa, que é, justamente, a confirmação dos papéis hierárquicos de gênero na esfera doméstica em contraposição ao encorajamento para a tomada de novas posições na sociedade.

Esse jogo dual entre rupturas e acomodações não passou despercebido da análise da antropóloga Clara Mafra (1996). que, ao debruçar-se sobre a questão sob a ótica dos estudos realizados pelo ISER (1996), destaca a nova posição da mulher pentecostal e os possíveis fatores para tal mudança. Assim como Machado, Mafra acreditava que a concorrência gerada pelo surgimento de novas denominações assim como as demandas expansionistas teriam contribuído significativamente para formação das novas conjunturas organizacionais e ritualísticas. Ambas também concordavam quanto à manutenção da hierarquia na esfera

familiar. Porém, se, por um lado, elas concordam quanto às dualidades presentes na questão, por outro, discordam quanto às razões dessa dualidade.

Segundo Machado, mesmo que os constrangimentos da mulher em sua participação na esfera pública tenham sofrido alterações, isso não refletia na esfera privada. As razões para essa ambiguidade se assentariam na tentativa de conciliar as novas concepções de gênero na igreja às antigas estruturas sociais e domésticas, dado o apreço evangélico pelas configurações mais conservadoras de família: “os constrangimentos sociais que enquadram a participação da mulher pentecostal na esfera pública foram em parte alterados e em parte acomodados às antigas prescrições de gênero” (MACHADO, 2005, p. 394).

A ideia de um jogo de rupturas e acomodações embasando as novas configurações de gênero nas congregações pentecostais é amplamente refutada pela antropóloga Clara Mafra(1996). Em “Construção de gênero e estilo eclesial entre os evangélicos”, ela busca demonstrar que a dualidade observada não se encontra na superfície das relações, já que as tradicionais concepções sociais sobre papéis de gênero não se aplicariam ao meio evangélico dessa vertente, elas teriam sido profundamente ressignificadas pela experiência pentecostal. Vejamos a seguir algumas das observações de Mafra.

### **3.4 Mafra e os gêneros eclesiais**

Segundo Mafra (1996), a significativa diferença no discurso pentecostal sobre a atuação da mulher em casa e da mulher na igreja não se originava de uma estratégia criada para aplanar o terreno das mudanças sociais, mas sim da especificidade e da eficácia simbólica do padrão evangélico em relação às questões de gênero. Portanto, para entender essas configurações, seria indispensável a dissociação entre o conceito de gênero veiculado nas estâncias sociais mais gerais e o conceito elaborado após a adesão pentecostal.

[...] o cerne do problema está na especificidade e na eficácia simbólica do padrão evangélico que parece, por um lado, recusar o modelo ibero-americano tradicional, aderindo a uma noção de compartilhamento de tarefas familiares entre progenitores, a algumas noções de livre arbítrio e autonomia, e por outro, mostra-se impermeável às problematizações colocadas em pauta pelo discurso feminista [...] A questão que fica em aberto é: o que está contido na narrativa evangélica propriamente dita, que é capaz de formar convicções e um ethos social a meio caminho entre estes dois modelos [...] É neste sentido que vou encaminhar a minha análise, sublinhando que ela contrapõe-se aquela outra que vê no dogma religioso um artifício para outra coisa que não ele mesma,



tal como produzir vantagens para mulheres em relação aos homens ou enquanto etapa estratégica de um devir social. (MAFRA, 1996, p. 3).

Em outras palavras, não se tratava de adaptar padrões tradicionais, e sim de recriá-los a partir da singularidade do pentecostalismo como veremos a seguir.

Segundo Mafra (1996), a experiência evangélica possuía aspectos que ressignificavam profundamente a individualidade e as relações sociais e só poderia ser compreendida dentro de si mesma, por fatores intrínsecos aos dogmas. Os diferentes estilos eclesiais, advindos do contato com o divino, estabeleceriam novas concepções de gênero que não se relacionavam necessariamente com as demandas da sociedade.

No caso pentecostal, a oposição ao mundo e o apreço pelo místico possibilitaram a adoção de uma linha “intermediária” quanto ao perfil de gênero, assim paradoxalmente reforçava a conservação da família e flexibilizava o olhar quanto à participação feminina na igreja. Essa reconfiguração dual sobre a relação entre homens e mulheres se assentaria em dois pilares: as cartas paulinas (conservação familiar em oposição ao mundo) e a percepção do carisma<sup>23</sup> entre as mulheres (liberdade emancipatória por meio das manifestações espirituais).

Sabemos que a tradição pentecostal se diferencia das demais linhas evangélicas pelo apreço e valorização das manifestações espirituais (revelações, visões, curas divinas etc.), sendo esse carisma um importante pilar na construção de sua identidade cristã. Seria, então, plausível supor que a forma como homens e mulheres recebem e expressam esse carisma implicaria diretamente nos papéis por eles exercidos dentro desse *ethos*.

Nesse sentido, a recepção do carisma seria um importante diferencial na forma de percepção dos gêneros entre os pentecostais, pois a relação direta com a divindade marcaria uma ruptura com os sistemas sociais tanto de conservação quanto de transformação estrutural. Dizendo de outra forma, poderíamos afirmar que, de acordo com Mafra (1996), os pentecostais se guiariam por um sistema simbólico paralelo ao meio social, um sistema embasado pela manifestação do carisma. Isso implicaria uma ruptura com os simbolismos do mundo exterior. Sendo assim, não poderíamos entender as interações entre homens e mulheres desse segmento sob a ótica puramente social. É sob o viés intrínseco das novas configurações de identidade embasadas no carisma que podemos compreender o arranjo das relações de gênero estabelecidas.

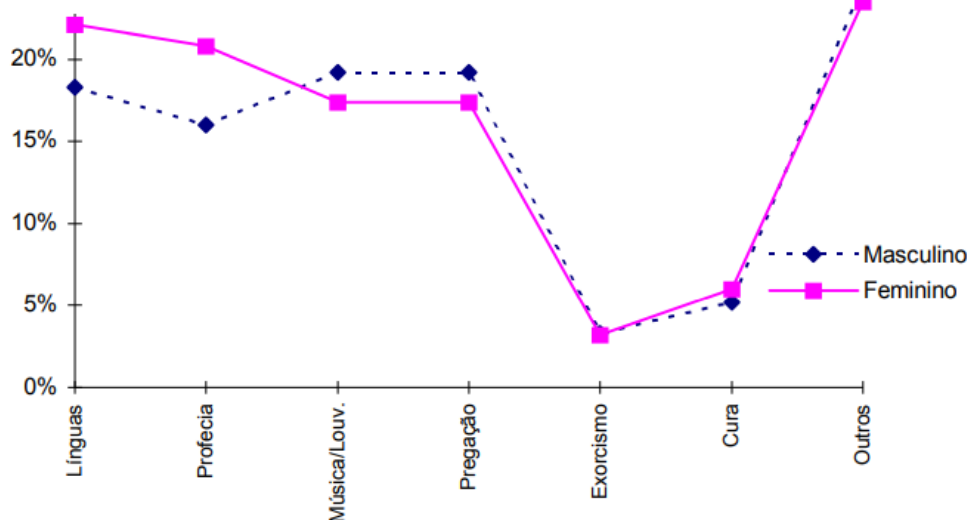
---

<sup>23</sup> Teologicamente, a definição de *carisma* indicaria um dom espiritual e divino concedido a um cristão ou grupo de cristãos, para o bem da igreja.

### 3.5 O carisma da mulher pentecostal

Olhando para os dados coletados pelo ISER (1996 apud MAFRA, 1996), observa-se que homens e mulheres se diferenciavam quanto ao recebimento do carisma aqui conceituado como manifestações espirituais. Dos 51% que relatavam ter recebido algum *dom*, 17% eram homens, e 34% eram mulheres. As mulheres recebiam com mais frequência o carisma da fala em línguas estranhas (23%) enquanto 19% dos homens o recebiam; e da profecia (21% das mulheres X 17% dos homens), tendendo ao exercício dos carismas da pregação. Os homens recebiam preferencialmente o dom da fala com unção espiritual (representando 20% X 18% das mulheres); e os dons da música e louvor (11% dos homens X 5% das mulheres).

Gráfico 4 – Ênfases carismáticas segundo gênero



Fonte: MAFRA, 1996, p. 14.

Segundo Mafra:

Do conjunto destes dados podemos apreender uma presença diferenciada de homens e mulheres na vida eclesial evangélica: os homens assumindo preferencialmente os espaços reservados a rotinização do carisma, a continuidade das instituições e da sua relação com o exterior. As mulheres cuidando preferencialmente do “interior” da congregação: da sua relação com o sagrado, da reconstituição da “pureza” da congregação na localização de suas mazelas (através da profecia) e no esforço da expulsão do Inimigo. (MAFRA, 1996, p. 14).

O apreço pelo carisma entre os pentecostais e as formas de recebimento dele explicariam o espaço ritualístico dado à mulher. Enquanto aos homens era dada a hegemonia no desempenho das funções de liderança institucional (MAFRA, 1996), à mulher era dado o destaque nas manifestações espirituais.

A trajetória de Rosa sinaliza para essa conjuntura, em suas obras e memórias a autora deixa transparecer a importância de seus dons espirituais na obtenção do reconhecimento e respeito entre seus pares, sobretudo masculinos, assim como a importância da manifestação desses dons dentro dos ritos da congregação:

Quando comecei a ser pregadora da Palavra de Deus, após a mensagem eu orava e Jesus curava, libertava e batizava com o Espírito Santo. Minha igreja e família eram bastante pentecostais. Eu ainda sou pentecostal e não me conformo com a existência de igrejas sem a presença do Espírito Santo, sem o poder de Deus, sem a manifestação dos dons espirituais, sem cura divina e libertação espiritual... (ROSA, Entrevista, 2021).

Essa trajetória, mesmo que individual, espelhou o movimento que ocorria dentro dessas igrejas. O reconhecimento do carisma feminino durante os cultos fez esmorecer a resistência à liderança da mulher. Quando essa mulher subia ao altar dos templos pentecostais para falar, seus ouvintes acreditavam estar diante da voz do próprio Deus – ela teria sido escolhida por ele para ser instrumento de seu poder na terra. Esse é o cenário propício e legitimador para as novas construções discursivas elaboradas sobre a mulher na igreja – o empoderamento do discurso confirmador de sua relevância e importância na construção e no fortalecimento do pentecostalismo brasileiro.

Em seu artigo intitulado “Pentecostalismo: uma alternativa a liderança de mulheres ao ministério pastoral”, o sociólogo José Nunes dos Santos Júnior (2011) discorre sobre o surgimento de diversas lideranças femininas entre 1990 e 2010. Para ele, a formação dessa nova liderança tem como fator preponderantes a valorização do carisma nas igrejas pentecostais. Outro estudo que aponta essa reconfiguração do papel da mulher dentro do movimento pentecostal é o de Graziela Rodrigues da Silva Chantal (2019), em que pondera sobre como a mulher pentecostal, em nome de um chamado divino, rompeu com a tradição e se impôs por meio do carisma.

Nessa linha de reflexão, passemos ao trabalho do teólogo e historiador Luís Fernando de Carvalho Sousa, no qual elabora um estudo de caso realizado em uma igreja Assembleia de Deus situada no nordeste brasileiro a fim de compreender o processo de empoderamento da

mulher por meio do pentecostalismo. Para Sousa (2018), a ascensão feminina a posições de destaque e lideranças dentro do movimento pentecostal é, na verdade, um resgate do papel bíblico original da mulher, cuja posição foi subalternizada pela incorporação de elementos patriarcais na tradição cristã.

Esse argumento, como já visto, foi amplamente reafirmado no livro *O trabalho da mulher na igreja*. Ao defender o direito feminino de exercer diversificados papéis nos ritos e organização das congregações, Rosa pondera “Se foi assim, desde o princípio, por que negar-lhes hoje o direito de serem usadas pelo Senhor, no papel que lhes couber dentro do reino de Deus?” (VIEIRA, 1999, p. 58). Pode-se supor também que é nesse sentido que o prefácio do livro traz a alegação de que foi o próprio “Senhor Jesus” e não os discursos feministas que emanciparam a mulher cristã. Ou seja, é no cerne da compreensão eclesial do carisma que se encontrou os elementos necessários ao novo posicionamento dado a ela dentro do pentecostalismo.



## **CAPÍTULO IV – OBEDECER A DEUS OU AOS HOMENS? MEMÓRIAS DE ANTONIETA ROSA VIEIRA**

Antes de começarmos a analisar a entrevista que respaldou parte deste trabalho, precisamos falar sobre conceito de memória. Para tal, é importante que se esclareça que *história* e *memória* são conceitos diferentes, mesmo que dialoguem entre si e que um seja fonte para o outro.

Em termos gerais, podemos conceituar *história* como uma análise crítica do passado ou um estudo do presente a partir do passado. A história é uma produção intelectual que, ao tentar restaurar memórias, necessita criticar as fontes utilizadas buscando a compreensão de como elas foram criadas e suas intencionalidades.

Nesse sentido, a função do estudo histórico não é glorificar o passado, pelo contrário, ao fazer essa análise, muitas vezes, o trabalho do historiador deslegitima algumas construções idealizadas pela memória. “É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício [...] corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros” (LE GOFF, 1990, p. 29).

Quanto à memória, podemos dizer que é um conhecimento do passado orientado por conjunturas sociais do presente. Constitui-se assim como um conhecimento construído a partir de lembranças individuais e de jogos de poder, não passando necessariamente por uma pesquisa científica ou pela crítica das fontes: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 476).

É importante pontuar que a memória tem um elemento afetivo muito forte. O acontecimento rememorado expressado de uma forma narrativa torna-se a maneira pela qual o sujeito constrói um sentido do próprio passado, tecendo um discurso poderoso sobre ele.

Resumindo, a História é uma reconstrução do passado que deve ser feita de forma crítica, como respaldo teórico e metodológico, enquanto a memória é um compartilhamento de lembranças e discursos acerca do passado, compartilhando um olhar ancorado nos interesses e nas visões de mundo do presente que a História usa, mas não é a História em si. De forma sucinta, podemos afirmar que a memória serve como fonte para a construção da análise

histórica, necessitando para tal da contextualização de sua constituição e do reconhecimento das vozes sociais presentes em seus discursos.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída por materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p. 5).

É nesse sentido que analisaremos a entrevista realizada com a pastora Antonieta Rosa Vieira, buscando em suas lembranças e memórias a compreensão dos contextos sociais em que a mulher evangélica pentecostal se encontrava no período analisado, sem, contudo, perder de vista as nuances ideológicas, identitárias e afetivas que atravessam a construção desses discursos.

A entrevista foi realizada durante uma tarde de fevereiro em 2021, ainda no final do período pandêmico. Fui recebida pela pastora Antonieta em seu escritório localizado no bairro da Penha, dentro de sua editora intitulada *Jeová Nissi*. Pastora Antonieta encontrava-se com 80 anos de idade e, apesar da idade avançada, mostrou-se lúcida e com grande vigor. De início, apresentou-me a sua equipe, composta por sua secretária Karina (responsável por sua agenda e pela administração de suas mídias digitais) e por alguns outros funcionários da editora. Com um sorriso no rosto, pontuou que essa entrevista poderia não ter se realizado, uma vez que alguns meses antes ela esteve no CTI acometida da covid-19, relatando, inclusive, que sua cura se deu de forma sobrenatural e que seu testemunho seria contado em um novo livro.

É importante pontuar, de início, que a entrevistada, por conta do desgaste natural do tempo, demonstrou uma certa dificuldade em lembrar de datas.

A partir daí, iniciamos a entrevista, que se estendeu por mais de três horas, durante as quais buscou-se, dentro do possível, respostas para as 18 perguntas dispostas no roteiro. O objetivo inicial era a apreensão do contexto em que os livros, analisados neste trabalho, foram escritos, porém, isso não poderia ser feito sem que antes a autora e pastora nos desse com suas palavras um panorama de sua própria trajetória.

A narrativa trazida por ela sobre os eventos que marcaram o curso da sua história é repleta de eventos sobrenaturais, iniciando com a milagrosa cura e ressuscitação de sua mãe acometida da febre Tifo, passando por batalhas travadas entre demônios e anjos por causa da conversão de sua família à igreja evangélica, por sonhos premonitórios e revelações espirituais dadas a ela, ainda em sua primeira infância, aos 5 anos de idade. Como pano de fundo, temos as dificuldades encontradas no deslocamento de uma numerosa família do interior do estado para o subúrbio da cidade do Rio de Janeiro durante a década de 40 do século XX, assim como sua dedicação à igreja evangélica local como forma de lidar com as intempéries impostas nesse processo.

O pai de Antonieta, Antônio Rosa, deixou suas funções de agricultor para trabalhar em fábricas e, por conta das más condições de trabalho, adoeceu gravemente. Esse evento teria resultado, segundo Antonieta, na primeira cura espiritual realizada por meio de suas orações. Sobre isso ela relata:

[...] com 5 anos eu orei a primeira pessoa que Jesus curou, foi meu próprio pai com pneumonia dupla. Trabalhava no Moinho Guanabara São Cristóvão e ficou desenganado, por causa da friagem, ele trabalhava no meio de maquinário [...] Eu cheguei na beira da cama, dobrei o meu joelho, mas eu era pequenininha a minha mão... eu ajoelhada não alcançava a cabeça dele, para mim botar a mão nele eu peguei e levantei e fui botei as mãozinhas no rosto dele eu comecei a repetir “Jesus, cura papai! Jesus, cura papai! O pastor disse que tu cura, eu acredito”, ele começou a suar, minha mão ficou molhadinha, aí ele virou para minha mãe e disse assim “Me dá um pijama e uma toalha de banho”, levantou foi para o banheiro tomar banho trocou o pijama. Mamãe trocou a roupa de cama, ele foi curado naquela hora. (ROSA, Entrevista, 2021).

Como visto, em sua fala, alguns momentos de dificuldades são ressignificados a partir de manifestações místicas e eventos inexplicáveis. Esse padrão se repete em vários momentos de sua narrativa. Durante essa parte da entrevista, ela conta que foi nesse momento que sua família teve a verbalização do chamado espiritual para o qual ela foi divinamente designada, quando uma irmã de oração diz à sua mãe: “Deus tem uma chamada espiritual com essa criança, cuida dela!”. Em sua perspectiva, toda sua trajetória de vida convergiu para a consumação de um propósito maior e grandioso. Nesse sentido, todas as conjunturas familiares, sociais e religiosas conspiraram para que ela se tornasse pastora e líder em um determinado momento.

Durante a entrevista, a cosmovisão pentecostal da autora e pastora mostrou-se latente, pois seus relatos são permeados de proselitismo, sua história de vida é apresentada como um



“testemunho” de fé e superação repleta de acontecimentos inexplicáveis e sobrenaturais. Isso representa uma abordagem e visão de mundo comum na esfera do pentecostalismo:

De maneira geral, os pentecostais partilham da espera de uma segunda vinda de Cristo e acreditam ter acesso, no dia-a-dia, aos dons e carismas do Espírito Santo. À ação do Espírito Santo atribuem curas dos males do corpo e da alma. Em suas igrejas, os pentecostais se expressam religiosamente através das palmas, do falar em línguas estranhas (glossolalia), dos rumorosos louvores e evocações, dos peculiares movimentos corporais, dos exorcismos. Os ‘testemunhos’ são muito importantes em seus cultos. Através deles os fiéis dão publicamente a conhecer os problemas e as soluções encontradas para questões pessoais e familiares, de ordem financeira, afetiva, de saúde. (VALLA, 2001, p. 43).

Para o proselitismo pentecostal, os “testemunhos” constituem-se importante ferramenta de propagação da fé, sendo amplamente empregados pelos diversos veículos de comunicação utilizados. De acordo com Mafra (1999, p. 172-173), o testemunho tem força por proporcionar, por meio da oralidade (simplicidade estrutural) de pessoas comuns o compartilhamento de experiências mobilizadoras; sua adaptabilidade garante a possibilidade de propagação e multiplicação na diversificação de autores. No caso da entrevistada, a utilização desse modelo narrativo busca, de forma velada, registrar sua trajetória como uma história de fé excepcional, reafirmando sua posição de importância e centralidade dentro dos contextos apresentados. Nesse sentido, todos os eventos de sua vida são apresentados como parte de uma grande teia de sentidos sobrenaturais, em que a vontade divina conspirou para que ela alcançasse um destino extraordinário traçado antes de seu nascimento. Ao descrever o processo milagroso de conversão de seus pais à fé evangélica, ela afirma:

[...] minha mãe abriu os olhos viva e a febre foi embora e ela foi curada. Por esta cura ele insistiu no evangelho e perguntou para ele “Você também não quer aceitar Jesus?”. Uma vez que já tinha perguntado para ela e ela aceitou, já estava batizada, ele foi orou pelo meu pai aí perguntou “Cadê a neném?”. A neném era eu, estava em outro lugar distante, aí ele disse “Me leva até a neném [...] Ele pegou assim, fez isso olha, me levantou assim para cima e disse “Senhor, eu te apresento esta criança, tu és o dono da vida, dá vida a esta criança e permita que esta vida seja para honra e para a glória do teu nome, do teu reino”. Olhou para o meu pai e disse assim “Quem te disse que ela vai morrer? Agora cuida dela, ela vai ter vida longa e vai ser um instrumento de Deus na Terra”. (ROSA, Entrevista, 2021)

Em outros momentos, a autora e pastora volta a reafirmar a imperatividade divina de sua vocação e liderança tanto em sua vida profissional e afetiva quanto, principalmente, em seu

caminho religioso. Segundo seu relato, desde sua infância, sua casa no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro era constantemente visitada por crentes desejosos de usufruir de seus dotes espirituais:

Mas, uma coisa começou a acontecer na minha casa, que eu não entendia, por que ia tantos crentes na nossa casa? Não era por causa da minha mãe, nem do meu pai, era por minha causa. Quando chegava assim a mamãe dizia “Chega que tem visita, vem para cá todo mundo” eu começava conversando com as pessoas e de repente Deus começava a me revelar a vida da pessoa, eu começava a dizer “Você tá passando isso, isso, isso, isso, mas Deus vai te dar vitória”. Eu era criança, eu não tinha entendimento adulto. (ROSA, Entrevista, 2021).

Seguindo na análise da entrevista realizada, deve-se observar a perspectiva da entrevistada sobre sua trajetória eclesiástica. Nesse ponto, ela pondera que, a despeito de sua infância prodigiosa, tornar-se pregadora e subir aos altares pentecostais representou um grande desafio assim como, posteriormente, sua consolidação como líder na igreja Assembleia de Deus. Ao ser perguntada sobre as referências femininas cristãs na década de 1980, a autora citou a professora Albertina Malafaia (mãe do pastor Silas Malafaia), restringindo-se a completar que havia mais algumas quatro ou cinco professoras com alguma influência durante aquele período. Seguindo com sua narrativa, ela pontua o contexto no qual iniciou sua trajetória como pregadora:

[...] comecei a ser reconhecida por alguns e discriminada por outros. Mulher não prega. Mulher pode fazer tudo, lavar, passar, cozinha, limpar banco, fazer tudo, mas ir pro púlpito pregar não. Vai dar um testemunho? Lá embaixo. Eu alcancei tudo isso. (ROSA, Entrevista, 2021).

Aqui precisamos deixar alguns pontos esclarecidos, tendo em vista a autobiografia lançada por ela em 2019 e outros pontos da entrevista aqui comentada, sabe-se que sua trajetória como pregadora precede os anos 1980, e suas pregações teriam se iniciado ainda na infância e teriam dado a ela a consciência de sua vocação pastoral:

Houve (consciência de que algum dia seria pastora), porque aí eu comecei a pregar, pregava em todo lugar que eu ia cadê a menina que veio? Me botavam para pregar... aí eu pregava... Me levavam para todo lado em morro, em favelas, igrejas grandes, eu comecei a pregar, pregar, pregar, pregar... eu comecei a estudar a palavra, eu queria comer a palavra, eu lia tudo que chegava na minha frente... (ROSA, Entrevista, 2021).

Além dessa fala, temos vários relatos no decorrer da entrevista e na autobiografia dela sobre a condução de pregações e ministração de ensino em classes bíblicas, ainda durante sua juventude na década de 1960. Isso deixa subentendido que, nessa parte da narrativa, Antonieta mostra que, até os anos de 1980, suas pregações eram em contextos menos formais, como reuniões de orações e eventos voltados ao público feminino ou infantil das igrejas. Em muitas dessas reuniões, a palavra era conduzida fora do altar “Lá embaixo”, ou seja, na parte de baixo junto ao altar dessas igrejas.

É a partir das últimas duas décadas do século XX que suas pregações passam a ocorrer em cenários mais formais e direcionadas aos fiéis em geral. Nesse período, seu ministério de pregações intensificou-se, e ela passou a viajar para diversas partes do Brasil como preleitora. A narrativa sobre sua primeira viagem como preleitora é permeada de elementos extranaturais. Segundo sua fala, ela encontrava-se em seu ambiente de trabalho (CPAD) realizando um estudo sobre o Espírito Santo quando a voz divina teria revelado sua intenção de enviá-la a Manaus no dia seguinte, o que teria se confirmado após uma conversa com o Pastor Emílio Conde (chefe da repartição onde trabalhava):

[...] eu fiquei assim tão nervosa, eu levantei puxei a porta fui lá na sala do Pastor Emilio Conde. Eu disse: “Pastor, dá licença?” [...] “Eu estava escrevendo fazendo um esboço sobre o Espírito Santo e uma voz falou comigo que eu vou a Manaus amanhã. Mas, eu nunca saí daqui eu não conheço ninguém em Manaus. Como é que eu vou a Manaus amanhã? O senhor acha que isso é da minha cabeça? Ou será que Deus falou comigo?” Ele disse “Deus falou contigo...” Aí ele fez assim, puxou a gaveta, pegou o envelope, tirou a carta e disse “lê”, era um pastor pedindo para ele arranjar alguém para pregar lá: “Se Deus falou contigo é você”. (ROSA, Entrevista, 2021).

Dessa forma, suas passagens e hospedagem foram providenciadas pelo pastor que, para liberá-la, concedeu alguns dias de férias vencidas.

Chegamos agora a um ponto-chave da análise em que discutiremos sobre os elementos constitutivos do discurso de legitimação das novas posições alçadas por ela nas estruturas institucionais, assim como observaremos as nuances e a dualidade presentes em suas percepções da identidade e do papel da mulher cristã nesses discursos.

Para começar, partiremos do ponto em que a autora demonstra a ressignificação das posições históricas de subalternidade da mulher cristã. Para ela, tal posição não é bíblica nem natural sendo na verdade fruto da falta de uma interpretação mais apurada dos textos sagrados. Isso fica evidente na defesa que ela constrói diante de uma fala provocativa recebida durante

um evento da Academia Evangélica de Letras, ao ouvir de um dos pastores que Deus errou ao criar a mulher, já que ela seria responsável pela queda do homem. Antonieta pontuou:

Aí todo mundo fez silêncio para ver o que eu iria responder, aí eu olhei para ele e disse: ‘com todo respeito, meu irmão, você já leu a Bíblia toda?’ Ele disse: ‘Já’. ‘Então você não entendeu, tem que ler outra vez’. Ele disse: ‘Por quê?’ ‘Porque o pecado não começou no éden, o pecado começou no céu’. Aí eu fui pra satanás, a rebelião, um terço das estrelas que acompanharam, foram os anjos caindo juntos, aí eu entrei ali e provei biblicamente que o pecado não começou no éden. Além do mais, já que o irmão faz tanta questão de mostrar que Deus não deveria ter criado a mulher, eu queria ser mãe de Adão somente meia hora lá no céu com a permissão de dá um corretivo nele, porque onde estava o panaca do Adão, usei essa palavra ‘panaca do Adão’, que só tinha ele e a mulher dele e ele deixa a mulher dele conversando com serpente. Por outro lado, porque se foi ele que recebeu a ordem de Deus, porque que ele não impediu Eva de comer, o ato de comer, o senhor perguntou a ele: ‘comeu?’ ‘Ele disse ‘comi’. Foi ato pessoal, aí todo mundo ficou assim calado. Eu provei que o pecado maior não foi de Eva, foi de Adão. (ROSA, Entrevista, 2021).

Como pode-se perceber em seu discurso temos uma dualidade: para diminuir o impacto da ação de Eva (mulher) e redimir o valor feminino para a humanidade, a autora reafirma sua posição de subalternidade em relação a Adão (homem), que seria, na verdade, o grande responsável pela queda, uma vez que não teria protegido sua mulher da serpente, além de ter se deixado influenciar por ela ao comer do fruto. Nesse sentido, a redenção feminina passaria pela sujeição ao homem como responsável pela manutenção da vontade divina.

Contrapondo a visão diminutiva da responsabilidade feminina em suas ações e decisões revelada em sua leitura dos eventos do Éden, a entrevistada faz algumas ponderações sobre a importância do feminino em diversos espaços e contextos sociais. Para ela, a mulher seria a fonte de equilíbrio para a humanidade, além de possuir grande sensibilidade à voz de Deus, o que justificaria a predileção divina por utilizá-la em seus propósitos. Nesse ponto em especial, consegue-se compreender que a dualidade no discurso sobre o feminino (emancipação X submissão) ocorre de forma intencional. Tal dualidade parece fazer parte de uma estratégia discursiva adotada por ela em diversos momentos e parte do princípio de que a ampliação dos espaços e da participação feminina nas igrejas pentecostais se daria não pela resistência e pelo confronto, mas sim por um jogo de manipulação de vontades, no qual as mulheres, por suas habilidades sociais inatas, levam ampla vantagem sobre os homens. Exemplificando essa conclusão, seguimos com a fala da autora na ocasião descrita anteriormente:

Mas um disse assim “mas o homem é o cabeça”. Aí eu disse “falaste bem. Nenhuma cabeça funciona sem pescoço, a mulher é o pescoço. O que nós

temos é que ensinar as mulheres, é o pescoço que mexe. Se o pescoço for maleável, leva a cabeça para onde quiser, mas também se essa cabeça for dura, endurecer o pescoço, a cabeça vai ter que lembrar que esse corpo, que ele é cabeça, foi tirada da costela e costela é osso e mulher também é osso duro de roer.” Ela não vai aqui, mas ela arma, ela tem um sexto sentido. Aí eu peguei e dei uma aula sobre mulher. Aí eu disse “eu não sei por que, que vocês têm tanto ódio da mulher”. (ROSA, Entrevista, 2021).

Essa estratégia que Antonieta denomina “submissão com inteligência” teria sido aprendida com seu pai e pastor Antônio Rosa: “eu acompanhava meu pai como pastor, eu aprendi que a submissão exercida com inteligência dá mais autoridade do que a autoridade sem ser prudente. Você se submete com amor” (ROSA, Entrevista, 2021).

Ao tratar da questão do machismo dentro das estruturas institucionais da igreja e do impacto delas em sua trajetória cristã, ela completa essa ideia:

[...] tem uma coisa que eu aprendi: eu amanso o homem na primeira, eu elevo ele, eu boto as mulheres de pé e faço dá uma salva de palmas para eles, porque eles foram criados primeiro, eles ficam todos cheios, mas depois oh... eu pego eu sou professora, então eu sei como eu lido com eles... (ROSA, Entrevista, 2021).

Em outro momento, ela pontua como a líder evangélica deveria se portar diante dos desafios de sua liderança:

A mulher tem que ser diplomata. Não é porque ela tá na frente que ela manda tudo, que pode tudo. “Sou eu que mando, sou eu que faço, tem que ser o que eu quero, do jeito que eu quero”. Não. A pessoa que tá sobre sua liderança pode ter uma ideia que ainda vai melhorar sua ideia. Escuta. Ela tem que ter a capacidade de ouvir. Analisar, ponderar, experimentar, pra vê se vai dar certo. Por isso somos mulher. Não é impor, eu pego funcionário e digo: “seu trabalho é esse, esse e esse até tal dia você tem que tá com esse relatório pronto”. Tal dia eu cobro. Mas eu cobro com diplomacia. (ROSA, Entrevista, 2021).

Um outro ponto que norteia nossa percepção dos discursos aqui produzidos é a bifurcação narrativa sobre a submissão feminina. Para a entrevistada, em alguns momentos, ela precisou escolher entre sua submissão a Deus e sua submissão aos homens, ou seja, a vontade dos homens não se confunde com a vontade divina, criando espaços de ação até então não desfrutados. Veremos isso em um exemplo trazido em sua narrativa.

O exemplo encontra-se nos eventos ocorridos em sua primeira viagem missionária. Ao ser orientada pelo pastor responsável a não se aproximar fisicamente dos doentes encontrados

na instituição hospitalar que visitavam, Antonieta teria recebido a ordem de Deus para avançar sobre a mureta de contenção e orar com imposição de mãos por um senhor leproso para que ele fosse curado e se tornasse um pastor. Após alguns momentos de conflito entre “obedecer a Deus e aos homens”, ela teria optado pela obediência à vontade divina e aproveitando-se do momento em que todos fecharam os olhos para fazer uma oração, largou a mão que estava segurando e correu até o homem para orar. Após terminar a oração, foi surpreendida pelo pastor, quando retornava para a junto dos demais. Tal atitude foi relevada, e o homem em questão foi curado milagrosamente.

Retornamos, assim, às configurações já explicitadas em sua literatura: uma clara dualidade em seu discurso falado e seu discurso vivido. Em tese, a mulher deveria se submeter à figura masculina no lar e na igreja, por ser essa a vontade divina expressa nos textos sagrados, porém, na prática, a mulher passa a ocupar espaços antes a ela negado, saindo dos “bastidores” para os holofotes da arena pentecostal, em nome de uma vocação maior que independe da vontade humana. Logo, pode-se concluir que a vontade divina nem sempre é favorável à manutenção das hierarquias pré-constituídas. Ou seja, nessa perspectiva, nem sempre o que Deus deseja é a permanência da mulher em posições mais secundárias e, quando assim for, o homem terá de aceitar a imposição divina.

A solução que parece ser encontrada pela entrevistada para essa dualidade encontra-se quando ela discorre sobre sua tardia consagração ao sacerdócio. Diante da inércia de sua igreja de origem (Assembleia de Deus), um grupo de pastores integrante da Academia Evangélica de Letras teria se proposto a consagrá-la, pedindo que ela escolhesse um dos ministérios. Como resposta, Antonieta constrói a fala que, de alguma forma, elucida sua percepção da liderança feminina:

Aí, então eu disse para eles “Olha, tem alguma coisa que eu aprendi que faz parte da minha ética. Primeiro, meu pai me ensinou que toda mulher que quiser crescer no evangelho tem que crescer debaixo de três cajados”, eu falei para eles. “O cajado do pai que deu a semente para gerar, o cajado do marido a quem ele entregou a filha em casamento, e o terceiro cajado, o cajado espiritual, do líder que vai entregá-la para o sumo pastor das ovelhas, tem que aprender a crescer debaixo desses três cajados”. “Outra coisa que eu aprendi”, eu disse para eles, “que nunca a gente cospe no prato que come”, eu disse para eles. “Terceira coisa que aprendi de tudo isso, que quem não sabe ser submisso não pode liderar, e a mulher que quiser crescer tem que aprender isso, agora eu aprendi também que às vezes é melhor a gente calar do que falar. Não significa que isso dá direito aos homens saírem por aí pregando, a mulher esteja calada, porque, se Deus não quisesse que a mulher falasse, ele não lhe daria a voz. (ROSA, Entrevista, 2021).

Como pode-se observar, há um claro esforço de reafirmação da ordem hierárquica patriarcal vigente. Em sua fala, tem-se a ideia de manutenção e ruptura de forma paralela, harmoniosa, distanciando-se dos conflitos latentes. Segundo sua visão, não há problemas na liderança feminina, desde que essa liderança não se mostre desafiadora à ordem pré-concebida, ignorando qualquer viés emancipador desse novo modelo de liderança.

Entre convergências e contradições, esses discursos, gradativamente, resignificaram e resignificam o papel do feminino dentro do séquito pentecostal. Para tal, utilizam-se de releituras bíblicas e da abertura que se tem verificado a novos contextos sociais.

As releituras estão sendo propostas tanto na literatura quanto nos altares por onde diversas mulheres têm passado. Se, antes, Eva era a grande culpada da queda humana, agora Adão teria sua parte da culpa reivindicada. É certo que a defesa construída para essa hipótese encontra, em seu bojo, a reafirmação da desigualdade de gêneros.

Quanto à abertura para novos contextos sociais, sabe-se que, em contextos sociais mais herméticos e rígidos, a liderança feminina representaria, inevitavelmente, uma ruptura ou afronta. Porém, a partir dos novos contextos configurados ao fim do último século, contextos esses de maior espaço e participação feminina na sociedade como um todo, essa liderança pode se dar de forma menos agressiva e ameaçadora para ordem pretendida.

Em outras palavras, no início do último século, uma mulher em posição de liderança seria, indubitavelmente, vista como uma afronta à conjuntura patriarcal das igrejas; já no fim desse mesmo século sua presença nessa mesma posição poderia ser justificada e relevada por boa parte dos crentes, e isso se deu devido a mudanças sociais da percepção sobre a participação da mulher na sociedade em geral.

O que parece servir bem à suavização do processo transformador é o discurso de reafirmação da subjugação da mulher no lar. Em alguns momentos da entrevista, a pastora relata momentos de aconselhamentos com casais em dificuldades conjugais. Em todas as suas intervenções, ela inclina-se à defesa da autoridade masculina na família:

Um casal de crente, sete anos que não iam pra igreja. Estavam se preparando pra separar e a mulher doente na cama. Eu fui lá [...] Eu disse pra ela: “A mulher se humilha primeiro. Peça perdão a ele. O modo como você tem agido, como tem respondido, a malcriação, a altivez, tudo, as crítica”. Eu disse: “Vamos ajudá-la a sentar”. Botei ela sentada na cama, tava deitada. E botei ele do lado. E eu passei pra frente e sentei na cadeira em frente aos dois. Tinha duas irmãs comigo, a Karina e uma outra. Eu disse: “Fica em espírito de oração”. Refiz o casamento deles. Um pediu perdão ao outro. Eu disse: “Eu quero ouvir [...] Primeiro, você que é o cabeça diga pra ela: ‘filha, vou te amar até que a morte nos separe’. Aí virei pra ela: “Agora você pra ele [...] Aí ele

teve que sair um pouquinho antes, porque tinha que ver o compromisso que estava do carro, que o cara estava conferindo. Aí eu pude conversar com ela e dizer pra ela: “Você é geniosa. Você não precisa me falar, só de olhar pra você, eu sei que você é assim, assim, assim, assim, assim. Mas eu quero te dizer que você foi feita mulher, e não homem. O homem é ele. Quem traz o sustento da casa é ele. Mesmo estando pronto pra separar, você tá comendo, bebendo, tem remédio, tem tudo, e é ele que paga. Ponha-te em teu lugar de mulher”. Apertei, porque é geniozinha, malcriada. Sabe? Tem que aprender. (ROSA, Entrevista, 2021).

Em sua fala, Antonieta se apropria muito bem da lacuna provocada pelas novas conjunturas sociais, articulando a presença feminina nos altares com a ideia de permanência, e não de ruptura. No contraponto entre a submissão no lar e a emancipação na igreja, a mulher está crescendo, mas também está embaixo do “cajado” do pai, do marido e do pastor, desde que esse “cajado” não limite seu crescimento ou a impeça de realizar sua vocação religiosa.

Se juntarmos as novas conjunturas sociais externas com alguns fatores internos, já trabalhados em capítulos anteriores, como a “Década da Colheita”, temos uma ideia mais geral sobre os fatores que influenciaram nessa nova posição das mulheres pentecostais. É importante salientar que, durante esse período, não apenas os discursos femininos sobre questões de gênero dentro da igreja foram revistos, mas os discursos masculinos também. Voltando à entrevista realizada com a pastora e autora Antonieta Rosa Vieira, mais precisamente quando ela relata sua consagração ao ministério pastoral, ressalta o fato de ter sido consagrada pelo mesmo pastor que antes rechaçava o ministério pastoral feminino. Sobre isso, ela afirma:

Eu não podia esperar que fosse o Silas, porque o Silas é machista... você não ouviu nenhuma das mensagens que eu ouvi lá na Honório Bicalho. As pessoas diziam assim para mim “Você apanhou hoje, hein, menina”, eu disse “Eu não... Ele tá batendo na noiva que não é dele, ele vai dar conta em tempo próprio”. E qual foi a primeira pessoa que ele consagrou quando assumiu a igreja? A mim. (ROSA, Entrevista, 2021).

Em seguida, ao ser perguntada sobre as mudanças ocorridas no período analisado e se os homens também teriam sido modificados pelas novas configurações nas igrejas, ela completou:

Foram, foram... eles foram modificados, mas é o Espírito Santo que trabalhou, e você sabe de uma coisa, agora não tem uma série de pastoras consagradas por ele, inclusive a esposa... (ROSA, Entrevista, 2021).



Uma questão que não pode ser ignorada no que diz respeito à mudança na postura masculina é a implicação prática que essas novas arrumações eclesiais poderiam proporcionar. Diante de um público predominantemente feminino, da multiplicação de líderes evangélicas autônomas (SILVA, 2010) e da crescente participação das mulheres na sociedade como um todo, negá-las o direito à ordenação pastoral em suas igrejas seria uma postura contraproducente. Uma solução eficaz para o atendimento dessas demandas é a que parece ter sido encontrada por Silas, consagrando algumas pastoras e colocando-as sob a tutela de sua esposa a quem Antonieta se refere como “Líder das mulheres vitoriosas” e “pastora de pastoras” (ROSA, Entrevista, 2021).

Essa possível estratégia dos líderes evangélicos serviria como explicação para a maior abertura pentecostal ao pastoreio feminino, mas não seria suficiente para dar conta do fenômeno como um todo. Torna-se aqui indispensável esclarecer que os novos patamares hierárquicos femininos não foram alcançados por uma concessão masculina; para além dessa visão paternalista, observa-se um imenso quadro de rupturas e permanências no qual a mulher pentecostal constrói novos espaços à medida que tece discursos que legitimam seus novos papéis para os homens e para si mesmas. Se pensarmos sobre o que os números e dados estatísticos nos informam a respeito da relevância do feminino na composição do séquito pentecostal, constataremos que a mulher desse segmento não alcançou importância nesse processo, mas sim visibilidade.

Assim como Antonieta Rosa Vieira, a mulher evangélica pentecostal passou por um processo transformador, intensificado a partir do final do último século. Esse processo a transportou dos bancos para os altares pentecostais brasileiros, possibilitando a multiplicação de pregadoras e pastoras. Nessa nova posição, ela pode então refazer algumas reflexões sobre seu papel bíblico e social, empoderando-se da fala e do discurso literário na consolidação desses espaços.

## CONCLUSÃO

A partir das análises realizadas, pode-se concluir que as novas conjunturas ritualísticas e institucionais entre os gêneros no movimento pentecostal resultaram do carisma e dos arranjos sociais e religiosos externos ao segmento.

O carisma, como colocado anteriormente, explica, em parte, o alargamento das fronteiras que delimitavam o feminino nessas igrejas, mas não dá conta por si só desse fenômeno. Se creditássemos apenas ao carisma a ascensão da mulher pentecostal, deixaríamos em aberto uma questão importante: se o carisma sempre foi um ponto central no movimento pentecostal e as mulheres sempre por ele se destacaram, por que não verificamos o crescimento do número de pastoras e lideranças femininas já nas primeiras décadas do pentecostalismo no Brasil?

É certo que a dinâmica em relação à manifestação do divino deve ser levada em consideração nas conjunturas anteriores e subjacentes ao fenômeno aqui analisado, porém não contém todos os elementos necessários para esclarecê-la, elucidá-la; para tal, faz-se necessário também olhar para as conjunturas externas. Torna-se então indispensável observar que as congregações pentecostais na década de 90 do século XX estavam lidando com as pressões pela emancipação das mulheres e a emersão delas em novos cenários sociais e o surgimento de novas denominações, formando um cenário religioso cristão cada vez mais competitivo. O entrelaçamento dessas demandas tornou-se a base que originaria as questões subsequentes.

É fato que as demandas sociais precisavam ser atendidas pela igreja, sobretudo diante de um contexto religioso cada vez mais competitivo, mas como atendê-las sem renunciar aos ideais conservadores inerentes das convicções doutrinárias? Uma solução encontrada foi a ampliação dos espaços de fala da mulher tanto nos ritos quanto nas mídias cristãs. É nesse contexto que vemos a publicação do primeiro livro dedicado para mulher pela CPAD, *A mulher e as pequeninas coisas: tesouros espirituais do cotidiano* (1987), de Antonieta Rosa Vieira, além da criação de eventos dedicados a elas nas principais denominações pentecostais. Contudo, é nítido que, ao abrir esse espaço, intencionava-se que ela reforçasse os papéis de gênero na família e delimitasse esses papéis na igreja. Percebe-se aqui um acordo tácito, subjetivo, onde os espaços ofertados possuiriam uma fala já demarcada.

Justamente por essa delimitação prévia, percebe-se a dualidade discursiva marcante nas primeiras obras de Rosa, na qual a mulher deveria assumir mais participação nas igrejas e até mesmo na sociedade, porém não deveria perder de vista a submissão necessária ao homem

como cabeça da família e da mulher. Essa premissa era indispensável para que seu discurso fosse legitimado na conjuntura eclesiástica em que estava inserido. Desprende-se daí também a constante tentativa de afastamento dos discursos feministas tão rechaçados pelo conservadorismo cristão.

Dando um passo atrás no que já tratamos a respeito da concepção de poder abordada nesse estudo e retomando a análise vertical presente no trabalho da socióloga Joice Berth (2019) sobre empoderamento, encontramos um ponto convergente ao exposto. Ao tratar sobre os mecanismos de silenciamento presentes na sociedade, ela salienta que a imposição de um regime de fala é uma característica marcante nas relações de subalternização; assim, os discursos críticos dos subalternizados são desprezados, e, para ser ouvido, o sujeito em desvantagem precisaria reproduzir o discurso desejado pelo opressor. Isso explicaria a postura adotada nas abordagens literárias aqui observadas, com a ressalva de que a mulher desse discurso não intencionava um rompimento dessas estruturas, sendo ela também um agente direto de preservação delas. Como visto, o caminho conciliador proporcionou a aceitação tácita das novas posições femininas dentro das igrejas, formando uma constante dinâmica que ela transforma, ao passo que é transformada pelas novas conjunturas.

Mesmo que, em um primeiro momento, possa parecer, não se trata de uma adequação proposital, planejada, estratégica, e sim de uma adaptação discursiva realizada em sua subjetividade; ela não tenta legitimar seus discursos apenas para o outro, mas também para si mesma. Isso nos leva de volta à visão de poder que escolhemos adotar: aquela em que ele circula, sendo dinâmico e não estático. Tais mulheres são, antes de tudo, efeito do poder, e não apenas seres a ele sujeitos.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede, nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder ou de sofrer sua ação. Nunca são alvo inerte ao consentimento do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles [...] Efetivamente aquilo que faz com que um corpo, gesto, discurso, desejo seja identificado, constituído quanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder, ou seja, o indivíduo não é outro do poder é um dos primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e, simultaneamente pelo próprio fato de ser um efeito, é um centro de transmissão, o poder passa pelos indivíduos que ele constituiu. (FOUCAULT, 1979, p. 183).

Com base na visão de fala e poder de Foucault, pode-se dizer que, na década de 1990, as mulheres pentecostais não romperam com as estruturas discursivas dominantes, mas flutuaram nos espaços privilegiados de fala para ampliar o sentido das narrativas subjacentes a essas estruturas, criando, desse modo, um discurso mais inclusivo e legitimador de sua nova posição institucional. Nesse ponto, o carisma é a ferramenta de autoridade para as novas narrativas. Em diversos momentos, Rosa apela ao “chamado divino” como o imperativo desejo divino para as mulheres, que, uma vez convocadas, não deveriam se limitar por convenções humanas excludentes.

Pela percepção do carisma, na manifestação de dons sobrenaturais, a mulher legitima para si e para os outros um novo posicionamento, conquistado não por meio da vontade humana, e sim pela vontade de Deus. Justamente esse é o elemento de transição discursiva utilizado amplamente na literatura de Rosa. Se, em um primeiro momento, a mulher conquistou novos espaços discursivos na intencionalidade tácita de confirmar as narrativas opressoras a respeito de si, por outro, no exercício dessa missão, sofreu alterações significativas em sua subjetividade, na percepção do seu posicionamento diante dos homens e diante de Deus.

Traçando um paralelo entre as falas construídas pela autora em seus livros e as posturas por ela adotadas no cotidiano eclesiástico, temos uma bifurcação do discurso falado, idealizado por um esforço conservador, e o discurso vivido, desprendido das barreiras até então colocadas à maior participação feminina. Em sua autobiografia, ela nos faz um relato sobre um episódio ocorrido durante a construção do prédio, que passaria a abrigar a congregação em crescimento, um relato que nos faz pensar sobre a construção discursiva do papel dessa mulher aqui por ela representada:

Tudo foi comprado em nome da Assembleia de Deus da Penha. Durante a compra do terreno e a construção do templo, eu apresentava todos os meses relatórios ao pastor José Santos. Eu não fazia nada sem o consentimento dele. Ele visitava a obra constantemente e conferia o que estava sendo feito, ao ver coisas caras, me perguntava como é que eu tinha conseguido comprar. Eu mesma respondia: “Não sou eu, é Jesus quem está nesse negócio! A obra não é minha, é dele e é para Ele!” (ROSA, 2019, p. 159).

Essa fala expõe uma visão dual entre o ideal hegemônico de dominação masculina “Eu não fazia nada sem o consentimento dele” e a percepção emancipada de si mesma, uma vez que se colocava como porta-voz da vontade divina na terra: “Não sou eu, é Jesus quem está nesse negócio!”. Essa visão está presente em diversos momentos de sua narrativa, já que a autora

buscava criar um caminho emancipador à medida que evitava a convergência com os discursos feministas.

Uma maneira eficiente de realizar essa árdua tarefa foi atribuir a instâncias espirituais imperiosas seu papel de liderança, justificando assim sua posição como um “chamado” divino inegociável. Nessa nova perspectiva, a mulher devia se manter submissa ao homem, enquanto isso não implicasse em sua insubmissão à soberana vontade divina, ou seja, na renúncia ao seu chamado. Aqui, o recebimento do carisma se revela como peça central nas novas configurações.

Nessa reconfiguração de gênero, a liderança masculina no espaço doméstico seguia intocada, enquanto na igreja oscilava entre a manutenção de sua dominação e a aceitação da autoridade divina. Se, por um lado, os homens continuavam como os líderes naturais nas famílias e nas congregações pentecostais, por outro, aceitavam o excepcional chamado divino para as mulheres.

Em nome do chamado carismático, as lideranças femininas se fortaleceram e expandiram sem, contudo, confundirem-se com os rechaçados movimentos de resistência e emancipação feministas. A mulher agia movida pelo desejo de emancipar seu papel dentro das igrejas, deixando claro sua despreensão quanto a uma reformulação estrutural dos papéis de gênero dentro da sociedade.

A obra literária de Antonieta Rosa Vieira nos mostra que, ao conquistar novos espaços discursivos na literatura e nos sacros altares congregacionais, a mulher empoderou-se gradativamente das construções narrativas dentro do *ethos* pentecostal. Dessa forma, pode ressignificar não apenas os papéis que exercia nas conjunturas ritualísticas e institucionais como também legitimá-los por meio de um discurso carismático irrefutável dentro do contexto simbólico pentecostal.

## FONTES

VIEIRA, Antonieta Rosa. *A mulher e as pequeninas coisas: tesouros espirituais do cotidiano*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

VIEIRA, Antonieta Rosa. *A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

VIEIRA, Antonieta Rosa. *O trabalho da mulher na igreja*. Rio de Janeiro: Jeová Nissi, 1999.

VIEIRA, Antonieta Rosa. *A mulher cristã e os desafios da liderança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jeová Nissi, 2010.

VIEIRA, Antonieta Rosa. *Autobiografia Pra. Antonieta Rosa: uma vida com Deus*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2019.



## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

BALLOUSIER, Anna Virginia. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. *Folha de S.Paulo*, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 7 jun. 2021.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

BARROS, José D'Assunção. *Os conceitos: seus usos nas ciências humanas*. Petrópolis: Vozes, 2016.

BERTH, Joice. *Empoderamento: feminismos plurais*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CHANTAL, Graziela Rodrigues da Silva. Eis que vos digo: essas são as novas líderes eclesiais, mulheres pastoras que fundam as suas igrejas por meio do chamado de Deus. *Pista: Periódico Interdisciplinar*, PUC Minas, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 61-72, ago./nov.



2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/21717/15940>. Acesso em: 18 out. 2021.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

CULVER, Robert D.; FOH, Susan T.; LIEFELD, Walter L.; MICKELSEN, Alvera. *Mulheres no ministério: quatro opiniões sobre o papel da mulher na igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.

EMPOWERMENT. *In*: CAMBRIDGE Dictionary. Cambridge University Press & Assessment 2020. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/empowerment>. Acesso em: 10 jan. 2020.

EMPOWERMENT. *In*: MERRIAM-WEBSTER Dictionary. Merriam-Webster, Incorporated 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/empowerment>. Acesso em: 11 jan. 2021.

FERNANDES, Rubem César (coord. e red.) et al. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. Disponível em: <https://iser.org.br/publicacao/novo-nascimento-os-evangelicos-em-casa-na-politica-e-na-igreja/>. Acesso em: 13 out. 2021.

FIORINZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 307f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1993.69813>. Acesso em: 7 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

KLAIBER, Walter; MARQUARDT Manfred. *Viver a graça de Deus: um compêndio de Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo, 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LÉONARD, Emile-Guilahume. *O protestantismo brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Aste, 2002.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Olhando as mulheres pentecostais através do espelho. In: VALLA, Victor Vincent (org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A Editores, 2001. p. 75-90.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Revista Estudos Feministas*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 387-396, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200012>. Acesso em: 6 jun. 2022.

MAFRA, Clara Cristina Jost. Construção de gênero e estilo eclesial entre os evangélicos. *Revista da UFRRJ*, ISER/Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 91-108, 1996. Disponível em: <https://claramafra.files.wordpress.com/2018/06/pdf28.pdf>. Acesso em: 4 out. 2021.

MAFRA, Clara Cristina Jost. *Na posse da palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. 341p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, MN/PPGAS. Rio de Janeiro: UFRJ; MN/PPGAS, 1999.

MAFRA, Clara Cristina Jost. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica* [online], v. 10, n. 1, p. 121-158, mai. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.6431>. Acesso em: 17 jan. 2023.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MIRANDA, Fernanda Honorato. *Religião e mulher: liderança feminina no pentecostalismo evangélico*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/13579/1/ReligiãoMulherLiderança\\_Miranda\\_2009.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/13579/1/ReligiãoMulherLiderança_Miranda_2009.pdf). Acesso em: 14 jun. 2021.

MOSEDALE, S. Policy arena. Assessing women's empowerment: towards a conceptual framework. *Journal of International Development*, v. 17, p. 243-257, 2005.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do Protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo : Aste, 2003.

RAPPAPORT, Julian. In praise of paradox: a social policy of empowerment over prevention. *American Journal of Community Psychology*, Fairhaven, v. 9, n. 1, p. 1-25, fev. 1981.

RIBEIRO, Fátima Souza. Trajetória das mulheres metodistas: memória, presença e desafios. *Revista Caminhando*, v. 16, n. 2, p. 31-40, jul./dez. 2011.

ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. *Cadernos Pagu*, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, v. 8/9, p. 51-97, 1997.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. v. 188. (Coleção Primeiros Passos).

SAMPAIO, Tânia Mara V. Uma fala sobre teologia feminista. *Contexto pastoral*, Campinas, CEBEP/Rio de Janeiro/CEDI, n. 14, maio/jun. 1993.

SANTOS JUNIOR, José Nunes dos. Pentecostalismo: uma alternativa a liderança de mulheres ao ministério pastoral. In: XVI Jornada Alternativas Religiosas em América Latina, 16, 2011, Punta del Este. *Anais...* Bahia: Universidade Estadual da Bahia (UNEB), 2011.

SILVA, Elena Alves. O carisma social das primeiras pastoras metodistas no Brasil. *Revista Caminhando*, v. 16, n. 2, p. 41-51, jul./dez. 2011.

SILVA, Janine Targino da. *Lideranças pentecostais femininas: um estudo sobre a fundação de igrejas evangélicas por mulheres em Nova Iguaçu – RJ*. 103f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/8513/1/dissertacao%20Janine.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

SOUSA, Luis Fernando de Carvalho. O empoderamento da mulher a partir da experiência pentecostal, *REFLEXUS: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões*, ano 7, n. 19, jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20890/reflexus.v12i19.707>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SOUZA, Polyana Jessica do Carmo de. Um chamado sobrenatural: narrativas de pastoras da Igreja do Evangelho Quadrangular. In: *Seminário Brasileiro de Teoria e História da Historiografia*, Mariana, MG, 2020. SNHH ANAIS, 2020.

TEPEDINO, Ana Maria. Mulher: aquela que começa a desconhecer o seu lugar. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte: Faje, ano 17, n. 43, p. 375-379, 1985.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

VALLA, Victor Vincent (org.). *Religião e Cultura Popular*. Rio de Janeiro: DP&A Editores, 2001.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. Ed. Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## ANEXOS

### ANEXO A – ENTREVISTA COM A PASTORA ANTONIETA ROSA VIEIRA<sup>24</sup>

**Entrevistadora:** Entrevista com a Pastora Antonieta Rosa Vieira, entrevista realizada no dia 24 de fevereiro de 2021, iniciada às 14 horas para o projeto de Mestrado da discente Joana Fernandes intitulado “Mulheres no altar: literatura empoderamento da mulher pentecostal 1987 a 2010”<sup>25</sup> para o programa de pós-graduação em história social da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Pastora, eu quero te agradecer por dedicar esse tempo para responder essas perguntas e eu tenho certeza de que o seu depoimento vai ser de uma grande valia para a gente compreender um pouco mais dessa mulher, dessa trajetória da mulher na Igreja Pentecostal durante o período que está sendo analisado. Eu vou iniciar então com a minha primeira pergunta é sobre o seu processo de conversão. Como foi isso seu processo de conversão? Esse descobrimento da sua fé.

**Entrevistada:** Certo, veja bem, meu processo de conversão a princípio, pessoalmente eu não tenho muito a falar, porque a minha família era toda católica. Nós não conhecemos nada do evangelho, morávamos numa fazenda em Barra Mansa, cidade de Barra Mansa no interior, no sítio do meu avô Aristides José da Silva e meu pai é casado duas vezes na mesma família. Ele casou com a filha mais velha do meu avô e no primeiro parto faleceu ela e a criança e ele que trabalhava na fazenda continuo, passou alguns anos ele pediu a outra filha em casamento, foi a minha mãe Edite da Silva Rosa tinha casado com Maria de Lourdes faleceu ela era criança, ele ficou viúvo e veio a casar com a cunhada e desse casamento, meus pais geraram praticamente 18 filhos e o primeiro é o meu irmão Antônio Rosa Neto, eu sou a segunda e o meu nome não seria Antonieta seria Terezinha, porque a minha mãe era católica, era fã de Santa Teresinha, então a primeira filha ela ia botar o nome Terezinha.

Mas o que que aconteceu, antes que eu nascesse ela pegou a febre Tifo, que na ocasião não tinha cura. Eu nasci e fui separada imediatamente dela pelas minhas tias, que me levou para longe para evitar o contágio e a minha mãe foi piorando, piorando, piorando e os médicos disseram “Olha, nós não temos mais nada que fazer, ela vai morrer”. Meu pai caiu em desespero porque seria segunda viuvez na mesma família, e dentro de um parecer católico algumas

---

<sup>24</sup> Entrevista realizada pela aluna Joana Fernandes em 24 de fevereiro de 2021.

<sup>25</sup> No momento da realização da entrevista, a análise desta dissertação estava delimitada ao período de 1987 a 2010. Após a qualificação, o título da dissertação foi alterado por orientação dos docentes avaliadores.

peessoas dizia que minha mãe ia morrer, que era como um castigo para o meu pai porque casou com a cunhada, e agora? Minha mãe estava dentro de casa, morre, não morre todo medicamento tudo, meu pai foi para porteira da fazenda e cruzou os braços em cima da porteira começou a chorar e olhar para o céu e dizer “Deus, me socorre eu sei que tu existe, me socorre”. Mas ele não sabia orar como aqueles que conhece o verdadeiro Deus, mas ele estava chorando e a minha mãe morrendo dentro de casa e eu na casa da minha tia para não ser contagiada.

Passou um pastor que fazia parte do Ministério da Assembleia de Deus de Madureira e que frequentava essa igreja Assembleia de Deus do outro lado do Paraíba em Barra Mansa, mas veja bem, meu pai não sabia nada disso, aquele homem passou pela porteira e viu meu pai chorando ele foi adiante o Espírito Santo falou com ele “Volta, vai e fala com aquele homem” e ele chegou e disse “Boa tarde, amigo. Eu não sei o que tá acontecendo com você, mas eu quero dizer para você que eu conheço alguém que é solução e a vida ele salva, ele cura, ele liberta, ele leva para o céu. Seja qual for seu problema se você confiar nessa pessoa que eu estou falando além de ser Deus é meu amigo e pode te dar uma vitória”, então meu pai olhando para ele assim sério disse “repete esse negócio”, ele repetiu aí meu pai disse para ele “olha minha mulher está morrendo minha filhinha não sei se vai viver, se isso que você está dizendo é verdade e você pode provar e fazer alguma coisa eu passo para essa “seita” aí o pastor disse “agora”.

Meu pai abriu a porteira e ele entrou, mas quando chegou no quarto onde minha mãe estava, meu pai não sabia, já estava morta. Aí ele levantou e disse “Eu esqueci de te dizer que esse Deus que eu te falei também ressuscita morto e a sua mulher já está morta”, aí meu pai chorando olhando para ele disse “Você pode fazer alguma coisa? Faça!” e olha, na cabeceira da cama da minha mãe tinha uma Santa Terezinha, ali ela adorava Santa Terezinha, por isso que meu nome ia ser Terezinha, e aquele homem fez uma oração muito simples, às vezes a pessoa pensa que tanta coisa, mas o poder de Deus e a palavra de Deus disse “Se crê e o que crer será salvo” ele fez a seguinte oração, segundo meu pai, foi ele que me contou tudo, ele orou assim “Senhor, esta tua filha que já chegou a tua presença nunca ouviu falar de ti, ela não teve a oportunidade de escolher te aceitar ou te rejeitar, devolve a vida dela para que ela possa escolher. Tu és o dono da vida, tu és o que colhe e tu é isso que dá vida e a tua palavra diz que tu dás vida em abundância, se tu tem um plano nesta casa com essa família, com este homem, esta mulher, devolva a vida dela”. Então orando, ele levantou as mãos sobre ela, Deus ressuscitou a minha mãe, mas de uma maneira extraordinária porque minha família não conhecia nada de evangelho. Tá entendendo? Só de Ave Maria, Padre Nosso, coisas assim,

ladainha. A vida dela foi devolvida e ela sendo batizada com o Espírito Santo, começou a falar em línguas estranhas, meu pai que nunca viu aquilo parece que deu uma espécie de uma loucura nele, ele começou a gritar “Pronto, agora é o fim, a febre chegou à cabeça, enlouqueceu, tá falando uma língua que ninguém sabe” porque ele não conhecia, o pastor disse para ele “Homem, cala a boca! Tu não conheces nada de Deus, Deus está devolvendo a vida da tua mulher, está salvando ela e devolvendo”.

Aí ele ficou apenas soluçando sem saber o que dizer, aí a minha mãe abriu os olhos viva e a febre foi embora e ela foi curada. Por esta cura ele insistiu no evangelho e perguntou para ele “Você também não quer aceitar Jesus?”. Uma vez que já tinha perguntado para ela e ela aceitou, já estava batizada, ele foi orou pelo meu pai aí perguntou “Cadê a neném?”. A neném era eu, estava em outro lugar distante, aí ele disse “Me leva até a neném”. Aí uma das minhas tias ficaram com a minha mãe no quarto e eu fui levada na casa, porque a fazenda tinha várias casas assim os filhos iam casando, aí meu avô construía casas de três cômodos para cada um que casava para ficar junto. Eu estava lá e disseram que eu não ia viver, ele me pegou assim, eu ainda não tinha sido batizado na igreja católica, cheguei a ser batizada, mas ainda não tinha sido. Ele pegou assim, fez isso olha, me levantou assim para cima e disse “Senhor, eu te apresento esta criança, tu és o dono da vida, dá vida a esta criança e permita que esta vida seja para honra e para a glória do teu nome, do teu reino”. Olhou para o meu pai e disse assim “Quem te disse que ela vai morrer? Agora cuida dela, ela vai ter vida longa e vai ser um instrumento de Deus na Terra”.

**Entrevistadora:** Aí que a gente chega, no segundo ponto pastora, sobre chamado ministerial de pastoreado. Quando foi o momento que você teve consciência de estar recebendo esse chamado, de ter sido chamada para uma liderança, para um pastoreado?

**Entrevistada:** Certo, veja bem, a partir da aceitação do meu pai da minha mãe a Jesus Cristo como o único eterno e suficiente salvador eles começaram a levar meu irmão para igreja, então eu comecei, comecei sendo criada na casa de Deus e tem um período que, eu não sei qual é a tua experiência de batalha espiritual, começou uma batalha espiritual na Fazenda porque ninguém conhecia nada do evangelho de Jesus Cristo só catolicismo e meu avô se revoltou com meu pai com a minha mãe por ter aceitado Jesus como Salvador.

Eu fui crescendo, eu estava com três anos quando eu comecei a ter visões. Eu via quando espírito de demônio se aproximava da fazenda e virava sacos de arroz, saco de milho, de feijão, jogava fora chegando nas panelas da cozinha e viravam as panelas de comida jogando fora. Eu gritava “Mãe, ele tá ali, ali!”, eu apontava com o dedo, mamãe não via, mas eu estava



vendo. Eu comecei a ter uma percepção espiritual, eu não conheci, ninguém me ensinou, mas isso incomodou meu avô católico que pediu meu pai para se mudar da fazenda porque nós agora éramos diferentes. Tá entendendo?

**Entrevistadora:** Mas assim, aquela convicção assim de “um dia eu vou ser uma pastora ou eu vou liderar”...

**Entrevistada:** É nesse ponto que eu vou chegar para você. Aí mudamos, ao mudarmos para uma outra casa, papai, mamãe, meu irmão, eu, já tinha a outra minha irmãzinha que era Ivone Zenete. Mamãe estava grávida, foram 18 filhos assim encarreirados. Aí nós passamos a fazer culto doméstico em casa cantar, orar, passei a cantar no conjunto de criança, comecei a participar de escola dominical, mas eu até aqui não tinha nenhum pensamento pastoral nem sabia o que era isso, tá entendendo?

Mas, uma coisa começou a acontecer na minha casa, que eu não entendia, por que ia tantos crentes na nossa casa? Não era por causa da minha mãe, nem do meu pai, era por minha causa. Quando chegava assim a mamãe dizia “Chega que tem visita, vem para cá todo mundo” eu começava conversando com as pessoas e de repente Deus começava a me revelar a vida da pessoa, eu começava a dizer “Você tá passando isso, isso, isso, isso, mas Deus vai te dar vitória”. Eu era criança, eu não tinha entendimento adulto.

Vou pular um pedacinho, com 5 anos eu orei a primeira pessoa que Jesus curou, foi meu próprio pai com pneumonia dupla. Trabalhava no Moinho Guanabara São Cristóvão e ficou desenganado, por causa da friagem, ele trabalhava no meio de maquinário. Eu olhando para ele na cama um dia de chuva no domingo à tarde, disse assim sozinha, meus irmãos estavam na sala brincando e minha mãe na cozinha fazendo comida, meu pai no leito, eu disse assim “O pastor disse que Jesus cura, ele disse que Jesus cura”. Aí eu repeti a terceira vez “o pastor disse que Jesus cura, então ele pode curar papai, disse que ele cura qualquer coisa, ele pode curar meu pai”, ele estava se tremendo na cama de febre alta, aí eu fui repetindo, aí à medida que eu fui repetindo, não sei porque, eu comecei a chorar e as lágrimas desciam. Eu comecei a ter uma visão dentro do quarto com 5 anos. Olha, nós éramos pobres, já estávamos morando no Rio de Janeiro na Rua Primavera 94 em Cavalcante, eu comecei a ver como se alguém tivesse focalizando um filme no chão e começou a aparecer aquelas palavras escritas eu não sabia ler, nem escrever, tinha 15 dias que eu tinha entrado na aula de alfabetização. Eu tinha os meus primeiros pedacinhos de giz e começava a rabiscar tudo, eu corri na minha bolsinha de escola e peguei os pedacinhos de giz e vim para cobrir as letras, mas eu fui na cozinha e disse “Mãe!” ela disse “Que foi? Por que você tá chorando?”, eu disse “Vem ver uma coisa mãe!”, ela disse

“Espera aí que eu tô temperando arroz”, eu disse “Vem mãe, tem que ser agora!”. Ela então tirou a panela do fogão, que era fogão de carvão, botou a panela do lado, parou o tempero e me acompanhou. Quando chegou no quarto, ela começou a ver aquilo no chão, nós não tínhamos nenhum aparelho elétrico doméstico nada e eu peguei um pedacinho de giz e fui lá cobrir as letrinhas, mas eu não tinha entendimento, minha mãe era semianalfabeta, eu estava com uma sainha de três babadinho e com a mão direita eu cobria as letras e sem querer vinha com a outra mãozinha, chegando com a saia para cobrir e apagava parte daquilo que estava sendo escrito. Até que depois de um determinado espaço parou, não teve mais focalização, e as pessoas que vierem que viram as coisas no chão, porque parte foi apagada, não puderam copiar para dizer o que é que estava escrito.

Mas uma irmã de oração que, por conseguinte tinha sobrenome Rosa, mas não era da nossa família, chegou lá em casa. Mamãe contou, levou ela no quarto e mostrou, ela virou para minha mãe disse assim “Deus tem uma chamada espiritual com essa criança, cuida dela!”. Isso aí foi uma mensagem para ela, porque quando aquilo sumiu eu disse para minha mãe “Jesus vai curar papai agora”. Eu cheguei na beira da cama, dobrei o meu joelho, mas eu era pequenininha a minha mão... eu ajoelhada não alcançava a cabeça dele, para mim botar a mão nele eu peguei e levantei e fui botei as mãozinhas no rosto dele eu comecei a repetir “Jesus, cura papai! Jesus, cura papai! O pastor disse que tu cura, eu acredito”, ele começou a suar, minha mão ficou molhadinha, aí ele virou para minha mãe e disse assim “Me dá um pijama e uma toalha de banho”, levantou, foi para o banheiro tomar banho trocou o pijama. Mamãe trocou a roupa de cama, ele foi curado naquela hora.

**Entrevistadora:** Mas aí foi essa irmã que teria dado então o alerta ali que Deus tinha uma chamada?

**Entrevistada:** Exato.

**Entrevistadora:** Mas essa chamada, assim, havia essa dimensão de que poderia ser pastoral? Enfim, ou era só uma missão mesmo, espiritual?

**Entrevistada:** Era, chegava alguém doente eu orava, Jesus curava. Usava-me para revelar a vida, mas eu não tinha dimensão disso, não tinha. Eu vou chegar ao ponto em que Deus me revelou.

Fui crescendo quando eu estava mais ou menos com 9 para 10 anos... [problemas com equipamento interrupção 23:47 a 25:09] aconteceu o seguinte, eu não faltava igreja eu ia para o culto de oração de adulto como se eu fosse uma adulta, participava tudo e eu chegava cedo queria arrumar a mesa da dirigente as cadeiras como se eu fosse uma diaconisa, ninguém me

mandava fazer isso era voluntário e eu estava ali, eu cantava, tudo que me pedisse para fazer eu fazia. O que aconteceu, Deus começou a me usar com cura divina e quando eu estava com 9 para 10 anos eu tive um sonho, aqui é que eu acho que estava minha chamada, vou resumir, eu não entendi nada, mas eu sonhei que chegava dois varões vestidos de branco e disse para mim “Vem” eu saí com eles não sabia onde eles estavam me levando, mas era como se fosse assim um salão grande com armários, tipo armários de quarto com portas tudo direitinho, tudo limpinho, tudo bonitinho, vitrine. Eles abriram e começou me mostrar cada uma roupa linda e me deram uma porção de roupa, primeiro me deu um vestido estampado fino estampado miúdo, daqui a pouco me deu outro estampado grande, aquele chamava atenção cada cor mais linda. Eu olhava assim, ficava ainda alguns lá, tinha outras iguais, aí teve um até que eu perguntei assim: “Poxa, por que vocês, com um vestido tão bonito tem tão pouco, que não tem mais para dar para mais pessoas?”. Um daqueles varões me disse assim “Por que a distribuição dessas roupas...” foi resposta “é pelo eterno e só é dada a quem ele determina”. Eu não entendi nada, aí eles continuaram e me deram a roupa estampada, abriu outro armário aí me deu um conjunto duas peças saia e blusa semelhante ao primeiro estampado parecia o vestido, mas dessa vez duas peças saia e blusa. Passou para outro guarda-roupa, outra vez duas peças semelhante ao que ele me deu com o segundo estampado que era vestido, agora duas peças outra vez tudo bem eu recebi aquilo com toda alegria, aquilo me dava uma alegria tão grande, mas eu não sabia o que significava. Aí abriu um armário todo de vidro, tirou um vestido de linho fino trabalhado todo bordado e me vestiu todinha, era como se eu fosse uma noiva vestida com aquela roupa, eu disse “Essa roupa deve ser caríssima” porque era toda trabalhada, bordada eu recebi aquela roupa, daqui a pouco outro vestido, mas que vestido é esse? Agora um vestido vermelho, mas vermelho? Tirou o branco e botou o vermelho, semelhante ao branco, mas de outra cor, branco vermelho.

Aí eu disse “Mas que coisa linda! Aonde que eu vou com essas as roupas tão lindas, tão bonitas assim?”, não respondeu nada, continuou comigo, aí ele disse assim “Senta aqui”. Era como se eu sentasse numa cadeira, trouxe dois, é, dois pares de meia, mas me calçou um par de meias longas. Trouxe um par de botas e calçou meus pés com as botas, está entendendo? Aí eu vou vestido vermelho de bota de meia que eu fui recebendo e olhava assim meu Deus, que é isso, que isso... Era como se eu não entendesse eu não entendi nada, aí eu disse que bota forte, aí ele disse: “Você vai ter que andar muito, vai precisar andar muito”. Ai disse assim: “Estende as mãos”, eu estendi a mão. Aí o que eles fizeram? Untaram minha mão todinha com um líquido eu não sabia que líquido era aquele, mas hoje entendo que era óleo. As minhas mãos estavam

sendo unguidas. Aí pegou minhas mãos, fez assim: “Faz assim com suas mãos”, um daqueles homens fez assim, para a glória de Deus, tá entendendo? Só disse isso: “Para glória de Deus”. Quer dizer tudo que ele estava fazendo ali, estava me unguindo para a glória de Deus. Até aí eu não sei nada, 10 anos. Aí quando eu acordei, eu queria saber, foi me dado um papel eu escrevi tudo aquilo na revelação era como se eu tivesse que escrever para não esquecer. Eu acordei de manhã, contei aquilo tudo para mamãe, mamãe ficou me olhando não entendeu nada... Esse nome, não posso esquecer Jorgete tinha uma oração em Vicente de Carvalho da casa de uma irmã que dirigia círculos de oração se chamava Jorgete. Esse dia nem fui para escola, eu disse: “Eu vou lá, eu vou aprender orar com ela, que ela é uma mulher de oração. Eu vou contar para ela este sonho, para que ela me dê a interpretação”. Eu fui a primeira que cheguei para oração na casa dela. Aí eu contei pra ela foi me dando a interpretação, posso contar a interpretação? O primeiro vestido estampadinho foi o batismo com Espírito Santo falando em línguas estranhas, o segundo, já o estampado maior de diferentes estampas variedades de línguas, o terceiro que vinha duas peças a saia e o blaser, ela disse é o dom de língua com profecia, interpretação. Deus vai te dar a língua estranha e vai te dar interpretação da língua da profecia. Aí eu disse: “E esse estampado bonito e grande (34:00) que chegava assim com aquele, brilhava?”, “Isso aí é o dom da palavra para você falar para multidões, tá?”, “Tá tudo bem”.

Aí eu virei para ela e disse “Mas tem mais, ele me deu um vestido branco, me vestiu todo trabalhado...”. Aí ela disse assim, “Esse vestido que você viu trabalhado à mão, é porque Deus vai te dar um Ministério que você vai usar as mãos é o bordado do vestido. Você vai produzir para outros e para você também o vestido branco, e o branco representa [...] você tem que ter uma vida de santificação”. Ela me deu uma aula: “não pode ser namorada, não pode ser isso, não pode falar palavrão, não pode...”, ensinando que era uma vida de santificação. Tudo bem, aí eu disse: “E o desse vestido vermelho?”, “O vermelho”, ela disse para mim “está representando sangue de Jesus, esse vestido branco que você recebeu a santificação, tem porque Jesus derramou o sangue para te purificar. Você vai ter uma vida limpa purificada, por causa do sangue de Jesus”. Aí eu virei e disse assim: “E por que eu tinha que escrever aquilo tudo?”. Aí ela disse: “Você vai ter que passar para outros aquilo que Deus te der, você não pode guardar, você vai ter que escrever, você vai ter que transmitir para outros”. Aí virou e disse assim para mim: “E tem mais, o par de meias que você recebeu...” Ela pegou a Bíblia e abriu na hora em Atos dos Apóstolos: “Ficai em Jerusalém até que do alto sejais revestidos de poder”. Aí eu perguntei: “O que quer dizer?”. Ela disse: “Você ainda não é batizada com o Espírito Santo, tudo isso vem com o revestimento, a meia já começa o revestimento, a Bíblia diz assim ‘tira o

calçado dos teus pés porque o lugar que você tá pisando é terra santa'. Eu entendi, mas você não ficou descalço, foi te calçado a meia. É um calçamento ou vestimento santo e depois a bota até aqui em cima". Aí eu disse assim: "E por que a bota?"

Ela disse assim: "Você vai atravessar a fronteiras, não apenas do teu país, mas também de estado a estado e outros levar o que você tem que escrever e tudo que Deus vai mandar você falar, você não pode esquecer, vai ter que escrever".

**Entrevistadora:** Isso não era tão comum na época, né? Mulheres pregando...

**Entrevistada:** É, menina. Eu tinha 10 anos, estava na quarta série primária, aí eu fiquei assim, eu não entendia nada... completei 11 anos, estava na reunião do círculo de oração, dirigente irmã Likinha, uma nordestina disse assim "Quantos estão presentes nessa reunião e não são batizados com Espírito Santo?" Eu levantei a mão. Aí ela olhou o relógio e disse assim: "Nós vamos orar de 15 a 20 minutos só e Jesus vai fazer a obra". Aí eu disse assim: "Eu não vou não, eu sou uma menininha muito levada, preciso de mais tempo 20 minutos é pouco". E não fui para frente. Ela foi lá onde eu estava, perto da porta e disse assim: "Você não levantou a mão dizendo que não era batizada e porque não foi lá na frente?", "A senhora disse que vai orar só de 15 a 20 minutos, eu acho que muito pouco tempo para Jesus me batizar. Eu preciso ficar muito muito, muito para Jesus me batizar". Ela disse: "Em 20 minutos Jesus pode batizar o mundo inteiro garota, ainda mais você. Vem comigo, deixa de besteira". Me pegou pela mão e me levou na frente, mas eu fiquei de joelho dobrado num banco que eu via o relógio na parede. Aí eu orava, orava, orava, orava, orava olhava... o relógio já passou 5 minutos, e ele não me batizou, aí eu orava, orava, orava, orava, orava... olhava outra vez para o relógio já passou 10 minutos, ele não me batizou, aí chegou os 20 minutos e eu não fui batizada. Aí me deu assim um impulso interno, como se fosse assim um tipo de uma revolta, aí eu disse assim: "Não disse que em 20 minutos ele não ia me batizar?". Aí ajoelhada no banco eu comecei a fazer assim, a socar o banco e dizer, "Tá vendo, por isso que eu não queria vir à frente, eu sabia que em 20 minutos ele não ia me batizar"... Aí comecei a socar o banco e a chorar e a chorar... e socar o banco, socar o banco... aí a irmã começou a cantar um corinho para levantar do joelho pelo desaforo "Eu não saio daqui enquanto ele não me batizar" e se a gente pode fazer desaforo com Deus e coisa de criança mesmo, e eu fiquei ali "Não saio, não saio enquanto ele não me batizar eu não saio, eu não saio, eu não saio enquanto ele não me batizar eu não saio..." e todo mundo levantou e tá lá cantando... e eu ali ajoelhada socando o banco. Ele me batizou, mas me batizou com um poder tão grande que o banquinho era mais ou menos assim oh cabia três pessoas, três crianças. Era um poder tão grande que eu peguei o banco e fazia assim olha para mim, olha

aqui pra mim eu rodava o banco no ar aí os irmãos aproximaram com medo que eu batesse com o banco na cabeça de alguma criança de alguém ali e eu falando em línguas estranhas e pulando e rodando aquilo o banco no ar, e não parava de falar... eu fiquei três dias falando em línguas estranhas, eu não podia ir para escola, eu não podia fazer nada, porque eu ia conversar com alguém falava em línguas estranhas.

**Entrevistadora:** Mas aí a consciência do ministério, é... pastoral em si... “Um dia vou ser uma pastora”... houve assim algum momento que houve assim essa consciência?

**Entrevistada:** Houve, porque aí eu comecei a pregar, pregava em todo lugar que eu ia cadê a menina que veio? Me botavam para pregar... aí eu pregava...

**Entrevistadora:** Em cultos? Assim, normais? Ambientes mistos?

**Entrevistada:** Me levavam para todo lado, em morro, em favelas, igrejas grandes, eu comecei a pregar, pregar, pregar, pregar... eu comecei a estudar a palavra, eu queria comer a palavra, eu lia tudo que chegava na minha frente. Aí tive um sonho que Deus colocava material de construção na minha mão para mim construir uma casa, mas não me disse como era a casa nem onde era a casa, nem nada ficou naquilo ali... ai eu fui trabalhar, eu trabalhava na Mesbla, trabalhei na Demillus, fui trabalhar na Mesbla, trabalhei no CCP crédito e cobrança da praça com o doutor... Aí passou aqui pastor Augusto Costa chegou para mim e disse assim “Antonieta, a Casa Publicadora da Assembleia de Deus está precisando de uma secretária, se você procurar por aqui você vai ver que eu tenho curso de taquigrafia de datilografia...”

**Entrevistadora:** Você tem essa história, né? Como contadora...

**Entrevistada:** Exato, então eu disse “Mas eu estou bem empregada...”, “Mas, vai lá, faz uma entrevista, estão precisando tanto”, mas eu digo “Eu estou bem lá na Mesbla”. Aí o papai disse assim: “Vai lá filha, só para ele não ficar chateado”. Eu fui. A Mesbla de luxo me pagava muito bem, eu primeira secretária do setor, ta entendendo? Mas eu fui fazer a entrevista, eu fui do jeito que eu trabalhava, no salto alto, toda arrumadinha, tudo direitinho... cheguei lá loja da Casa Publicadora, era aquele assoalho velho, o saltinho do meu sapato entrou entre aquela madeira e agarrou teve que vir um funcionário chamado Gladistone para desprender o sapato. Aí eu disse: “Ai, meu Deus, eu vou sair de uma loja super, para vir trabalhar em uma loja dessa, tão inferior?”. Passei pela entrevista, o que eu ia ganhar era menos da metade do que eu ganhava e trabalhar mais. Eu olhei assim as coisas tudo fora do lugar quando eles me mostraram a Caixa maior que essa mesa aqui, cheia de cartas do Brasil e do mundo, para abrir, para ler, para classificar, para cada setor, era tudo o que eu sabia fazer... me deu vontade de pegar aquilo e começar a fazer, mas quando eu soube do salário e tudo eu disse “Eu não vou

fazer isso, negócio besta, sair de um bom emprego para ganhar menos. Eu não”. Resolvi que não ia. Passou uma semana, sete dias certinho, eu tive um sonho, que eu estava no meu trabalho na Mesbla e a Mesbla precisava de uma pessoa de confiança total para o setor de joia, aí me indicaram, me tiraram do setor em que eu estava e me transferiram para uma sala de luxo com tudo quanto é joia boa, cara anel, tudo... eu comecei a trabalhar no setor e chegou o primeiro cliente... Aqui que vem a chamada, eu fui atender o cliente, ele não deu uma palavra ele fez assim com o dedo, me mostrou uma joia. Primeira joia que eu ia vender, quando eu peguei a joia, que eu fui passar para ele, era uma Bíblia... Aí eu fiquei sem graça, porque não era isso que ele tinha me mostrado, eu peguei, botei do lado assim, ele não falou nada, me mostrou outra joia, aí fui, peguei a outra joia para dar para ele, quando eu vou dar para ele, está escrito “doutrinas bíblicas”. Era uma revista de escola dominical.

Aí eu ficava mais sem graça ainda, também não respondi nada e ele também não disse nada e me mostrou outra joia. Quando eu peguei a terceira joia e fui entregar na mão dele, quando fui entregar estava a harpa cristã, tudo material que a Casa Publicadora vendia. Aí eu fiz assim... olhei para ele e disse “Desculpe, senhor, eu não estou entendendo nada, eu estou pegando exatamente a joia que o senhor aponta, mas quando eu vou entregar é outra coisa. Não é incapacidade minha. Tem algo que eu não estou entendendo”. Aí ele olhou para mim e disse “Mas você vai entender porque esse é o ministério que Deus tem para tua vida e através dele Deus vai completar tudo o que quer fazer contigo”. Aí eu cheguei em casa, contei para o meu pai e para minha mãe, ele disse “Minha filha, sai, não importa que você vai ganhar menos. Deus vai te dar tudo”.

**Entrevistadora:** Aí esse ministério, no caso o trabalho na CPAD, seria o chamado como escritora ou pastora no caso?

**Entrevistada:** Não, eu fui para Casa publicadora trabalhar como secretária geral, eu lia as cartas evangélicas do Brasil todo e do exterior e respondia, e selecionava, eu ficava sabendo o que estava acontecendo nas igrejas...

**Entrevistadora:** A maioria das cartas, tem um assim oh... eram mais mulheres, mais homens que escreviam? Tinha essa...

**Entrevistada:** Olha, mulheres escrevem mais que homens, mas tinha cartas de homens com lutas ministeriais, problemas na igreja, família... Então, eu comecei a tomar conhecimento...

**Entrevistadora:** Essas cartas têm em algum tipo de arquivo, pastora? Onde elas ficam... porque seriam uma fonte muito interessante de pesquisa, né?

**Entrevistada:** Olha por hora, acho que eles não têm não, acho que guardam até cinco anos depois...

**Entrevistadora:** Depois descartam, né?

**Entrevistada:** Exato, mas você sabe de uma coisa? Foi tanto serviço que eu levava para casa para no final de semana eu adiantar o serviço em casa. Eu passei a conhecer os problemas da igreja, os pedidos de oração. E quando eu estava abrindo em casa, às vezes minha mãe me perguntava: “Por que você está chorando?”, “Mãe, olha aqui o que essa pessoa está passando”, eu comecei a tomar conhecimento do que era a igreja... O que as pessoas sofriam. Então, eu automaticamente já ia lendo e já ia orando pelas pessoas... aí começou o meu ministério espiritual direto.

**Entrevistadora:** Ligado no caso à igreja, né?

**Entrevistada:** No caso à igreja, exato. O que aconteceu secretária geral, de secretária geral, eu passei à primeira tesoureira da firma, de primeira tesoureira da firma, eu passei à chefe de setor no escritório... Tudo bem? Ajudei a fazer a mudança da firma de Vicente... lá de São Cristóvão para Vicente de Carvalho. Em Vicente de Carvalho, eu fiquei responsável pela área de estoque, de expedição dessas coisas assim. Resumindo, eu criei um trabalho de culto doméstico na Casa Publicadora pela manhã, antes de começar o trabalho e eu dirigia, e o Pastor Jesiel Gomes passou a me ajudar, e a gente trabalhava no mesmo escritório, aí eu passei a fazer parte... Eu tenho aqui, eu tenho um certificado dele continental, você olha ali, você vai ver que tem o nome dele, fazia parte da equipe de evangelismo dele. Ele era pastor, e eu trabalhava do lado dele, eu tenho isso aqui de tanto datilografar, isso aqui, tá vendo isso aqui alto? Olha vou dizer uma coisa para você: eu comecei a aprender a pregar, ele prega muito, ele é o “príncipe” dos pregadores...

**Entrevistadora:** Isso me leva à próxima pergunta. Teve alguma pregação ou algum livro, livros ou pregações, autores... pessoas que, de alguma maneira, te inspiraram, influenciaram seu crescimento como...

**Entrevistada:** Ele foi e o pastor Emílio Conde, que era o diretor de publicações da Casa Publicadora, foi outro que muito me influenciou. Foi ele que pagou a minha passagem para ida a Manaus para pregar em um congresso, 8º congresso... não chamava congresso... 8ª Confraternização de Jovens. Foi ele que pagou a minha passagem de ida, de volta, que me indicou. Ele estava com uma carta na gaveta, com o pastor de lá pedindo para arranjar alguém no Rio para mandar para pregar lá...

**Entrevistadora:** Foi a primeira vez que você pregou fora do Estado?



**Entrevistada:** Fora, assim tão longe foi. Aí eu estava na hora do almoço, e na hora do almoço tá todo mundo assim vai passear... eu ia para máquina de escrever e começava a fazer esboço de mensagem... aí eu escutei uma voz falar comigo, eu sozinha dentro da sala, hora de almoço, “Você irá amanhã a Manaus”, eu parei assim, olhei para um lado, olhei para o outro, não tinha ninguém, “Mas como é que é?”, “Você irá amanhã a Manaus”. Aí eu disse “Mas eu não conheço ninguém em Manaus, eu não tenho convite para Manaus...” aí eu fiquei assim tão nervosa, eu levantei puxei a porta fui lá na sala do Pastor Emílio Conde...

Eu disse: “Pastor, dá licença?”.

Ele disse: “Pois não, pode entrar”.

Eu disse: “Eu preciso falar com o Senhor”.

Ele disse: “Pode falar, minha filha”.

Eu disse: “Eu acho que Deus falou comigo”.

Ele disse “O que foi?”.

“Eu estava escrevendo, fazendo um esboço sobre o Espírito Santo, e uma voz falou comigo que eu vou a Manaus amanhã. Mas, eu nunca saí daqui, eu não conheço ninguém em Manaus. Como é que eu vou a Manaus amanhã? O senhor acha que isso é da minha cabeça? Ou será que Deus falou comigo?”

Ele disse: “Deus falou contigo...”

Aí ele fez assim, puxou a gaveta, pegou o envelope, tirou a carta e disse “lê”, era um pastor pedindo para ele arranjar alguém para pregar lá: “Se Deus falou contigo, é você”.

**Entrevistadora:** Então o pastor Emílio Conde...

**Entrevistada:** Aí o que eu disse para ele, ele virou para mim e disse “Você tem férias vencidas, né?”.

Aí eu disse: “É, estou com três férias vencidas, porque não tem substituto para mim tirar férias...”, “Mas vai ter, você vai amanhã”, eu disse “mas eu não tenho dinheiro, não tenho nada não conheço ninguém, não sei como é que eu faço, nem por onde eu começo”. Ele disse “Você vai pra casa arranjar uma mala, uma, pega seu documento”, telefonou para a companhia aérea, fez a reserva de passagem, fez tudo pagou com o dinheiro dele. Ligou para o diretor da casa, pediu as minhas férias, pediu substituto para mim, foi indicado o irmão Violando de Almeida, que era da Assembleia de Deus de Cordovil pra ficar na minha posição quando eu tirar férias e eu fui cheguei lá. Eu disse “Meu Deus, não conheço ninguém, nada”, pensa, sozinha, daqui pra Manaus, aí eu fiquei lá, aquele grupo de jovens, assim todo mundo olhando pra ver quem era, porque ninguém me conhecia, aí eu vi quando duas meninas, com uma papeleta assim na mão:

“Antonieta Rosa Vieira”, eu digo “é ali, é essa turma que tá ali me esperando?”. Aí eu cheguei, fiz assim, aí todo mundo bateu palma “é ela, é ela, é ela”, vieram me abraçar, pegaram logo minha mala, minhas coisas, eu fui... que que aconteceu? Eu preguei 4 dias, olha, 4 dias.

**Entrevistadora:** Era um evento de jovens?

**Entrevistada:** Quinta-feira à noite a abertura, sexta, sábado e domingo... e tem uma coisa: Jesus curou um índio, e o índio começou a correr dentro da igreja, “lá lá lá”, não entendia nada, eu perguntei: “Pastor, o que o índio tá fazendo?”, “Ele tá glorificando a Deus, ele é índio, ele acabou de ser curado, ele chegou aqui tuberculoso”. Enquanto eu pregava, Jesus curou, vou resumir, o pastor preparou uma equipe para ir visitar a cidade dos leprosos, eu nem sabia que tinha isso, foram quatro ônibus e vários carros, mas ele disse ninguém cumprimenta ninguém, ninguém passa para lá, os de lá não passa pra cá, tudo separado e eu preguei lá para os leprosos, mas Deus falou assim comigo “olha para eles”, eu estava olhando, o senhor: “você está vendo aquele de cabelo grisalho? Vai orar por ele, vai impor as mãos sobre ele, eu vou curá-lo. E vou fazer dele um pastor”. Aí eu disse: “Mas como é que eu vou botar as mãos nele? Tem uma ‘paredezinha’ aqui, assim baixinha, eu não posso passar para lá, eles não podem passar pra cá. A ordem do pastor é não por as mãos, nem cumprimentar, dando a mão, como é que eu vou fazer isso”. Aí a voz perguntou: “O que te importa? Obedecer a Deus ou obedecer o homem?”, aí eu disse “Claro que é obedecer a Deus”, “Então faça o que eu to te mandando”.

Aí olhei para cara do pastor a veio assim na minha mente “A Bíblia disse, orai e vigiai”, se ele orar e não vigiar, eu pulo essa mureta e vou lá e oro o homem, eu também era levada, tá entendendo. Aí quando ele disse “Vamos orar?”, botou todo mundo de pé, quando ele levantou a mão, que fechou os olhos, começou a orar, eu sentei assim na beirada, virei as pernas pro outro lado, pulei, corri lá no homem, orei ele, impus as mãos sobre ele, decretei a cura dele, e disse “Você vai ser curado porque Deus vai te usar”. E, voltei, quando eu to “despulando” a mureta o pastor me vê... Aí eu disse “Ai, meu Deus, como eu vou me explicar?”. Aí eu quieta, não falei nada, depois eu conversei com ele.

Resultado: Jesus curou o homem da lepra, tava comido, aqui, aqui assim, parte da boca, mão. Ele ficou imune, então ele tinha permissão para entrar entre os leprosos e entre os não leprosos, porque ele não tinha mais risco de pegar lepra, nem de transmitir nem de receber. 3 anos depois, pastor Alcebides trouxe ele aqui no Rio, e levou ele na Casa Publicadora porque ele queria conhecer a menina que orou por ele lá e que Jesus curou. Ele foi consagrado a pastor da cidade dos leprosos, tá entendendo. Daí em diante eu não parei mais.

**Entrevistadora:** Aí começou a viajar pelos estados...

**Entrevistada:** Tudo quanto era igreja e tudo, mas tinha a discriminação.

**Entrevistadora:** É, é... antes da gente partir para essa parte.

**Entrevistada:** Certo, sei.

**Entrevistadora:** Que a gente vai tocar nessa questão das discriminações...

**Entrevistada:** Sei, dentro disso.

**Entrevistadora:** Você falou de alguns exemplos masculinos, né, de homens que impactaram com pregações, tem uma pergunta que é sobre, se na igreja tinha alguma escritora, alguma mulher, alguma líder que de alguma maneira tenha te inspirado no ministério, assim, que você tinha como referencial.

**Entrevistada:** Olha tinha na Casa Publicadora, porque lá o setor de escola dominical, tinha professoras formadas, inclusive a professora Albertina Malafaia, que é a mãe do Silas Malafaia, era uma das professoras que escrevia revista de escola dominical, lá na Casa Publicadora. Tinha mais três ou quatro com influência nessa área, professora que escrevia para criança, trabalhava em revisão e tinha muita serva de Deus que trabalhava em escritório. Eu comecei a fazer de tudo pra mim “não ter meu pé me dói” [não compreensível], tá entendendo, tudo, tudo, e comecei a ser reconhecida por alguns e discriminada por outros. Mulher não prega. Mulher pode fazer tudo, lavar, passar, cozinhar, limpar banco, fazer tudo, mas ir pro púlpito pregar não. Vai dar um testemunho? Lá embaixo. Eu alcancei tudo isso. E uma coisa que eu vou te dizer, não para que você escreva, não escreve isso, porque dá problema, quem mais me bateu nessa área, chama-se pastor Silas Malafaia. E quem me consagrou à pastora foi ele. Tá entendendo. Quando eu apresentei, este livro.

**Entrevistadora:** 2013, né? *O julgamento universal de Eva*, 2013.

**Entrevistada:** Na academia, quando eu lancei tinha uma média de 100 homens e só duas mulheres. Eu que tava lançando o livro e a esposa do presidente da academia. No decorrer da apresentação do livro, um acadêmico pediu a palavra e olha a pergunta dele: “Professora, com todo respeito, se a senhora verificar direitinho não acha que Deus cometeu um erro na criação”. Eu disse “eu não conheço, o erro que Deus cometeu na criação. Se você sabe qual, então me ensina”.

**Entrevistadora:** Isso em 2013 no lançamento do livro *O julgamento universal de Eva*?

**Entrevistada:** Isso! Olha só tinha homem e duas mulheres. Eu já tava um pouco tímida porque o pessoal da academia, é médico, é político, é gente tudo da alta categoria. Aí ele virou e disse assim... “Eu pergunto qual foi o erro que você encontrou na criação”, ele disse “A mulher, se Deus não tivesse criado a mulher, o casal não tinha sido expulso do jardim, o pecado

não tinha entrado no mundo”. Eu na frente assim, naquele balcãozinho, pulpitozinho pequeno. Aí todo mundo fez silêncio para ver o que eu iria responder, aí eu olhei para ele e disse: “com todo respeito, meu irmão, você já leu a Bíblia toda?”. Ele disse: “Já”. Então você não entendeu, tem que ler outra vez. Ele disse: “Por quê?”, “Porque o pecado não começou no Éden, o pecado começou no céu”. Aí eu fui pra satanáas, a rebelião, um terço das estrelas que acompanharam, foram os anjos caindo juntos, aí eu entrei ali e provei biblicamente que o pecado não começou no Éden. “Além do mais, já que o irmão faz tanta questão de mostrar que Deus não deveria ter criado a mulher, eu queria ser mãe de Adão somente meia hora lá no céu com a permissão de dá um corretivo nele, porque aonde estava o panaca do Adão, usei essa palavra ‘panaca do Adão’, que só tinha ele e a mulher dele e ele deixar a mulher dele conversando com serpente? Por outro lado, porque se foi ele que recebeu a ordem de Deus, porque que ele não impediu Eva de comer, o ato de comer, o Senhor perguntou a ele: ‘Comeu?’ Ele disse ‘Comi’. Foi ato pessoal”. Aí todo mundo ficou assim calado. Eu provei que o pecado maior não foi de Eva, foi de Adão.

Aí eu virei e disse assim: “Já que o irmão achou que Deus errou criando a mulher, que ele criou a mulher, foi a única coisa que ele disse que não podia ficar só era o homem, criou a mulher para o bem-estar do homem e o homem a acusou, eu queria te perguntar uma coisa o senhor sabe qual foi a maior perda do homem do universo, desde que Deus criou terra, mar e todos os animais, seres viventes, você sabe qual é maior perda do homem até hoje”. Aí um se meteu e disse assim: “pela ciência foi a oportunidade de fazer, acontecer, aquilo outro”. Aí um outro: “pela filosofia...”. Aí começaram assim, cada um pelos conhecimentos humanos, eu deixei eles falarem, disse assim: “sinto muito nenhum de vocês acertaram, eu transfiro a pergunta para diretoria, se alguém quiser falar eu abro espaço”. Só tinha duas mulheres. Cada um disse uma coisa. Aí eu fui para vida de Abraão, eu disse: “Deus disse que até das pedras, eles poderia suscitar filhos a Abraão, mas esse mundo seria uma pedreira. Por isso não foi bom que o homem ficasse só, porque o homem só no mundo seria pedra, não é bom que o homem esteja só, é a mulher que equilibra a humanidade”.

E eu ensino as mulheres. Mas um disse assim “mas o homem é o cabeça”. Aí eu disse “falaste bem. Nenhuma cabeça funciona sem pescoço, a mulher é o pescoço. O que nós temos é que ensinar as mulheres, é o pescoço que mexe. Se o pescoço for maleável, leva a cabeça para onde quiser, mas também se essa cabeça for dura, endurecer o pescoço, a cabeça vai ter que lembrar que esse corpo, que ele é cabeça, foi tirada da costela e costela é osso e mulher também é osso duro de roer.” Ela não vai aqui, mas ela arma, ela tem um sexto sentido. Aí eu peguei e

dei uma aula sobre mulher. Aí eu disse “eu não sei por que, que vocês têm tanto ódio da mulher”.

**Entrevistadora:** No caso ali os homens da Academia Brasileira de Letras...

**Entrevistada:** Porque no período de anos eles não aceitavam mulher. Uma das primeiras mulheres foi a Mirthes Matias, entendeu, que era poetisa da Igreja Batista. Olha, eu fui uma das primeiras.

**Entrevistadora:** Foi em 2002, não foi?

**Entrevistada:** É... Aí eu peguei, peguei firme. Dei uma aula sobre o pecado e mostrei que quem mais incentiva o pecado é o homem. Aí eu disse “Qual foi a maior perda do homem?”, aí eu disse “Vocês não sabem... aqui, aqui, ninguém responde”... “Vou dizer pra vocês, qual foi a maior perda. Todos que estão aqui dentro fique de pé”. Aí, botei eles todos de pé “Pega sua mão direita”. “Coloca a mão aqui, repita o que eu vou dizer ‘eu sou’, todo mundo ‘eu sou’ o que, ‘eu sou semente de homem’”.

Aí todo mundo repetiu, aí uns bateram palma, aquela coisa toda, pode sentar. Mas o homem não teve direito de dar sua semente para a humanização do filho de Deus para tirar o pecado do mundo. Olha o que diz a Bíblia “da semente da mulher”, Gênesis, “nascerá um que esmagará a cabeça da serpente”. O homem perdeu o direito.

“Porque meu irmão”, olhei pro outro: “Você que disse que Deus errou em criar mulher, sabe por que, que Deus fez isso? Para mostrar que ele é Deus. A mulher não é pra produzir semente, é para gerar a semente, mas como homem acusou ao criador como você estava fazendo ali agora, e a mulher perdeu o direito de dar semente dele para gerar o segundo Adão. Deus pegou a mulher. Ela perguntou “Como vai se dar isso? Não conheço o homem.”, “A semente não será de homem, será obra e graça do Espírito Santo”. Fofa, a história é longa...

**Entrevistadora:** É a gente vai, vai... muita coisa já foi até dita.

**Entrevistada:** Isso é pra você ter noção.

**Entrevistadora:** Assim, atualmente assim, eu coloquei numa sequência lógica as perguntas para gente poder desencadear, mas muita coisa que você tá adiantando já são perguntas que viriam.

**Entrevistada:** A Academia...

**Entrevistadora:** A Academia Evangélica de Letras.

**Entrevistada:** A Academia me fez um desafio quanto ao pastoreio, porque eu dirigi igreja eu comprei terreno, eu construí igreja, eu faço casamento, apresento criança, cerimônia fúnebre tudo que for preciso, mas não era consagrada a pastora não era. Deixa eu ver aqui... a

menina Télia, não trouxe o sino que eu pedi [trecho não totalmente compreensível]... Verônica, vem cá um instantinho... acho que... Zenilda já saiu?

**Terceiros:** Não, Zenilda já foi, Karina?

**Voz ao fundo:** Acho que sim... tem que ir lá ver.

**Entrevistada:** Já deixa, ela vir aqui que ela conhece melhor... Vou te mostrar uma coisa, eu tinha três carteiras de missionária, não de pastora. Vai lá no meu quarto no guarda roupa, tá assim a porta do meio... abre tem uma carteirinha parecida com essa daqui, se não for essa daqui, é essa que você vai buscar, ah não tá aqui... é, os documentos que estão aqui. Então, eu recebi uma ligação do presidente da academia.

**Entrevistadora:** Isso assim que você ingressou em 2002?

**Entrevistada:** Hum...

**Entrevistadora:** Assim que ingressou em 2002 na Academia?

**Entrevistada:** Não... eu já estava há algum tempo. Eles reuniram os líderes de ministério, Batista, Metodista, Congregacional, Presbiteriana, Assembleia de Deus, o português que tem programa na televisão também...

**Entrevistadora:** Ah, Cristo Vive...

**Entrevistada:** É... e tudo quanto era igreja que fazia parte da academia, líder ministerial, mas eu não sabia o que era. Eu recebi a ligação que eu não podia faltar, quando eu cheguei tinha uma mesa assim grande, eu disse “o que eu estou fazendo aqui”, eu disse “Ai, Jesus, me dá sabedoria”, ai eles bateram palma quando eu cheguei, aquela coisa toda.

Aí a palavra... vou resumir, foi assim “nós queremos corrigir um erro, religioso, contra a mulher e queremos começar aqui pela academia, você é pastora, você prega, você canta, você dirige, você batiza, você faz tudo, e não é pastora, tem carteira de missionária... nós queremos que você escolha, em qual desses ministérios você aceita. Meu marido... Ser consagrada à pastora, aí eu deixei eles falarem, cada um apresentou uma coisa. Eu disse “Jesus, me dá graça aqui, que eu vou responder pra esses homens... esse aqui é uma...”

**Entrevistadora:** Depois eu posso tirar foto, dessa carteirinha.

**Entrevistada:** Esse aqui é pastora.

**Entrevistadora:** Aqui tem formação de documentos.

**Entrevistada:** Aqui é outra de missionária.

**Entrevistadora:** Essa aqui foi a primeira de pastora...

**Entrevistada:** Acho que sim a primeira de pastora é que eles erraram.

**Entrevistadora:** Em 2013.

**Entrevistada:** A primeira de pastora foi esse que eles erraram, ao invés de colocar pastora, colocaram pastor, não estavam acostumados a botar pastora...

**Entrevistadora:** A foi a primeira carteirinha.

**Entrevistada:** Tá vendo. Tá dentro disso...

**Entrevistadora:** Em 2011. 16 de 2011.

**Entrevistada:** Isso aqui, minha inscrição no COMERJ.

**Entrevistadora:** COMERJ é...

**Entrevistada:** É o...

**Entrevistadora:** Conselho de pastores do Estado Rio de Janeiro...

**Entrevistada:** Exato, exato... eu faço parte também...

**Entrevistadora:** Depois eu posso, pelo menos essa parte aqui fotografar, aqui atrás nem tanto porque eu sei, tem informações de documentos...

**Entrevistada:** Pode, pode eu deixo... não há problema, eu permito você a fazer isso...mas para mim provar o que eu sei eu preciso te provar, porque você tá fazendo um documento sério, entendeu.

**Entrevistadora:** Aí eles queriam te consagrar né, em algum dos ministérios.

**Entrevistada:** Deles... aí eu deixei cada um fala, cada um foi falando, falando... aí o que eu fiz, você me permite falar uma coisa aqui assim... Aqui cidadã portuguesa.

**Entrevistadora:** Ah, você tem cidadania portuguesa, de Portugal, porque o seu marido foi português.

**Entrevistada:** Sim, era português.

**Entrevistada:** Aí, então eu disse para eles “Olha, tem alguma coisa que eu aprendi que faz parte da minha ética. Primeiro, meu pai me ensinou que toda mulher que quiser crescer no evangelho tem que crescer debaixo de três cajados”, eu falei para eles. “O cajado do pai que deu a semente para gerar, o cajado do marido a quem ele entregou a filha em casamento, e o terceiro cajado, o cajado espiritual, do líder que vai entregá-la para o sumo pastor das ovelhas, tem que aprender a crescer debaixo desses três cajados”. “Outra coisa que eu aprendi”, eu disse para eles, “que nunca a gente cospe no prato que come”, eu disse para eles. “Terceira coisa que aprendi de tudo isso, que quem não sabe ser submisso não pode liderar, e a mulher que quiser crescer tem que aprender isso, agora eu aprendi também que às vezes é melhor a gente calar do que falar. Não significa que isso dá direito aos homens saírem por aí pregando, a mulher esteja calada, porque, se Deus não quisesse que a mulher falasse, ele não lhe daria a voz. Isso na liderança...” Aí eu disse para eles: “Eu não posso cuspir no prato que eu como, tudo que eu faço

eu to debaixo do cajado do meu pastor, do meu pai e do meu marido. E, eu estou emocionada com todos vocês porque eu não sabia que vocês me amavam tanto, não creio que eu mereça isso eu sou tão pequena, tão simples”. Aí ficou todo mundo sério olhando pro outro. Aí eu disse para eles “eu vou revelar um segredo para vocês, eu vou ser consagrada à pastora nas Assembleias de Deus”. Aí um disse assim: “Como se Assembleia não aceita o ministério feminino?”, Aí eu falei assim “Como eu não sei explicar, só quem pode explicar foi aquele que falou comigo”. Aí um perguntou: “Quem foi?”, eu disse: “O Senhor dos Exércitos. Disse para mim, que eu não me preocupasse com título que chegaria a data em que eu seria consagrada oficialmente à pastora e seria a primeira das Assembleias de Deus no Brasil, a oficialmente ser consagrada à pastora”.

**Entrevistada:** Eu não podia esperar que fosse o Silas, porque o Silas é machista... Você não ouviu nenhuma das mensagens que eu ouvi lá na Honório Bicalho. As pessoas diziam assim para mim “Você apagou hoje, hein, menina”, eu disse “Eu não... Ele tá batendo na noiva que não é dele, ele vai dar conta em tempo próprio”. E qual foi a primeira pessoa que ele consagrou quando assumiu a igreja? A mim. Pastora. Tem um retrato aí, posso até te mostrar...

**Entrevistadora:** Ele também então, certa maneira também, nesse período também... também acabou vivenciando essa transformação, não foram só as mulheres, os homens também foram sendo modificados...

**Entrevistada:** Foram, foram... eles foram modificados, mas é o Espírito Santo que trabalhou, e você sabe de uma coisa, agora não tem uma série de pastoras consagradas por ele, inclusive a esposa...

**Entrevistadora:** Inclusive nós vamos aqui nesse ponto, se atualmente tem alguma líder, alguma mulher, alguma liderança feminina que você considere como exemplo de fé aquele que seja um referencial para mulheres hoje...

**Entrevistada:** A nossa igreja tem mais de 60 mil membros, e a Elizite é a líder das mulheres vitoriosas, são chamadas mulheres vitoriosas, é a esposa dele, mas nós temos mais, mais uma dúzia de mulheres consagradas a pastoras aqui, mas se você for ver, tem a Helena Raquel, que dirige uma igreja, eu estive na igreja dela...

**Entrevistadora:** Acho que é em Mesquita, não é? Ali naquela região ali, baixada ali...

**Entrevistada:** É, é... Eu posso pegar o endereço para você, tenho telefone, tem tudo, tem a... quer ver uma coisa... Karina, chega aqui um instantinho, por favor... me dá algum nome de pastoras que pregam aqui na Penha, que dirige igreja...

**Karina:** Que dirige igreja, aqui?



**Entrevistada:** Não, que dirige...

**Karina:** Ah sim... aqui Helena Raquel, que prega aqui sempre.

**Entrevistada:** Pega uma folha de papel para ela escrever, por favor, rapidinho...

**Entrevistadora:** Deixa eu pegar minha caneta... Aí pastora... essas mulheres assim...

**Entrevistada:** Ele me consagrou e agora tem mais de uma dúzia de pastora na penha consagrada por ele, mas são esposas de pastores, meu marido não era pastor, e nenhuma delas fez o que eu fiz, eu abri trabalho no Espírito santo, abri em tudo quanto é morro tudo quanto era lugar, aqui bota aqui Helena Raquel é como lá o nome do local que ela está.

**Karina:** A pastora Helena Raquel é de Queimados.

**Não identificado:** Karina, Fernanda Brum também é pastora.

**Entrevistadora:** Queimados né, ali mesmo aquela região baixada ali já ouvi falar dela.

**Entrevistada:** Me lembra outra...

**Karina:** Pastora... A senhora fala de outras denominações.

**Entrevistada:** Pode ser.

**Entrevistadora:** Mulheres que lideram hoje, assim, são diferenciais.

**Karina:** Carina Barros, pastora Elizete prega, mas são tudo da ADVEC.

**Entrevistada:** Não faz mal.

**Karina:** Camila Barros, é pastora.

**Entrevistada:** Camila Barros... bota aqui em cima Elizete Malafaia, porque ela não é apenas pastora, ela é pastora de pastoras.

**Karina:** E as três que eu conheço, as outras são missionárias.

**Entrevistada:** Mas tem mais outras pastoras.

**Entrevistada:** Eu tive numa igreja em Portugal.

**Karina:** Marines Coimbra, pastora, tem a pastora Coimbra.

**Entrevistada:** Tem até de Portugal, que eu visitei uma igreja de uma pastora que.

**Karina:** Marines Coimbra, ela é lá do Pará, ela prega aqui.

**Entrevistadora:** Marines Coimbra... Marines, né?

**Entrevistada:** Você não tem uma lá da Bahia.

**Karina:** Que prega aqui, tem mas não é pastora, é esposa de pastor.

**Entrevistadora:** Mas assim não é nem pastora.

**Entrevistada:** Líder.

**Entrevistadora:** Na sua visão, assim hoje pensar uma líder, né? A senhora é uma líder, é um referencial, mas, assim, outras mulheres que hoje têm se colocado nessa posição.

**Entrevistada:** Fernanda Brum...

**Entrevistadora:** Mas que você particularmente admire.

**Entrevistada:** A Fernanda Brum que foi até ameaçada de morte, o carro dela levou 8 tiros. Por quê? Por causa do trabalho que ela tem na África. Fernanda Brum, eu levei ela aos Estados Unidos, ninguém levava, eu levei para ela conhecer, para pregar e tudo e tem mais é que assim na hora.

**Entrevistadora:** São muitas né, hoje tem bastante, antigamente era mais difícil, eram menos nome...

**Entrevistada:** Hoje tem Batista, tem Metodista, tem Presbiteriana, você procurando devagarzinho você acha...

**Entrevistadora:** Isso, nós vamos para a segunda parte aqui para falar do papel da mulher na igreja e na sociedade. Muita coisa já foi até dita, mas a gente vai sistematizando pra pra...

**Entrevistada:** Você tem esse livro?

**Entrevistadora:** Qual? *O trabalho da mulher na igreja*? Sim, o que eu não tenho ainda é esse aqui eu ainda não tenho.

**Entrevistada:** Esse daqui ele vai sair aperfeiçoado, porque ele está esgotado.

**Entrevistadora:** É, eu não consegui adquirir.

**Entrevistada:** E eu estou já com o original dele, trabalhado ali, para fazer o novo livro.

**Entrevistadora:** Mas assim, para mim, é interessante esse, nessa edição de 2007, depois a gente vê isso aí.

**Entrevistada:** Se eu tiver um segundo...

**Entrevistadora:** Uma das suas secretárias, tem a Karina, e ela me disse que tem esse livro que, se eu deixar o endereço, ela envia para mim.

**Entrevistada:** Sei... Porque eu sempre deixo dois, um na minha biblioteca lá dentro e ou outro aqui porque, de vez em quando, por lei, a gente tem que dar satisfação de alguma coisa e é tudo registrado tudo direitinho.

**Entrevistadora:** Tudo certinho... e como você avalia hoje a posição da mulher na sociedade assim... A mulher. Até onde você acha que a mulher é ou não é valorizada?

**Entrevistada:** Pode ou não pode, tem ou não tem, o que ela pode ser, peraí, deixa eu te mostrar uma coisa aqui... que se você não leu vai te ajudar.

**Entrevistadora:** Tem aqui a 7 mas a 7, meio que já foi dita sobre a questão do machismo na igreja.

**Entrevistada:** Certo.

**Entrevistadora:** Que, pelo o que eu entendi, a pastora considera que sim...

**Entrevistada:** Tem.

**Entrevistadora:** E teve.

**Entrevistada:** E, ainda tem... Algumas igrejas quebrou o tabu, mas outras não, outra ainda existe, espera a... que eu quero aqui... o que eu quero te mostrar...

**Entrevistadora:** Seria o prefácio aqui que você fala da questão do feminicídio.

**Entrevistada:** Não... tem ele ali também mas não é essa... deixa eu ver se tá aqui nesse capa vermelho...

**Entrevistadora:** Deixa eu tirar aqui para você.

**Entrevistada:** Esse aqui... você já leu esse livro? Pois bem vou te dá um dele.

**Entrevistadora:** Ah, que bom.

**Entrevistada:** Vou te mostrar o que ele tem para o que você tá trabalhando parte de perguntas que você está fazendo... “mulheres guerreiras dignas de serem reveladas, mulheres notáveis do Antigo Testamento e do Novo Testamento, mulheres e suas grandes conquistas, eu falo das mulheres que eram soldados treinadas, peladas que teriam que pular fogueiras nuas para mostrar que tinham fibras você tem que ler.

**Entrevistadora:** Esse livro é de qual ano, esse livro?

**Entrevistada:** Hã?

**Entrevistadora:** Esse livro foi escrito em qual ano?

**Entrevistada:** Aqui... Deve tá aqui nessa página acha aqui...

**Entrevistadora:** Posso... não tem.

**Entrevistada:** Bem... Mas você vai ver... aqui, além de eu falar delas no Antigo e no Novo, o machismo tem suas raízes, você vai encontrar as vítimas do machismo, você vai encontrar, mulheres estão morrendo... porque, se o homem e a mulher não se ama, o que acontece aí, eu venho, eu dou... é claro que eu não falo todas, porque eu vou fazer uma coleção só de mulheres da Bíblia. Estou trabalhando “a Bíblia apresenta...”

Eu botei: “Mulheres notáveis do Antigo Testamento: as principais”, não todas, não botei todas, não estão todas, mas tem aqui... Mulheres notáveis do Novo Testamento, “Mulheres notáveis dignas de serem lembradas”. Tá aqui, você vai achar tudo aqui, você vai encontrar as mulheres sobre... o dia internacional da mulher, como começou, como foi decretado e a história também no Brasil, mulher escrava e a busca da liberdade. Eu fui fundo... Eu fui fundo, eu fui até na biblioteca do Exército.

**Entrevistadora:** Que você expressa sua visão da mulher na sociedade como um todo, não só na Bíblia...

**Entrevistada:** Exato... Exato, socorrendo as vítimas do pecado da escravidão e do machismo. Você vai ler isso aqui, você vai...

**Entrevistadora:** Essa sua visão, ela sempre foi assim, ou também de certa maneira, no decorrer do tempo, ela foi modificada na questão da mulher...

**Entrevistada:** Eu fui conhecendo Brasil e exterior...

**Entrevistadora:** Isso desde lá na década de 60/70 foi quando começou as pregações...

**Entrevistada:** Eu fui para os EUA e na primeira vez.

**Entrevistadora:** E aí, seus olhos assim, você já tinha essa visão? Dessa mulher vítima do machismo...

**Entrevistada:** Eu já tinha uma visão, eu fui assim muito lentamente [baixa compreensão do áudio], percebendo e tem uma coisa que eu aprendi: eu amanso o homem na primeira, eu elevo ele, eu boto as mulheres de pé e faço dar uma salva de palmas para eles, porque eles foram criados primeiro, eles ficam todos cheios, mas depois oh... eu pego, eu sou professora, então eu sei como eu lido com eles... mulheres sendo livres por Cristo, mulher de bem com a vida, você tem que estar de bem com você, de bem com seu marido, de bem com seus filhos para você ser uma mulher de bem com a vida... a serva de Naamã... eu quero te mostrar outra coisa, como surgiu o dia internacional da mulher, você sabe?

**Entrevistadora:** Eu já ouvi que foi o incêndio, não foi numa fábrica numa greve lá nos Estados Unidos...

**Entrevistada:** Ali foi, a ação contra elas.

**Entrevistadora:** Isso, que teria gerado.

**Entrevistada:** Tá aqui, a saga pelos direitos sociopolíticos das mulheres, eu botei até as datas aqui, os lugares, por quem foi aqui oh: Lucrecia, Rússia, França, aqui oh, muita coisa que vai te interessar, você pode olhar aqui informa de onde tirou e pronto.

**Entrevistadora:** Vai ser muito proveitoso.

**Entrevistada:** Agora aqui começa uma etapa, qual título.

**Entrevistadora:** A mulher e o trabalho no Brasil, a mulher e a política.

**Entrevistada:** Você vai encontrar tudo isso aqui.

**Entrevistadora:** Ok.

**Entrevistada:** Onde começou, como começou, por quem começou o lugar que começou tudo isso para entendimento.

**Entrevistadora:** Ok.

**Entrevistada:** E eu... uma coisa aqui, que eu queria mostrar para você aqui, bem a mulher na política... isso aqui, isso aqui fala comigo... Esta oração é uma oração feita por inspiração, que eu escrevo muito de madrugada, aí quando chega um determinado ponto, eu peço para o Espírito Santo me inspirar. Oração de gratidão pela vida da mulher “Sou tão pequena, Senhor, porque, porque, porque e eu vou comparando”, mereço nada, mas por causa da minha pequenez, Deus morreu, aí eu faço uma pergunta para reflexão da mulher: “O que é que você tem para ser usada e fazer o nosso mundo feliz? O que você tem, pensa, entendeu?”.

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Não precisa ler tudo, só essas frases aqui, só essa daqui até aqui só para você ter uma ideia daquilo que nós estamos fazendo...

**Entrevistadora:** “Temos a delicadeza das flores, temos a força de ser mãe, o carinho de ser esposa, a alegria de ser amiga, a paixão pelo trabalho, a gratidão de ser serva de Deus, o amor por ser e ter amiga. Temos Deus em nós, temos a unção do Santo Deus, é o que faz a diferença nesse planeta”. Muito bonito.

**Entrevistada:** Tá entendendo, dentro disso aí eu escrevi o livro, “Amigas...” você não conhece o “Amigas...”.

**Entrevistadora:** Esses livros para as mulheres têm, eu vou, eu vou pular as ordens aqui para gente poder ir pegando...

**Entrevistada:** Tudo bem...

**Entrevistadora:** Aproveitando... que, às vezes, o assunto já entrou em pauta e a gente não precisa ficar tá se prendendo.

**Entrevistada:** Exato... é só formular redação.

**Entrevistadora:** Tem um livro *O desafio...* não, *O trabalho da mulher na igreja...*

**Entrevistada:** Sim...

**Entrevistadora:** Na edição que eu tenho, tem um papelzinho lá dentro, encorajando e pedindo que as mulheres dessem um retorno, mulheres que lessem dessem um retorno, queria saber se houve esse retorno, vou ver aqui, como eu formulei para ficar...

**Entrevistada:** Olha aqui uma coisa que vai te interessar também...

**Entrevistadora:** *A esposa do obreiro e sua missão.*

**Entrevistada:** O ano desse livro é 2016, mas quando foi a primeira edição.

**Entrevistadora:** 2007... *A esposa do obreiro e sua missão*, isso aqui é interessante.

**Entrevistada:** Eu acho que um desse daí, foi tirado, fez uma tiragem de 10 mil, vendeu tudo em 6 meses.

**Entrevistadora:** A vendagem para mulher, mas assim lá no primeiro livro...

**Entrevistada:** Foi boa porque não tinha nada.

**Entrevistadora:** Foi...

**Entrevistada:** eu comecei, fiz propaganda, botei na revista Circulo de Oração na Seara, e a Casa Publicadora fez um encontro só de esposa de pastor em São Paulo em Águas de Lindoia, e eu levei esse livro para ela, “assim de mulher”... mas como tem mulher de obreiro sofrida, humilhada, arrasada... foi um trabalho tremendo, mas foi um trabalho muito bom, aí que vendeu mesmo, Casa Publicadora já ganhou muito dinheiro e tá me devendo muito dinheiro de direitos autorais que não me pagou.

**Entrevistadora:** *A mulher e as pequeninas coisas* foi uma boa vendagem?

**Entrevistada:** Foi porque não tinha nada foi isso, a primeira tiragem então.

**Entrevistadora:** Não tinham assim autoras mulheres que escreviam para mulheres até então, não só... CPAD eu sei que foi a pioneira, mas no geral era muita pouca coisa, como é que era...?

**Entrevistada:** O que tinha de escrito de mulher era sobre poesias e peças de representações teatrais na igreja e era mais batista.

**Entrevistadora:** A Batista que, que tinha uma posição até mais conservadora né do que a Assembleia em relação a mulher...

**Entrevistada:** Tinha, tinha... mas nesse ponto tinha mais livros do que nós, entendeu, muito mais, nós não tínhamos nada. Bem, vamos lá...

**Entrevistadora:** Vamos lá, vamos ver aqui o que a gente trabalhou alguns pontos.

**Entrevistada:** Vou pedir para pegar uma aguinha para nós, deixa a Karina aparecer.

**Entrevistadora:** No caso, em relação à sociedade, você acha que a mulher tem mais espaço ou menos espaço na igreja, em relação à sociedade?

**Entrevistada:** Hoje, hoje a mulher tem mais espaço...

**Entrevistadora:** Na igreja.

**Entrevistada:** Na igreja.

**Entrevistadora:** Do que na sociedade como um todo...?

**Entrevistada:** Agora, a sociedade...

**Entrevistadora:** ...naquele período década de 90?

**Entrevistada:** Naquele período, isso que tava te mostrando aqui a mulher não podia nem votar ela não tinha direito a votar.

**Entrevistadora:** O quê?

**Entrevistada:** Eu pesquisei sobre isso.

**Entrevistadora:** Ah sim. Na história lá né, nos anos 40.

**Entrevistada:** Exato, ela não tinha o direito de votar, ela não tinha praticamente de nada, a mulher era escrava, o homem era o dono da mulher. O judeu nem falava com a mulher na rua. A gente tem que entender isso, que Deus é que fez a libertação da mulher...

**Entrevistadora:** Já nesse período naquele período que a mulher não podia nem votar, você acha que aquele período a igreja.

**Entrevistada:** Eu botei esses anos aqui para trazer uma dimensão da história mundial, é claro que eu não consegui tudo, eu fui para a biblioteca do Exército, biblioteca pública, para pesquisar, porque não tinha nada, ninguém escrevia nada, eu botei aqui oh, saga pelos direitos sociopolíticos das mulheres, 1788, o que que tá escrito, aqui o político e filósofo francês.

**Entrevistadora:** Condorcet, reivindica direitos e participação política, emprego e educação para as mulheres.

**Entrevistada:** Entendeu... 1840, voce tá querendo a coisa lá atrás tá entendendo.

**Entrevistadora:** Não, mas assim, naquele período ali.

**Entrevistada:** Mas aqui não é da Bíblia, é da história, tá entendendo e não vai oh...

**Entrevistadora:** Sim, a questão da mulher na sociedade, na história, a gente sabe desse apagamento, mas tô falando assim lá... anos 60/70/80, aquele período ali que a gente tá olhando essa situação anterior, vamos dizer assim normalização de mulheres pastoras, que, certa maneira, tem ocorrido.

**Entrevistada:** Sei.

**Entrevistadora:** Naquele momento ali, vamos colocar um marco aqui, década de 80, final da década 80, você lança seu primeiro livro, naquele momento, a mulher tinha mais espaço na igreja ou na sociedade? Hoje você vê que, na igreja, considera que tem mais espaço do que na sociedade...

**Entrevistada:** Olha, a sociedade só abria espaço para mulher na área, de média para cima, para ser professora. Tudo quanto era mulher era professora, tá entendendo? Ou era costureira. Mas você não via política, você não via escritório... Oi, vem cá... Você não escritório, você não via nada disso. Hoje, a mulher tá mandando mais do que o homem, olha para política, olha para as jornalistas, olha para isso, eu sou formada em jornalismo também...

Filhinha, pega dois copinhos de água para a gente... você liga a televisão, tudo quanto é canal tem mulher, antigamente não tinha. Eu tive uma vez, eu fui praticamente humilhada na rádio *Copacabana*, porque eu tinha meu programa de criança, a rádio *Relógio*, eu fui convidada num trabalho de homenagens às mulheres, me fizeram uma série de perguntas, e eu respondi francamente, mas não fugi daqui. Mostrei que Deus honrou a mulher. Você ainda não leu esse aqui.

**Entrevistadora:** Não ainda, esse não.

**Entrevistada:** Você vai ler... Aí um batista lá, foi tão grosseiro falando publicamente, os telefones foram todos ocupados, eu praticamente nem precisei responder, as pessoas que estavam vendo programa responderam... minha filha, nós temos que ver um livrinho para ela... Olha, eu acho que tem um outro livro desse.

**Karina:** Tem na sua biblioteca. A sua biblioteca, deve ter uns 3, pastora, mas já aberto...

**Entrevistada:** Porque faz parte da coleção.

**Karina:** Então aí só tem assim... O último que tinha eu vendi, até um irmão que queria não tem mais.

**Entrevistada:** Veja se você tem um outro lá.

**Karina:** Esse aí é o último que a gente tem aqui, a senhora fala lá... eu já procurei lá.

**Entrevistada:** Achou?

**Karina:** O único que tinha eu vendi, que tava lá fechado.

**Entrevistadora:** Se tiver aberto não tem problema não.

**Entrevistada:** Não. Mas é porque ela precisaria tirar as umas coisas.

**Karina:** Mas tirar que fala é pra ela estudar né.

**Entrevistada:** Não, é pra ela formular...

**Karina:** Então, lá deve ter uns quatro ou três na sua biblioteca, mas aberto.

**Entrevistada:** Pega, não importa que esteja aberto, pega um. De preferência que não tenha nenhuma dedicatória.

**Entrevistadora:** Olha, vamos lá, isso aqui você já falou sobre a questão dos constrangimentos por ser mulher na rádio, você tava me contando a história da rádio *Copacabana*.

**Entrevistada:** E o rapaz, respondi algumas coisas para ele, mas os telefones começaram a tocar, tocar... as pessoas respondiam por mim e em cima dele.

**Entrevistadora:** Ele fez algum comentário desagradável em relação à mulher?



**Entrevistada:** Ele disse o seguinte “A mulher só serve para atrapalhar”. De um modo geral, ele classificou a mulher igual a um animal irracional, tanto faz como tanto fez.

**Entrevistadora:** E ele era um pastor?

**Entrevistada:** Exatamente... estudante inclusive do colégio batista.

**Entrevistadora:** foi anos 70, né, que você tinha programa de rádio?

**Entrevistada:** Exatamente... aí eu virei para ele, eu disse: “Olha, você está sendo ouvido por mulheres e por homens e eu dou liberdade nesta hora aqui como jornalista que se alguma mulher ou algum homem quiser dizer alguma coisa para você, que não vai constranger eles porque eles não estão aqui, eu dou minha vez para eles te responderem, porque você merece umas respostas”. Ah, minha filha, o telefone começou a tocar de um lado para outro a ponto da esposa do Arolde de Oliveira sair do escritório e ir para o local que nos estávamos fazendo o programa.

**Entrevistadora:** Era uma rádio cristã?

**Entrevistada:** Da rádio do Arolde de Oliveira, El Shaday. É... menina, a coisa ficou feia, aí quando terminou o programa, ele ainda veio para mim, eu disse para ele “Desculpa qualquer coisa, mas eu dou os parabéns a você”. Ele disse “Por quê?”. “Porque você não é diferente dos homens, você foi gerado no ventre de mulher, você tem mãe?”, olhei assim: “Você é casado? Tem filha?”, “Tenho!”, “Se não tivesse a mulher, você não estaria aqui”, eu disse para ele “O próprio filho de Deus precisou de uma mulher para o gerar, por que você tem essa bronca contra a mulher? Será que você não tem um pouco de mulher em você?”... Aí o cara e outros pastores, escutando assim, teve um que disse para mim “Menina, você é tremenda, você no meio de uma diplomacia, você não alterou a voz nenhuma vez, você botou ele no lugar dele”. Aí eu disse assim: “Pra que brigar? Se a verdade fala mais alto, a maior raiva que a pessoa tá errada tem, é quando a verdade é dita para ele sem xingar, sem brigar, você prova e não briga, pronto acabou”.

**Entrevistadora:** É verdade, contra fatos não há argumentos.

**Entrevistada:** Por isso que nós somos diferentes.

**Entrevistadora:** Aqui, olha, sobre as mulheres receberem o chamado pastoral, você já falou né... as mulheres, por exemplo, hoje em dia Assembleia de Deus, tem a Vitória em Cristo e tem a Assembleia de Deus que ainda é a ligada à Convenção em Belém, eles consagram mais no sentido da mulher pastora pastorear ao lado do pastor... na sua opinião, a mulher ela pode e deve pastorear sozinha?

**Entrevistada:** Ela pode pastorear sozinha, desde que ela tenha maturidade. E essa maturidade eu divido como, primeiro, conhecimento; segundo, consciência da posição que ela tá sendo usada; terceiro, não se aproveitar para fazer o que os machistas fazem, eles humilham as mulheres e tem mulheres que se aproveitam para humilhar os homens... Não humilha não, exalta eles, e você ganha mais força sobre eles. Faz o seguinte: bota o carimbo aqui que eu vou dá esse aqui para ela, pega um sobre amigas.

**Entrevistadora:** Nessa sua visão...

**Entrevistada:** Qual foi outro que você disse que não tinha?

**Entrevistadora:** Esse aqui que tá na sua mão.

**Entrevistada:** Esse aqui?

**Entrevistadora:** É, *A esposa do obreiro e sua missão*.

**Entrevistada:** É, *A esposa do obreiro e sua missão*.

**Entrevistadora:** São esses... É... Essa sua visão sempre foi assim, sempre foi assim ou essa visão sobre a questão do pastoriado da mulher mudou com o decorrer dos anos?

**Entrevistada:** Não...

**Entrevistadora:** Você sempre teve essa missão?

**Entrevistada:** Eu sei porque eu acompanhava meu pai como pastor, eu aprendi que a submissão exercida com inteligência dá mais autoridade do que a autoridade sem ser prudente. Você se submete com amor e eu já fiz, já refiz tantos casamentos ensinando isso “É que meu marido é assim”, vence ele pelo amor, pelo carinho, nem adianta você brigar comigo, eu continuo te amando, dá um abraço nele, dá um beijo e diz até que a morte nos separe, acabou a briga, dali ele vai para a cama.

**Entrevistadora:** E no ministério também né, com os homens na igreja.

**Entrevistada:** No ministério também... Você tá entendendo?

**Entrevistadora:** Entendi.

**Entrevistada:** Então, a mulher tem que ser diplomata, ela tem um sexto sentido que o homem não tem, o homem se você fizer assim, ele faz também, se você der um soco, ele dá também, se ele der um chute, você vai levar outro, se você der um empurrão, a mulher não precisa fazer isso, tá brigando, você pega aqui a mão dele, não benzinho, não é isso não desculpa, eu não te fiz entender, depois a gente fala sobre isso, não.

**Entrevistadora:** Aí o assunto resolve?

**Entrevistada:** Você faz ele calar, porque você fez as pazes primeiro. Por isso que ele não pode estar sozinho, porque o mundo ia ser pedreira.

**Entrevistadora:** Agora passando aqui para os livros, tem muita aqui que já foi dita, no livro *A mulher e pequeninas coisas*.

**Entrevistada:** Foi o primeiro...

**Entrevistadora:** Escrita ali nos anos 80, lá tem um momento no livro que você lista o chamado da mulher e nessa listagem...

**Entrevistada:** tem um aqui, deixa eu ver onde ele está.

**Entrevistadora:** tem um aqui momento que você faz uma listagem do chamado da mulher dos campos que as mulheres teriam sido chamadas e não cita... Então o ministério pastoral, o chamado pastoral, naquele momento você via esse chamado como uma possibilidade?

**Entrevistada:** Via e vou te contar um debate... Bota ali do lado... Quero ser uma das primeiras a receber uma cópia disso, hein?

**Entrevistadora:** Vai, pode ter certeza, vai ser sai final do ano a dissertação.

**Entrevistada:** Você disse que não tinha...

**Entrevistadora:** Obrigada, pastora, vai ser muito proveitoso. É o livro que tava faltando no quebra-cabeça.

**Entrevistada:** É... tá a gente vai entrar nele agora.

**Entrevistadora:** Mas nesse, *A mulher e as pequeninas coisas*, você via o chamado já?

**Entrevistadora:** Obrigada.

**Entrevistada:** O que que eu via aqui, me pediam para escrever para mulher, aí meu primeiro assunto foi esse: os tesouros espirituais do cotidiano. A mulher sabe, ela não chega brigando com o marido quando ele pergunta o que tem para comer “Tem nada, você não deixou dinheiro, não comprou carne, não fez isso, não fez aquilo, bem isso aqui, bem para comprar...” Não precisar brigar, não tem carne, mas não tem ovo, faz bife, bola, não tem sobra de comida do outro dia, bota uns dois ovos, faz uma fritada, cria. Isso é tesouro do cotidiano, a capacidade que você tem de transformar, uma roupa, por exemplo, que você há muito tempo precisa de uma roupa nova. Pega aquela roupa, dá um retoque, tá nova. Então, o que eu quis fazer no primeiro livro foi fazer a mulher valorizar o que tem, porque meu pensamento era esse, Deus usa o que a gente tem no que não tem. O que o profeta perguntou, declara Ana, “O que você tem na sua casa?”, ela disse “Não tem nada”, então Deus não tem nada para fazer se não uma botija de azeite é o suficiente. A gente valorizar as pequenas coisas, como um tesouro, que a gente tem em casa. Às vezes você tem uma coisa que você não valoriza, mas outra pessoa pega aquilo que você tá pronta para jogar fora e vai se enriquecer com aquilo, então pequenas coisas

nós temos que olhar, olha o tamanho que você está você não nasceu com esse tamanho, você era uma sementinha, tudo que é grande foi pequeno, pensa isso tá, entendendo uma foto desse tamanho é fruto de um tic tic, aqui olha lá o tamanho que está, entendeu... Então o valor, quem não valoriza varrer uma casa, limpar uma igreja, arrumar um púlpito, arrumar os bancos, como eu arrumava quando menina, não pode chegar ao púlpito. Você não vai mandar fazer uma coisa que você não sabe, nem ensinar. Como você vai pedir. Valorize o pequeno, para que chegue a ser grande, entendeu? Faça isso. É muita experiência que eu tenho... me pegaram uma vez em Minas, numa festa de mulheres, cheio de criança, mineiro faz filho pra valer, a tia Rosinha tá aí, pede ela para dá uma palavra para crianças... eu não tinha nada, olhei assim papelaria, corri na papelaria, comprei uma folha de papel, preta, vermelha, uma branca, cartolina branca e que mais amarela, as quatro cores, eu vi um chapéu velho na secretaria da igreja, chapéu velho assim, nem fechava estava direito o cordão assim. Fui lá e pedi aquele chapéu ao irmão para fazer uma ilustração. Peguei aquelas folhas e botei peguei o livro *Sem palavras*, você conhece?

**Entrevistadora:** Livro...

**Entrevistada:** *Sem palavras*.

**Entrevistadora:** Não conheço não.

**Entrevistada:** Então eu vou cantar só o corinho para você entender... Meu coração era sujo (preto), mas Cristo aqui já entrou (vermelho), seu precioso sangue, (ai vem o branco), tal alvo assim o tornou e disse a sua palavra que em ruas de ouro andares (amarelo) o dia feliz quando eu cri, e a vida eterna ganhei (verde esperança da eternidade). Peguei aquelas folhas corri para a secretaria, gastei como é que se diz, cola, tudo que o irmão tinha, peguei aquele chapéu, fiz do chapéu um motivo de ilustração, fui pra praça, ensinei o corinho e contei a história e o plano da salvação mais de 100 crianças aceitou a Jesus ali na praça, não tinha nada, não tinha nada, levado nada.

**Entrevistadora:** Você estava naquele evento como o quê?

**Entrevistada:** Convidada.

**Entrevistadora:** Foi para pregar para mulheres ou foi para participar do evento?

**Entrevistada:** Nós levamos um coral, foi um coral e uma banda, foi dois ônibus daqui da igreja para atender lá em Carangola.

**Entrevistadora:** Você já era conhecida pelo seu trabalho no rádio para as crianças, né, como a tia Rosinha?

**Entrevistada:** Exatamente, aí cheguei lá, criei uma ilustração, ainda fiz uma segunda ilustração, eu vi uma caneta para homem que trabalha em ordem, para riscar madeira, para

marcar, aí vi “Qual é o maior tamanho que o senhor tem aí?”, ele foi, me mostrou, eu disse, me vende essa. Comprei. Tirei o miolo. Se não tiver isso aqui não escreve. Fiz um desafio para as crianças, quem é bom de escrita? Botei um quadro, escreve qualquer coisa aqui com essa caneta, toma. Aí ele foi lá virou pra aqui virou “prali”... não, ela não escreve... mas não escreve que coisa caneta não escrever, como pode caneta não escrever, por que ela não escreve? Ah, porque ela não tem tinta... aí eu mandei ele arrancar aquilo tudo, não tem conteúdo aí eu disse assim “assim é o ser humano que não tem Deus” é vazio. Entreguei uma mensagem em cima da caneta: você quer ser uma de caneta vazia ou uma caneta com conteúdo? Tá entendendo? Uma coisa simples, acabou.

**Entrevistadora:** São essas pequenas oportunidades, esses pequenos momentos, que tem o seu valor...

**Entrevistada:** A gente chega e faz.

**Entrevistadora:** ...que tem a sua importância.

**Entrevistada:** É verdade.

**Entrevistadora:** Aí pelo que eu entendi, o ministério pastoral, o chamado pastoral é... você já via como uma possibilidade quando escreveu o livro? Apesar de não ter colocado no livro como um dos chamados.

**Entrevistada:** Eu via... não, não coloquei porque a Assembleia de Deus não aceitava.

**Entrevistadora:** Era uma questão mais de aceitação.

**Entrevistada:** E eu estava na Casa Publicadora...

**Entrevistadora:** Então entendi.

**Entrevistada:** Olha, o que eu coloquei aqui, mulher sendo usada na obra de Deus, trabalhando na vinha, testemunha até os confins da terra, testemunha de mãos, a mulher que dá, que costura, como Dorcas. Testemunha de pés que saem e vai. Testemunha de joelho que ora. Testemunhas com palavras, que fala. Não tem que ficar calada, fala e não te cales. Não é porque Paulo diz que as mulheres estejam caladas é porque elas estavam atrapalhando o culto. Eu já preguei sobre isso. Aqui oh, testemunha sem palavras, com procedimento, como modo de vestir, modo de andar, e aqui humildemente usando os talentos recebidos, aqui já estão nos talentos, se os talentos foram os dons espirituais que Deus te deu, usa. Sem falar a palavra pastora, eu mostrei o ministério da mulher. Entendeu?

**Entrevistadora:** Sem o título, né, sem o tabu...

**Entrevistada:** Exato.

**Entrevistadora:** E, então assim aqui, *A mulher e as pequeninas coisas* ressalta a importância das pequenas coisas que ela pode fazer no reino de Deus, é como uma oposição a uma complementação... qual seria então na sua visão as grandes coisas que a mulher pode realizar no reino de Deus?

**Entrevistada:** Se for as perguntas que eu fiz ali que, que temos para Deus usar, pode usar aquilo. Primeira coisa você ser feliz por ser mulher. Eu nunca desejei ser homem, não quero ser homem, graças a Deus que eu já fiz coisas que se eu fosse homem eu não poderia fazer, mas como mulher eu fiz. Graças a Deus. Eu já preguei para padre. Nos Estados Unidos, eu preguei numa igreja católica. Meu filho fez as agendas e sonhei à noite que entrava em uma porção de casas, assim, assim, cheio de santinhos, quando eu virava na frente os santinhos viravam de costa. Aí eu perguntei para o meu filho “Filho, que igreja é essa que eu vou pregar hoje? Porque eu sonhei isso e isso”, aí ele “Ih, mãe, não sei. Quem me telefonou foi uma missionária perguntando se teria um dia para senhora ir lá, eu peguei, botei na agenda”. “Tá bom”. Eu fui pro quarto, dobrei o joelho, pedi a Deus “Me dá uma palavra pra essa igreja”. Senhor disse assim “Fala sobre Maria, eles não amam Maria, não adoram Maria”. Sobre o que eu falei de Maria. O primeiro milagre, a frase que eu usei foi essa Jesus dizendo aos serviçais do casamento: “Fazei tudo quanto eles vos mandar”. Eu perguntei quem são os serviçais, quem são o que deve fazer o que Deus manda, comecei pelo papa, ali tava cheio de padre que tirou a bata pra mim não saber que eles eram padre, tava cheio de irmão de caridade que tirou a roupa botou a roupa de pessoa comum para não identificar e pediu para pastora não falar nada que eles tinham alugado a igreja católica para ela fazer culto. E, eu não sabia nada e nem conversar com ela eu pude. Mana, o que que eu fiz, pedi a Deus a palavra e fui, fui, fui, eu disse para eles “Será que você tá fazendo tudo aquilo que Maria mandou fazer? Ela disse ‘faizei tudo quanto ele vos mandar’”. Aí eu trouxe uma série de coisa de Jesus, disse para fazer, aí eu disse uma coisa que eu não entendo eu amo Maria, porque ela bendita entre as mulheres, exaltei ela, por ela ter aceitado se submetido até chegar um ponto de ser mal interpretada, como adultério, como ter traído o noivo tudo. Ela foi uma mulher extraordinária, um exemplo, o que eu não consigo entender não entra na minha cabeça, eu venho de uma família católica, falei assim pra eles, eram chamados até de beatos, fazenda do meu avo tava lá, para padre rezar a missa, fazer ladainha fazer tudo. “Como é que se ama Maria e não obedece ela? Você adora Maria, mas não faz o que ela manda?”, eu entrei no evangelho assim...

**Entrevistada:** depois um bispo foi falar comigo: “A senhora foi muito sábia”. Eu disse “Não, eu falei aqui, a minha palavra foi simples. É aquilo que tá na palavra de Deus”. Ele disse:

“Mas se a senhora tivesse dando uma palavra contra os nossos santinhos, qualquer um deles, amanhã essa pastora já não teria mais o direito de entrar aqui e fazer o culto que ela faz aqui. A senhora não falou sobre nenhum dele”. Bem, eu disse pra eles, pra ele “Mas eu não tenho nada contra eles. Meu compromisso é com o filho de Deus. É aquilo que Maria disse ‘fazeis tudo como Deus mandar’”. Você sabe o que aconteceu? A igreja católica se transformou em uma igreja evangélica.

**Entrevistadora:** Lá nos Estados Unidos.

**Entrevistada:** Estados Unidos, isso aí.

**Entrevistadora:** Foi em qual época mais ou menos?

**Entrevistada:** Olha, meu filho tá lá a 20, vai fazer 22 anos.

**Entrevistadora:** Seu filho mora lá?

**Entrevistada:** Mora lá. Eu acho que isso tem mais de 10 anos.

**Entrevistadora:** É...

**Entrevistada:** É, mais de 10 anos.

**Entrevistadora:** No livro *A mulher cristã: sua imagem no espelho da palavra*, tem um prefácio, uma abertura, cê começa dedicando as filhas de Eva. É, é...

**Entrevistada:** Eu peguei aqui.

**Entrevistadora:** É... falando sobre filhas de Eva, é...

**Entrevistada:** Eles estão aqui, está aqui.

**Entrevistadora:** A mulher no espelho da palavra, cadê?

**Entrevistada:** É que eu já escrevi tanto livro, são mais de 40.

**Entrevistadora:** Cê fala... ah, tá aqui. Sua imagem no espelho da palavra.

**Entrevistada:** Sei.

**Entrevistadora:** É, você começa dizendo: todas as injustiças, né, que essa mulher teria sofrido. Acho que você meio que falou isso, mas só pra gente poder é marcar, né, essa resposta.

**Entrevistada:** Sei.

**Entrevistadora:** Na sua opinião, a maneira como a mulher vem sendo retratada por interpretações bíblicas, de alguma forma, né, pode parecer assim justa em alguns momentos. Acho que há uma tendência de ser. É...

**Entrevistada:** Eu sei onde você quer chegar.

**Entrevistadora:** De interpretar de uma forma mais injusta a, o papel da mulher?

**Entrevistada:** Cadê o novo?

**Entrevistadora:** O que eu, *A mulher no espelho da palavra*.

**Entrevistada:** De novo, Eva.

**Entrevistadora:** Não. Ah, tá. Pera aí.

**Entrevistada:** Pode, pode continuar falando, tô te ouvindo.

**Entrevistadora:** Não, é, é essa, essa, pergunta. Se na sua opinião, assim, dependendo, algumas interpretações podem, né, trazer a mulher de uma forma injusta.

**Entrevistada:** Mas você quer interpretação de onde?

**Entrevistadora:** As interpretações bíblicas no geral, assim, no geral, feitas sobre a mulher.

**Entrevistada:** Veja bem, eu não quero isso, eu quero o último, que tem o outro.

**Entrevistadora:** ...que tem no final onde você fala sobre...

**Entrevistada:** Vê se te botei, vê se te botei, um aí.

**Entrevistada:** Não aqui não. No final que você fala sobre feminicídio?

**Entrevistada:** É, Karina.

**Entrevistadora:** Eu, eu cheguei a vê-la, me mostrando.

**Entrevistada:** Me traz um “de Eva” novo.

**Entrevistadora:** Julgamento universal né, de Eva.

**Entrevistada:** Eu dividi em duas partes, que vai te responder isso. A primeira parte eu só botei quem era contra.

[Sussurros no fundo – **Karina:** Ainda falta muito pra terminar?]

**Entrevistada:** Hein. Abre aqui esse pra mim.

**Karina:** Falta muito pra terminar?

**Entrevistadora:** Não, não, já tá indo pro final já. Então...

**Entrevistada:** Já estamos no final.

**Entrevistadora:** Já estamos aqui na 14, se 18, já tamos quase finalizando.

**Karina:** Tá bom.

**Entrevistada:** É que a pergunta dela é mais profunda do que, que ela tem que dá uma palavra pra quem é crente e quem não é.

**Entrevistadora:** É... pra gente entender o contexto social.

**Entrevistada:** Eu entendo o que ela está fazendo. Eu quero que você entenda isso aqui. A acusação, e Deus criou o homem, Eva, obra das mãos de Deus, Eva disse: dá e a sedução da serpente.

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Eva, a mulher protagonista da queda.



**Entrevistadora:** Por isso em filhas de Eva, né?

**Entrevistada:** É.

**Entrevistadora:** Essa mulher injustiçada, né?

**Entrevistada:** É. Essa primeira parte, veja bem, Eva é a curiosidade científica. Porque se você não falar uma ciência, as pessoas não te dão valor. Porque você tá fazendo a faculdade. Se você falar só na Bíblia... é, mas ciência diz isso, a filosofia diz isso, isso e aquilo, então eu botei tudo isso aqui. De “adjuntora” adversária, porque ela foi protagonista da queda. Eva e a singularidade feminina, a criação de Eva, é desprezada e questionada. Porque existe um questionamento de uma suposta Eva, que não é a verdadeira Eva.

**Entrevistadora:** É a “Lily”.

**Entrevistadora:** É, você vai ver aqui, você vai encontrar. Eva, suas descendentes no banco dos réus; os inimigos da criação de Eva prosseguem; Eva implora favor do Senhor. Aí, vou pra segunda parte, a defesa. Por isso, você tem que ler tudo. Você tem que vê de tudo que acuso, tudo que menosprezam, tudo fala contra. Depois vem, Eva e suas descendentes, há alguém que as defendam? A pergunta. Que falem os patriarcas, que falem os magistrados, que falem os reis, que falem os profetas. A cruz mudou a história das mulheres. Compreendendo o mistério da cruz. Jesus, o filho de Deus advoga a favor de Eva. Uma palavra atual sobre sobre as filhas de Eva. Femicídio, um ato de covardia contra as filhas de Eva. Conclusão, vem a pergunta: você condenaria Eva? Você tem que ler. Porque o argumento que eu coloco aqui, eu estou provando bíblica e historicamente. Tá entendendo?

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Eu vou mostrando.

**Entrevistadora:** Mas assim, é, então, assim, realmente há assim algumas interpretações, na sua opinião bíblica.

**Entrevistada:** Claro.

**Entrevistadora:** ...que foram feitas, que, de certa maneira, bota a mulher de uma maneira injusta.

**Entrevistada:** Deixa eu, deixa... vou contar não sei o que muito conhecida, pegaram uma mulher em adultério e levaram pra Jesus. E disse: a lei de Moisés manda que as tais sejam apedrejada. Foi pega em fragrante. Cadê o outro que estava em fragrante? Não foi levado, só levaram a mulher. E os homens já foram com pedra. E citaram a lei, a lei manda que as tais sejam apedrejada. E tu? O que dizeis? Jesus olhou pra eles, não respondeu nada. Aí tá tudo com a pedra na mão. Jesus só olha pra eles e disse assim depois: “Aquele que dentre vós estiver sem

pecado, atire a primeira pedra”. E começou a escrever na areia, na terra, no pó. A Bíblia não diz o que Jesus escreveu. Mas diz o resultado, que a partir do mais velho, foram se retirando. O que dá entender, que vamos supor que você seja mais velha e seu nome seja, vamos dizer, Marlene. Ou vamos dar um nome de homem pra ficar mais certo, Eduardo. Você é Eduardo. Tal dia cometeu esse mesmo pecado, com fulana, com sicrana, com sicrana e com sicrano, ele olhou, aquele que tiver sem pecado, atire a primeira pedra. Aí ele olhou, eu também não posso atirar a pedra porque também cometi esse pecado aí. Vai saindo quietinho e joga a pedra fora. Aí Jesus bota, fulano você fez isso e isso, isso e isso. A partir do mais velho, foi se retirando um a um, ficou só Jesus e a mulher. Jesus perguntou pra ela “Cadê teus acusadores?”, ela disse “Não sei, Senhor”. “Ninguém te condenou?”. Ela disse “não”. “Nem eu te condeno. Vai, não peques mais”. Tá entendendo?

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Os acusadores estavam ali. Outro texto também muito importante, a mulher que pedia que pela filha endemoniada. E os discípulos disseram, despede que ela que vem perturbando atrás de nós, gritando “Filhos de Davi, socorre, minha filha”, tremendamente endemoniada. E os discípulos dizem, espere, Jesus disse para eles, eu não fui enviado, se não resolverem perdidas a casa de Israel. Mas ela não era israelita. Tá entendendo? Era uma “sirovinencia”. Aí Jesus respondeu pra ela, pra mulher, “não é bom tirar o pão da boca dos filhos e dá pros cachorrinhos” Porque a nação dela era considerada os cachorrinhos, era judia. Ela disse “eu sei, Senhor. Mas os cachorrinhos sobrevive com a migalha que cai da mesa do seu senhor”. O que ela tava dizendo? Eu me conformo com a migalha da tua graça. Me socorre. Só tu pode me dar essa migalha. Salvar minha filha. Jesus voltou-se para ela e disse assim “Grande é tua fé, nem em Israel encontrei tanta fé. Seja feita para contigo com desejo teu coração”. Na mesma hora a filha em casa foi liberta. Esse exemplo, mas tem outros.

**Entrevistadora:** Uhum. Jesus ele tinha uma visão, né? É, é... mais justa em relação à mulher.

**Entrevistada:** Exatamente, e outra coisa, você ao ler o livro, você vai ver que Jesus ressurreto apareceu primeiro pras mulheres. A primeira mensagem que ele mandou para os discípulos foi pelas mulheres. Tá entendendo? Ele na cruz não deixou sua mãe desamparada, mandou o filho tomar conta. E outra coisa, Jesus nunca deixou de atender uma mulher. Entende? Jesus, o filho de deus “adevoga” a favor de Eva.

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Este livro é seu.

**Entrevistada:** Ah, obrigada, pastora, eu vou ler sim. Vai ser bem, bem esclarecedor.

**Entrevistada:** Você veio mexer com quem escrever.

[risos]

**Entrevistadora:** Eu vou ler. Eu tenho bastante leitura. Mas pra mim é ótimo. Que aí vou tendo esse quadro na cabeça.

**Entrevistada:** Certo.

**Entrevistadora:** É...

**Entrevistada:** Que mais?

**Entrevistadora:** Seguindo, vamos lá. A pá já foi. Aqui. Ah tá. No livro *A mulher no espelho da palavra*.

**Entrevistada:** Esse que tá aqui.

**Entrevistadora:** Isso. Esse segundo livro que aí.

**Entrevistada:** O que mais te incomodou?

**Entrevistadora:** Que eu descobri que não é o segundo né, o segundo seria esse aqui. Não é? Eu não conhecia, a mulher e o valor precioso das mãos.

**Entrevistada:** Olha, não. O segundo quando colocou isso aqui: *Mulher e Bíblia*.

**Entrevistadora:** Ah, tá. Então, esse aqui você procura encorajar as mulheres, né, nesse livro.

**Entrevistada:** Sim.

**Entrevistadora:** Ao trabalho principalmente na evangelização.

**Entrevistada:** É.

**Entrevistadora:** Né? E, nessa mesma época, eu lendo o jornal *Mensageiro da paz*, na mesma época vinha projeto missionário da Assembleia de Deus.

**Entrevistada:** Sei.

**Entrevistadora:** ...que era o projeto “Década da Colheita”, né?

**Entrevistada:** Certo.

**Entrevistadora:** Pro crescimento e expansão das Assembleias de Deus.

**Entrevistada:** É...

**Entrevistadora:** É... então, é duas perguntas. Primeira é se esse grande movimento que tava havendo na igreja de alguma forma inspirou a sua escrita. E segundo, é até que ponto na sua opinião as mulheres contribuíram com a expansão das igrejas nesse período, que as igrejas cresceram muito na década de 1990.

**Entrevistada:** Olha, presta atenção. Desde o princípio o maior número de membros do corpo de Cristo, que é a igreja, são mulheres. Pode procurar em qualquer denominação, são as mulheres. Porque as mulheres são mais sensíveis à voz de deus. E por incrível que pareça, são as mulheres que conquistam mais homens pra Deus do que homem.

**Entrevistada:** É o pescocinho que mexe a cabeça.

**Entrevistadora:** É, a “Década da Colheita” influenciou.

**Entrevistada:** Influenciou...

**Entrevistadora:** ...na escrita do livro?

**Entrevistada:** Influenciou, porque, inclusive, eu era professora de seminário e eu dava evangelismo.

**Entrevistadora:** Disciplina de evangelismo.

**Entrevistada:** Eu cheguei a levar na sala de aula um vasinho pequeno, com dois carocinhos de feijão que eu coloquei no algodão molhado. Quando começou a sair as folhinhas, eu botei num jarrinho bem bonitinho, levei pra casa. E eu dei uma aula que quem não planta não colhe. Se você colher, você tem que plantar. E ainda tem, eu dei o título assim: ainda há semente no seleiro. Se você quer plantar, tem semente. Entendeu? E levei aquilo mostrando o carocinho de feijão saindo da folhinha. Pesquisa, isso é pesquisa de aula de química. Entendeu?

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Com agronomia.

**Entrevistadora:** Aí, no caso, então, tava totalmente inserida nesse contexto, né, da “Década da Colheita”, esse movimento.

**Entrevistada:** Aí eu mostrei aqui, a igreja quer colher, mas não está plantando suficientemente para que a colheita seja abundante. Entendeu? E eu disse tem semente. Eu fiz até uma brincadeira na classe, mandei cada uma pegar a Bíblia. Vocês leem a Bíblia? Pega a Bíblia, cada um a Bíblia. Guarda os cadernos, guarda tudo, só a Bíblia. Eu disse assim, cada um pegue a sua Bíblia e diz para o Senhor “Me dá uma palavra agora” e abre. Vamos vê o que Deus vai falar com você. Menina, mas foi tão maravilhoso. Que teve gente que abriu resposta daquilo que a pessoa tava lutando, passado.

**Entrevistadora:** Caramba.

**Entrevistada:** Foi uma coisa extraordinária. E eu que fiz com os pastores. Eu fui dar aula para os pastores. Minha primeira aula pra pastor, eu fiz dois jejum, pedindo a Deus. O senhor Jesus me disse assim: mostra eles o que é doutrina e o que é costume. Aí eu fiz dois

paralelo, doutrina/costume. Eu pedi que todos botasse a carteirinha. Ah, você quer que tirar foto daqui?

**Entrevistadora:** Depois eu vou...

**Entrevistada:** Porque eu tenho máquina.

**Entrevistadora:** Aah, mas eu, pode tira com, pode ser com o celular também. Tem problema não.

**Entrevistada:** Tá, porque eu tenho xerox ali, você que sabe. Eu disse o seguinte... que eu tô com a secretária ainda ali, vê qual você quer. Karina.

**Entrevistadora:** A de missionária e de pastora, é, todas né, de missionária e pastora, essa daqui pra pesquisa não vai ter.

**Entrevistada:** Não.

**Entrevistadora:** Essa daqui, pastora e de missionária, com as datas né

**Entrevistada:** Olha, ela quer umas fotos, aqui de, deixa eu vê.

**Karina:** Quer que eu tire? [voz sussurrada]

**Entrevistadora:** É mais essas carteirinhas de pastora e de missionária que tem as datas né, são marcos né.

**Entrevistada:** É... Pastora, tira um do COMERJ.

**Karina:** Só aqui atrás ou de tudo?

**Entrevistadora:** Acho que ela quer.

**Karina:** Porque a documentação tá toda aqui.

**Entrevistadora:** Na frente, na verdade, o mais importante pra mim é até aqui. E a data, atrás é por causa da data.

**Karina:** Certo.

**Entrevistada:** Deixa eu vê essa daqui, essa daqui é de que, de missionária?

**Entrevistadora:** Aqui.

**Karina:** Tira todas, pastora?

**Entrevistadora:** É.

**Entrevistada:** É, muita, tem repeti..., essa daqui “pastor”, ficou errada.

**Karina:** Então me dá essa aqui.

**Entrevistadora:** Mas essa é interessante. Essa daqui interessante, porque tem história, né, vem com um “pastor” que, na verdade, foi um erro deles.

**Entrevistada:** Exato, porque, né, não aceitavam a pastora.

**Entrevistadora:** É...

**Entrevistada:** Mas, então, você sabe, eu recolhi essas todas carteiras, botei isso aqui... Pequei uma mesinha pequena, botei uma toalha, mandei todos eles colocarem a carteira ali.

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Aí eu disse pra eles, olhem pra mim, muitos de vocês tem idade de ser o meu pai, pode ser meu pastor, meu mentor, mas eu quero dizer que agora, aqui sentado, ninguém é pastor. Aí um disse assim “Como assim? Ninguém é pastor?”. “A carteira de vocês tá tudo aqui comigo. Quem não se senta pra aprender, não pode ficar em pé pra ensinar”. Aí ficou todo mundo assim. “Por que que vocês estão aqui? Vocês não fizeram seminário? Vocês não prepararam? Vocês foram pelo o que os outros falaram, não foram conferir se tava certo ou errado, se era vontade de Deus, se não era?”. Aí eu disse: “Então eu vou começar não pela doutrina, pelo costume que é o peso da nossa denominação e muitas vezes vergonhoso. Cada um examina si mesmo. Bota mão aqui, na cabeça, e diga ‘eu vou examinar minha atitude diante de Deus, não vou pensar no outro, vou pensar em mim’”. Eu fiz eles fazerem isso. Eu disse “Quantos meninos vocês excluíram porque chutou bola, porque brincou com bola de gude, porque brincou com pipa?”. Aí fui falando, “Quantas meninas vocês excluíram mulher porque cortou uma franjinha, porque deu uma aparada no cabelo, ou porque passou um esmalte branco na unha?”. Aí eu levei relacionado “Quantos vocês fizeram, pense cada um, deixe os outros, pensem cada um, vocês são tudo pastores, pensa. Quantos vocês botaram pra fora porque houve uma calúnia? Não foram verificar se era verdade, foi logo *tchuu* cortando. Quem é você? Que que a Bíblia diz, não serais juiz, nem de vivo nem de morto, porque é Deus que a” [inaudível].

**Karina:** Tirei já.

**Entrevistada:** Tá... Aí eu fui apertando eles. “Quanta calúnia você aceitou porque fulano era teu amigo, porque sicrano dá um dízimo maior?”. Por isso, por aqui, falei de batom, falei de tudo. Eu disse “Isso são costumes”. “Quantos vocês disciplinaram porque botou um cordão? E a Bíblia fala de cordão e a mulher que perdeu a ‘draquina’ e foi procurar qual era o compromisso da ‘draquina’?” E eu fui dizendo. Peguei a Bíblia, aí eu disse agora “Vamos ver aqui o que é doutrina. Pra ser doutrina, tem que ter de dois a dez confirmação daquilo que está escrito”. Diferentes, eu peguei. “Salvação, cura divina, batismo com o Espírito Santo, dons espirituais e ser pastor, ser consagrado, tudo”. Aí eu disse pra eles, eu tinha que terminar a aula no máximo duas horas da tarde. Comecei as nove da manhã. Eu disse “Bota a caneta em cima da mesa e fecha a Bíblia, depois de cada um ter lido sua parte. Momento de reflexão, arrependimento e reconciliação”. E botei as palavras no quadro.

**Entrevistadora:** Isso, era uma classe de pastores.

**Entrevistada:** Só pastores.

**Entrevistadora:** Década de 1990, foi na época do início do processo da colheita.

**Entrevistada:** Exato. Aí eu disse pra eles, botei. “Olha pra sua vida, quem você era? O que é misericórdia? É a Bíblia diz assim: misericórdia quero. O que é graça? O que é favor imerecido? Aí eu fui pra Bíblia “Deus olhando dos céus a terra, não viu nenhum justo, nenhum sequer. Então você também está abrindo os pecadores”, não dizia nada. Aí eu fui mostrando aquilo que era comum fazer e foi numa ocasião que teve um escândalo de igreja que dividiu sabe. Eu ficava sabendo de tudo porque trabalhava na casa da pregadora, então é.

**Entrevistadora:** Passava tudo por lá.

**Entrevistada:** Passava. Aí quando eu falei aquilo, eu disse, ninguém olhe pra ninguém. “Curve a cabeça, faça a sua reflexão. Veja onde você pecou”.

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** “Com rótulo de pastor. E quem você já jogou pra fora e nunca mais você viu, nem foi buscar uns desses pra Jesus?”. Menina, teve um irmão que começou a falar em línguas estranhas e levantou e foi pra frente. E disse: “quero pedir perdão a Deus porque além de fazer e eu ensinei a outros fazerem erro”. Um dos mais velho.

**Entrevistadora:** Nossa.

**Entrevistadora:** Aí outros começaram a pedir perdão, chorar e Deus usar, e falar. Aí o pastor Túlio. E pastor mesmo é “Qrecy Diquerum”. O diretor da “epoi” e o pastor Túlio, diretor geral porque era o pastor da igreja de São Cristóvão.

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Foram lá vê porque já ia dar 17 horas da tarde e aquela oração não acabava. Ninguém saía. Quando chegaram que viu aquela manifestação do poder de Deus, eu acei... tititi rapidamente contei o que Deus estava fazendo. Aí meu pastor Túlio, como era presidente de Convenção da Assembleia de Deus de São Cristóvão, eu disse chegou aqui nosso pastor, eu vou passar pra ele o final dessa aula para que ele faça o encerramento. E dei um papel pra ele mostrando a diferença de uma coisa da outra. Ele confessou que ele também já tinha cometido esses erros, porque foi ensinado errado. Ele disse “creio que hoje é um dia de conserto”, botou todos eles de joelho e levantou a mão.

**Entrevistadora:** Esse crescimento que foi tão grande na década de 1990 da igreja evangélica como um todo, da Assembleia de Deus em especial, dentro do campo pentecostal um crescimento muito grande, de certa forma tá ligada a essa flexibilização em relação a costumes, doutrina, em relação ao espaço da própria mulher.

**Entrevistada:** Olha.

**Entrevistadora:** Você acha que tem ligação?

**Entrevistada:** De alguma maneira tem, mas já perdeu. Mulher não usava calça cumprida e hoje muita Assembleias de deus, inclusive a nossa, usa. Você nunca vai me vê dentro da igreja de calça cumprida. Porque todos terninhos que eu tinha lá da Mesbla, eu dei tudo. Pra não usar. Você nunca mais vai me vê de brinco. Minha orelha não é furada. Nós éramos sete irmãs, todas seis furaram orelha, chegou na minha vez, o Senhor diz essa não. Essa foi furada orelha desde o ventre. É minha para sempre. Porque antigamente na lei quando era liberado um escravo, se ele gostasse tanto do seu senhor, quisesse ficar com ele, dizia: fura minha orelha e me faça servo para sempre. O senhor não deixou humanamente furar minha orelha e disse que já estava furada desde o ventre. Eu não uso brinco. O que eu já ganhei de brinco e já dei.

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Eu boto um cordãozinho, eu às vezes boto uma pulseirinha, eu gosto de um anelzinho, mas na orelha não mexo. Entendeu?

**Entrevistadora:** Uhum. Mas isso é uma coisa...

**Entrevistada:** que faz parte, de costume. Tem igreja que se fizer isso é disciplinada ainda.

**Entrevistadora:** Mas, de certa forma, então com essa flexibilização também possibilitou o crescimento né?

**Entrevistada:** Exato.

**Entrevistadora:** Abriu caminho para o esclarecimento. É no livro que eu botei aqui o papel, na verdade é *O trabalho da mulher na igreja*.

**Entrevistada:** Sim.

**Entrevistadora:** Né? A edição que eu tive acesso tem um pedido pra que as mulheres compartilhassem, escrevessem.

**Entrevistada:** Sei.

**Entrevistadora:** Aí eu queria saber se você recebeu muita dessas impressões, e aí pra completar, é, é possível saber, né, como o livro foi recebido pelo público feminino? Como essas mulheres recebiam esses livros?

**Entrevistada:** Olha, eu, eu, eu entendo que elas não eram de escrever, mas muita gente me telefonava. Entendeu? E às vezes vinha na oração, dá testemunho. Eu tenho testemunho, tenho testemunho de cura, de libertação, salvação de marido, por leitura de livros. Entende?



**Entrevistadora:** Mulheres que se encorajaram ao ministério.

**Entrevistada:** Que se encorajaram e voltaram mulheres de pastores que não fazia nada, foram despertada. Foi um, houve um movimento que eu fiquei assim, eu, eu não esperava. Não tinha nosso do que o Espírito Santo ia fazer. E Deus fez. Agora nós estamos numa fase fria. Todo mundo só quer assistir. Tá entendendo? Ir pra monte, sair pro hospital, ir pra presídio. Minha filha, enfrentar o que eu enfrentei na Central do Brasil. Eu vi um montão de gente, pensei até que era ar livre evangélico. Era um homem macumbeiro, com uma corda. Que chamava, amarrava a pessoa aqui tchan tchan. Se a pessoa não se desamarrava, botava 50 reais numa toalha que ele botou no chão. Eu vi aquela porção de gente, pensei que era um ar livre. Eu tava vindo da Mesbla pra pegar o trem na Central do Brasil pra ir Cascadura, pro Instituto Bíblico Pentecostal. Eu disse “Que, que isso?” Eu tô olhando, olhando, não dava pra vê. Eu fui entrando, entrando até chegar ao ponto de vê. Eu vi, eu vi ele fazer com o primeiro. O cara não conseguiu desamarrar. Botou 50 reais lá. Pegou o segundo e fez o mesmo. Eu parei assim, olhava pra pessoa e olhava pra ele. Ele olhou assim “Gostou, garota? Quer participar?”. Eu disse “Quero”. Aí disse assim: “Aqui oh, aqui minha gente, tem uma menina que quer participar. Vocês não têm coragem, né”. Aí eu disse: “Só que vou participar de maneira diferente”. Ele disse “Como assim? Eu vou te amarrar e se você não desamarrar, essas pessoas que botaram o dinheiro aqui, podem pegar e ir embora pra casa, que enganou todo mundo”. Eu fui amarrando ele “em nome de Jesus, eu te amarro Satanás, em nome de Jesus, te amarro”. Amarrei e disse: “Desamarra”. Ele fez tudo, tava acostumado com nó cego e não conseguiu. “Eu te dou mais cinco minutos. Todos tão vendo? Ele não conseguiu”. Então vocês pegam o dinheiro de vocês e vão embora. Porque ele enganou todos vocês. É um espírito de demônio, vai ficar aí amarrado, em nome de Jesus. O senhor disse “vai embora, deixa ele amarrado”, o pessoal pegou o dinheiro de volta.

**Entrevistadora:** Como [inaudível] você vê isso?

**Entrevistada:** Quantas vezes eu fui pras barcas, com pacote pesado de jornal *Mensageiro da paz*, evangelizar na fila. Quantas vezes eu fui pra li pra Praça da Bandeira, no ponto do ônibus, Caxias, Praça da Bandeira. Evangelizar. E às vezes pegava o ônibus e evangelizava dentro do ônibus. Quem é que faz isso hoje? Quantas vezes eu evangelizei dentro do trem. Minha irmã, hoje eu acho que a igreja tá parada. Tá entendendo?

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Não está com aquela dinâmica de evangelização, que deveria ter. Eu tô experimentando fazer isso. Mas aí agora nessa epidemia ninguém num pode; num pode fazer ar livre, nem pode juntar, num pode isso, num pode aquilo. Como você vai pregar?

Pega o folheto dá um dá pra outro. Tá entendendo? É um meio de não deixar parar a sementeira. Que mais?

**Entrevistadora:** Então, vamos lá. *A mulher cristã e os desafios da liderança*, né, que é que foi.

**Entrevistada:** Sim.

**Entrevistadora:** Esse aqui que eu ganhei.

**Entrevistada:** Certo.

**Entrevistadora:** Né, de presente.

**Entrevistada:** O outro que vai sair agora depois desse é mais completo que esse.

**Entrevistadora:** Mas esse aqui é a edição de 2007.

**Entrevistada:** É, é, pode levar.

**Entrevistadora:** Olha, o que é que foi que te motivou, né, a escrever esse livro? E você já até falou aqui dos atributos...

**Entrevistada:** Sim.

**Entrevistadora:** ...que a líder deve ter. Mas assim qual é na sua opinião os desafios da mulher como líder que diferenciam essa liderança, que não são desafios próprios do homem líder, né, porque tem a figura masculina e feminina quando lideram, tem desafios que são próprios da mulher líder? E que desafios seriam esses?

**Entrevistada:** Primeiro, diplomacia. A mulher tem que ser diplomata. Não é porque ela tá na frente que ela manda tudo, que pode tudo. “Sou eu que mando, sou eu que faço, tem que ser o que eu quero, do jeito que eu quero”. Não. A pessoa que tá sobre sua liderança pode ter uma ideia que ainda vai melhorar sua ideia. Escuta. Ela tem que ter a capacidade de ouvir. Analisar, ponderar, experimentar, pra vê se vai dar certo. Por isso somos mulher. Não é impor, eu pego funcionário e digo: “seu trabalho é esse, esse e esse até tal dia você tem que tá com esse relatório pronto”. Tal dia eu cobro. Mas eu cobro com diplomacia. “Você já tá com aquele material pronto?” Se é conta pra pagar até dia tal, eu tenho que vê a relação...

**Entrevistadora:** Aham.

**Entrevistada:** ...se é por exemplo um livro que vou mandar pra gráfica, tem dois ali que vai essa semana, ela tá terminando. Hoje pela manhã foi com ela que conversei daqui vamos lá. Eu estou revisando o livro que meu filho escreveu lá em Portugal. Tá aqui.

**Entrevistadora:** Você também tem um filho em Portugal?

**Entrevistada:** Tenho. Que é missionário. Quem define seu valor a trajetória de Davi pelo caminho da... Paulo Viera, pastor. Ele é pastor missionário em Portugal. Já abriu três

igrejas e outro tá 20 anos nos Estados Unidos, participando da obra do ministério de Deus. Eu criei meus filhos pro reino, eu não tive filha mulher, mas eu casei dez filhas desamparada. E essa última que tá aqui comigo que tá casada tem dois filhos. Casei essa duas vezes, porque a primeira vez eu disse pra ela “Não é de Deus, e alguém disse que eu estava dizendo isso porque não queria perder ela na minha casa”. Eu disse “Não, eu vou te provar o contrário”. Fiz todo enxoval dela, sem mãe, sem pai, sem ninguém. Da Bahia também. Com um ano e pouco, o cara botou as unhas de fora. Viciado, queria matar ela, tirou ela do apartamento que eu tinha alugado. Montei tudo. Aí um dia, duas horas da manhã ela me telefonou. “Edmunda, onde você está? Na delegacia de Madureira”, “O que você tá fazendo aí, garota?”, “Fulano quis me matar porque queria dinheiro pra droga e eu não tinha”. Você tá entendendo. Eu disse “Vem pra cá”, eu tava morando ali na Fernandez Pinheiro.

Mas ela disse “Eu não tenho um tostão, até a minha bolsa ele sumiu com ela”. Eu disse “Pega um táxi vem, eu tô te esperando na porta do prédio”. Voltou pra minha casa. Tá aqui, o quarto de empregada, guarda roupa, cama, chuveiro água, luz, tudo, aqui é teu quarto. O que era motorista do meu marido, gostou dela, tá casado com ela, tem dois filhos, e ela trabalha aqui comigo durante o dia, e ele trabalha de motorista, a igreja paga ele pra ser meu motorista na obra de Deus. Um pouquinho da minha vida.

**Entrevistada:** Uhum.

**Entrevistada:** Tá entendendo?

**Entrevistadora:** Aham, essa característica de liderança da mulher, essa diplomacia, tanto da liderança do secular como também na igreja.

**Entrevistada:** Sim.

**Entrevistada:** Que a mulher no caso então deixa eu vê se eu entendi. Tem que ter mais diplomacia do que o homem, é isso?

**Entrevistada:** Mais, e tem que ser firme. Não pode mentir. Séria. Tá entendendo?

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Porque a pior coisa é alguém chegar assim: mas não foi isso que o ce falou. Entendeu? Eu falei isso, isso, isso e isso, e provo. Se alguém gravou, tá aí. Se alguém escutou, tá aí. A fidelidade. Ser fiel até a morte dá a ti a coroa da vida. Eu fiz um casamento essa semana. Aqui naquele prédio dali. Um casal de crente, sete anos que não iam pra igreja. Estavam se preparando pra separar e a mulher doente na cama. Eu fui lá, eu disse, perguntei pra eles aonde ficou o até que. Como é que é? O até que. Ficou aonde na vida de vocês dois. Ai ela olhou e disse: eu não tô entendendo. Não tá entendendo? Quando você se casa que bota aliança

é a até que a morte os separe. E Jesus disse, aquele que for fiel até a morte eu darei a coroa da vida. Aonde ficou até que. Quem provocou a desunião, foi você mulher nervosa, malcriada, respondona. Ou foi você marido autoritário, sem hora de sair, sem hora de chegar em casa, sem compromisso de ser o cabeça. Perdeu os dois assim. Olharam um pro outro. Eu disse, cabeça de grisalha, quantos anos de casados? 42. Que exemplos vocês estão dando para os filhos que vocês geraram. Que já estão casado. Onde ficou Cristo na vida de vocês? Vocês não se envergonham não? Fui dura com eles. Vou fazer uma pergunta aqui, vocês querem ir pro céu ou pro inferno? Ainda tá em tempo de escolher. Se escolheu certo e voltou pra trás, perdeu. Aí os dois começaram a chorar. Eu disse pra ela: “A mulher se humilha primeiro. Peça perdão a ele. O modo como você tem agido, como tem respondido, a malcriação, a altivez, tudo, as crítica”. Eu disse: “Vamos ajudá-la a sentar”. Botei ela sentada na cama, tava deitada. E botei ele do lado. E eu passei pra frente e sentei na cadeira em frente aos dois. Tinha duas irmãs comigo, a Karina e uma outra. Eu disse: “Fica em espírito de oração”. Refiz o casamento deles. Um pediu perdão ao outro. Eu disse “eu quero ouvir”.

“Me dá as alianças”. Orei as alianças deles. E antes de colocar a aliança, o compromisso de homem, o compromisso de mulher, é até que a morte os separe. Menina, refiz o casamento, orei as alianças, colocaram no dedo, fizeram o compromisso. Aí eu virei e disse assim: “Eu dou liberdade ao noivo”. Não chamei de marido não. Eu tava fazendo o casamento. De beijar a noiva. Aí foi, aí de mãos dadas.

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Primeiro, você que é o cabeça diga pra ela: ‘filha, vou te amar até que a morte nos separe’. Aí virei pra ela, “Agora você pra ele”.

**Entrevistadora:** Aí resolveu [risos]. Resolvido.

**Entrevistada:** Faz parte disso aqui, liderança. Aí ele teve que sair um pouquinho antes, porque tinha que ver o compromisso que estava do carro, que o cara estava conferindo. Aí eu pude conversar com ela e dizer pra ela: “Você é geniosa. Você não precisa me falar, só de olhar pra você, eu sei que você é assim, assim, assim, assim, assim. Mas eu quero te dizer que você foi feita mulher, e não homem. O homem é ele. Quem traz o sustento da casa é ele. Mesmo estando pronto pra separar, você tá comendo, bebendo, tem remédio, tem tudo, e é ele que paga. Ponha-te em teu lugar de mulher”. Apertei, porque é geniozinha, malcriada. Sabe? Tem que aprender.

**Entrevistadora:** Aí resolveu?

**Entrevistada:** É, resolveu.

**Entrevistadora:** Pra encerrar, pastora.

**Entrevistada:** Sim.

**Entrevistadora:** É, ah, tudo que foi falado aqui, ficou bem claro que tá mudando, a sociedade mudou.

**Entrevistada:** Mudou.

**Entrevistadora:** A igreja vem mudando em relação à mulher.

**Entrevistada:** Está...

**Entrevistadora:** Como é que que a senhora vê a mulher no futuro dentro da igreja? Como a senhora vê esse espaço da mulher no futuro? Vê com bom...

**Entrevistada:** Eu vou te contar uma revelação. Pra você entender o que Deus vai fazer. Eu tive uma revelação. Eu fui levada por dois varões a uma reunião do inferno, mas eu não podia entrar. Eu fui levada até a porta. Ficou um anjo de um lado e um de outro. Pra mim assistir a reunião que Satã estava fazendo. E a pergunta dele foi essa: “O que faremos para retardar a marcha da noiva?”. Quem é a noiva? Quem é a noiva? Cê sabe?

**Entrevistadora:** A igreja, né?

**Entrevistada:** É, a Igreja.

**Entrevistadora:** A personificação da igreja?

**Entrevistada:** Então, ele queria saber o que fazer com os demônios que estavam com ele pra retardar. Porque quanto mais retardar a marcha da igreja, para que o evangelho chega até aos confins da terra, está retardando o julgamento final dele. Tá entendendo?

**Entrevistada:** Uhum.

**Entrevistada:** O juízo final. Eu fiquei ali em pé na porta, aquele dois anjos. Eu não podia colocar nenhum pé pra dentro da reunião dele. Cada demônio disse uma coisa. Falou de fingimento, de adultério, de ser falso com o dízimo, de divisão de igreja, de mentira, de hipocrisia, falou de tudo. Mas levantou um e disse assim: “Eu tenho a solução”. Aí Satã disse “Qual?”. Ele disse “Eu vou começar com os homens. Aquele já de cima não começou com os homens?”. Falou assim mesmo: “É com os homens que eu vou começar”. Aí o outro demônio perguntou: “O que você vai fazer?”. “Os que são fraco, eu vou dar uma mentalidade feminina. E vou fazer eles amarem aquilo que a mulher ama”. Quer dizer, mente feminina. Tá entendendo? “E aqueles que são viril, eu vou colocar uma mentalidade de misericórdia para com esses. Então eles vão tentar satisfazê-los com pena deles”. O outro perguntou assim: “Daí?”, “E daí, você não tá entendendo? Aí é dois lares que eu desfiz. Não vai nascer criança. Não vai ter substituto pra pastor. Não vai ter substituto pra missionário. Não vai ter substituto

pra presbítero. Com isso, eu retardo a marcha da noiva. Eu impeço ela de crescer. Está entendendo? E avançar”. Foi pra onde Satanás todos bateram palma pra ele. Aí o outro, aí Satã perguntou: “E as mulheres? Vou agir da mesma maneira, em sentido contrário”. Tá entendendo? As lésbica. Compreende isso?

**Entrevistadora:** Uhum.

**Entrevistada:** Aí eu disse “Meu Deus, o que é isso?”. Eu tava ali apavorada escutando aquilo. E quando eu saí dali, o Senhor me diz “Faz uma consagração pelos homens”. Eu fiz vinte um dia com a igreja. De consagração a favor dos homens. Principalmente os obreiros, missionários da igreja. E depois eu fiz pelas mulheres. E Deus me deu uma revelação. Eu conduzindo um grupo de mulheres fardadas, de farda e com arma, subindo como se fosse lá pro Cristo Redentor e do lado um homem com a carrocinha cheio de alimento. Elas não podiam parar nem pra comer. Marcham, subindo, pegavam o alimento. Vai comendo e vai andando. Vai comendo e vai andando. Todas assim. Aí eu perguntei “Por que elas terão que subir esse monte?”, “Porque Deus quer que elas tenham a visão de cima para baixo. A visão do céu, pela palavra”. Aí eu perguntei: “Senhor, se o diabo quer acabar com os homens e as mulheres são discriminadas, como elas poderão fazer?” O Senhor diz pra mim “Eu não te coloquei na frente de uma igreja? Eu não te dei uma experiência? Todas elas que aprenderem essa obediência, elas farão tanto quanto homem. Ou até mais. Se souberem ser submissa ao homem, a Deus e a palavra”. Tá entendendo? Obediência, submissão, humildade. Não resolva nada na briga. Deu uma bofetada, dá o outro. Eu já levei uma. E eu disse pra pessoa “O Senhor te cobrará, da sua mão, a bofetada que você me deu”.

**Entrevistadora:** Mas foi de um homem?

**Entrevistada:** Foi de um homem. Na semana seguinte, ele dirigindo um carro, entrou de baixo de um caminhão, morreu o primogênito dele.

**Entrevistadora:** Mas foi quando isso? Foi na...

**Entrevistada:** Isso já tem, tem mais, mais de 12 anos. Deus cobra por nós. Deus cobra por nós. Aqui na nossa Igreja, ADVEC, um pastor se levantou contra mim. Porque eu comprei terreno, paguei em dólar. Fui nos EUA, fiz campanha, levantei dólar. Paguei, construí a igreja, paguei tudo, não diminuí oferta pra igreja que eu estava construindo, a 1191. Prometi três, quatro coisas o pastor. Não levaria a conta pro tesoureiro da igreja pagar. Não diminuiria a contribuição. Tudo que eu comprasse seria com nota fiscal em nome da igreja. E tem mais uma coisa. Nada seria no meu nome, tudo no nome da igreja e tudo conforme a lei. E fiz. Abri trabalho e num castelo no Espírito Santo. E não tirei um centavo da matriz. Pela congregação

eu fiz companhia e construí lá. Ele só foi botar o pastor e dá autorização. Já tenho quatro congregação. Meus dois filhos estão no campo missionário. Eu tô aqui. Eu não tenho uma filha aqui, eu não tenho filho, meu marido vai fazer nove anos que morreu. Eu sou sozinha. Mas eu sou muito mulher pra saber que nasci sozinha e vou morrer sozinha. Minha aliança está aqui. Aliançada com Deus, não quero mais homem na minha vida. Eu quero cumprir meu ministério da página impressa e missões. Onde o Senhor me mandar, eu não tenho medo de nada. Só isso.

**Entrevistadora:** [risos] Então, assim é a mulher no futuro?

**Entrevistada:** É a mulher no futuro. Ela tem que saber liderar, dar ordem, mandar, conquistar, sem ser pela força. É pelo amor que uma vez foi entregue aos santos. Entendeu?

**Entrevistadora:** Entendi.

**Entrevistadora:** É a chave de tudo, tudo, tudo, tudo.

**Entrevistadora:** Pastora, deixa eu pegar nas suas mãos, eu só tenho te agradecer, tá. Muito obrigada.

**Entrevistada:** Certo, amém.

**Entrevistadora:** Pela entrevista, pelas palavras. Eu sei que é, tenho certeza que é, vai ajudar muito a esclarecer um pouco dessa, do que são as mulheres nas igrejas.

**Entrevistada:** E Deus vai te dar uma oportunidade de ministrar pra muitas mulheres. Tudo isso aqui não é em vão.

**Entrevistadora:** Não

**Entrevistada:** E a minha cabecinha tá cheia de coisa que Deus me dá.

**Entrevistadora:** Eu vou fechar aqui.

**Entrevistada:** Tá bem.

**Entrevistadora:** Tá bom? Eu vou fechar a reunião, e a gente pode conversar mais.

**Entrevistada:** Tá bem, tá certo. Ok.

**Entrevistadora:** Tá bom.

## ANEXO B – ILUSTRAÇÕES NA OBRA DE ANTONIETA ROSA VIEIRA



Fonte: VIEIRA, 1987, p. 28.

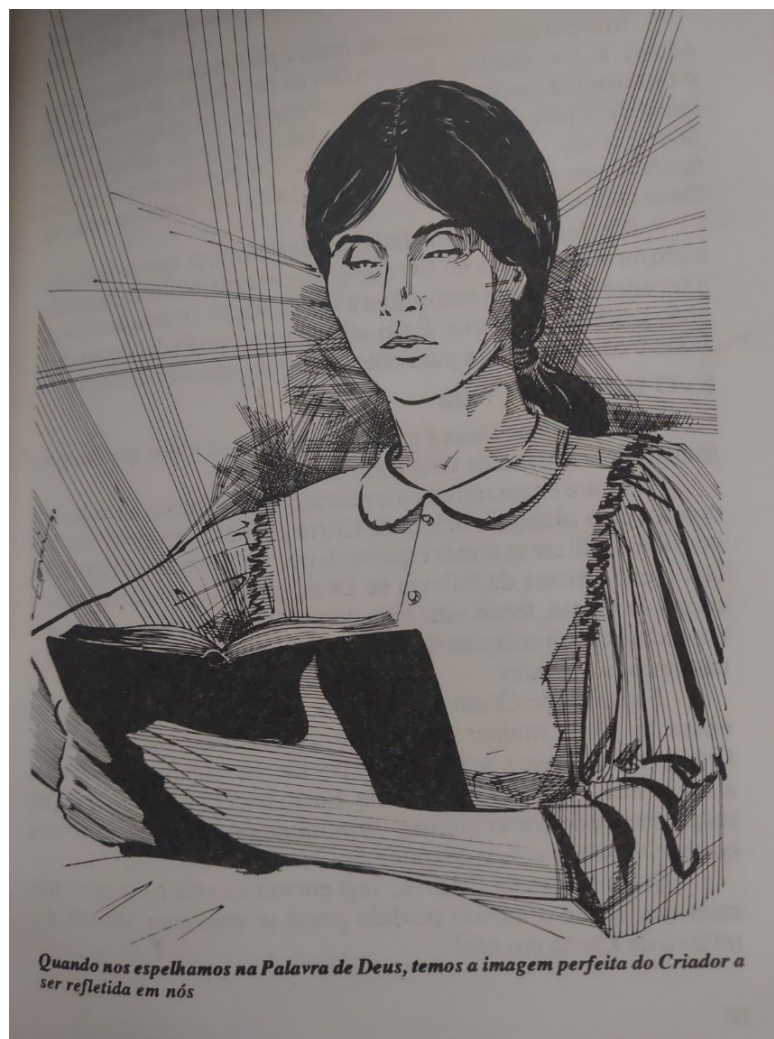




Fonte: VIEIRA, 1987, p. 36.



Fonte: VIEIRA, 1987, p. 68.



Fonte: VIEIRA, 1990, p. 49.



Fonte: VIEIRA, 1990, p. 17.